

**ESCOLAS
MILITARES
DE RIO PARDO
1859 - 1911**



**ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL**



ESCOLAS MILITARES DE RIO PARDO 1859 - 1911

**Cláudio Moreira Bento
Luiz Ernani Caminha Giorgis**



Porto Alegre, novembro de 2005

© do autor
1ª edição: 2005
Tiragem: 1000 exemplares

Composição da capa: Capitão de Fragata Carlos Norberto Stumpf Bento

Diagramação: Flávio A. de O. Camargo & Cláudio Moreira Bento

Divulgação: Genesis Edições

Revisão final e de provas: Os autores

Fotolitos e impressão: Metropole LTDA

Pedidos desta obra:

Academia de História Militar Terrestre do Brasil
AMAN - Av. Presidente Vargas, 442
Campos Elíseos - Resende - RJ
27542-570
Tel: (24) 3354 3355 r. 5051
email: ahimtb@resenet.com.br
www.resenet.com.br/users/ahimtb

CIP - CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO

P159p	<p>Bento, Cláudio Moreira Escolas Militares de Rio Pardo. 1859-1911. Cláudio Moreira Bento, Luiz Ernani Caminha Giorgis - Porto Alegre : Genesis, 2005.</p> <p>192p.: 21 cm</p> <p>ISBN 85-87578-08-0</p> <p>1. Brasil - História - Império. 2. Brasil. Exército. I. Título.</p> <p>CDD: 98104</p>
-------	--

Catologação na publicação:

Departamento Nacional do Livro
ISBN: 85-87578-08-0

Sumário

	Pág.
Apresentação	vii
Prefácio	ix

1ª Parte

HISTÓRICO DO PRÉDIO DO CENTRO DE CULTURA REGIONAL DE RIO PARDO - DE 1848 A 2005

Marechal do Exército João de Deus Mena Barreto, Visconde de São Gabriel.....	16
Johann Martin Buff, o projetista do prédio.....	18
A visita do Conde D'Eu.....	20
A visita de Castelo Branco.....	23
Uma visita à antiga Escola Militar do Rio Pardo.....	25
General José Joaquim de Andrade Neves – O Barão do Triunfo.....	26
Dona Maria Adelaide de Andrade Neves Meireles (1838/1929) – Uma extraordinária mulher.....	28

Retrospecto histórico-militar de Rio Pardo de 1752 a 1870.....	36
Raposo Tavares arrasa reduções jesuíticas em Rio Pardo atual.....	36
A origem militar de Rio Pardo.....	36

A prisão de Sepé Tiarajú, seguida de sua

Melhoramentos na Fortaleza, determinados por Gomes Freire de

A fortaleza impede a sua conquista por Dom Vértiz y

Rio Pardo, base de partida nas guerras de 1801, 1812, 1816 e

Pag.

Tenente-General Graduado Patrício Corrêa da Câmara (1744-

2ª Parte

AS ESCOLAS DO EXÉRCITO EM RIO PARDO, 1859-1911

A Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1859 – 63.....	59
A Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, 1885-91.....	61
A Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo e a Questão Militar de 1886.....	64
A Questão Militar ganha corpo em Porto Alegre.....	68
Ten Cel Antônio Sena Madureira (1841/89).....	68
A Escola Prática de Infantaria e Cavalaria do Rio Pardo, 1891/98.....	70
A Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, 1898-1903.....	72
A chegada da Escola Militar em Rio Prado – crônica.....	72

As Escolas do Exército, na visão de Marina de Quadros Resende.....

Alunos ilustres da EPT do Rio Pardo, incluindo dois futuros presidentes da

Bertoldo Klinger.....	
Marechal Cerqueira Daltro Filho.....	
João Mendonça Lima.....	
	84
	85
	85
Salvador César Obino.....	
Pantaleão Pessoa.....	
	86
	86
Valentim Benício.....	
Francisco de Paula Cidade.....	
Raul Silveira de Mello.....	
Amaro Soares Bittencourt.....	
Outubrino Antunes da Graça.....	
	86
	87
	87
	87
	87

88 ● ● ●

Bertoldo Klinger - Meu tempo de Cadete na Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, 1899/1900.....	
Genesco de Oliveira Castro, a Escola e sua amizade com Bertoldo Klinger.....	
João Baptista Mascarenhas de Moraes.....	
Pantaleão Pessoa.....	
Francisco de Paula Cidade.....	
O desligamento do Sargento Getúlio Vargas, junto com mais 30 colegas.....	
Desligados e punidos com Getúlio Vargas.....	
A Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria do Rio Pardo, 1905-1911.....	

Em Rio Pardo, a origem do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, de Itajubá.....

Memórias do Major Setembrino de Carvalho, da época da Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo

.....

Homenagem ao mestre Dante de Laytano, o maior historiador de Rio Pardo.....

88

99

103

104

107

111

114

116

119

119

123

3ª Parte

Fontes consultadas e indicadas –	129
bibliografia.....	138
Convenções.....	139
....	145
Dados sobre a AHIMT, IHTRGS e sobre os autores.....	148
Currículo sintético do Cel Cláudio Moreira Bento.....	152
Currículo sintético do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.....	
....	
POSFÁCIO.....	
...	

Apresentação

O presente trabalho, denominado **As Escolas do Exército em Rio Pardo – 1859/1911**, foi sonhado realizar por este autor desde que esteve em Rio Pardo nas manobras do Grupamento Tático da atual 3ª Divisão de Exército, no período de 26 de março a 03 de abril de 1960. Na época, era oficial de Transportes da 3ª Companhia de Comunicações, de Cachoeira do Sul. Naquela época, já então com regular conhecimento histórico, fiquei penalizado da gloriosa história militar da “Tranqueira Invicta” estar coberta por espessa camada da pátina dos tempos. Sonhava desde então ressuscitá-la. Em especial, o que havia acontecido naquele imponente prédio, que serviu de Escola Militar e que então abrigava a Escola N. S. Auxiliadora.

Retornamos a Rio Pardo em 1988, no sesquicentenário do combate do Rio Pardo, como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), para ali lançar a plaqueta, de nossa autoria, **Sesquicentenário do Combate de Rio Pardo**.

Recebemos, então, o precioso livro-síntese da história de Rio Pardo, de Marina de Quadros Resende, intitulado **Rio Pardo – História, Recordações, Lendas** (Rio Pardo, 1987). Obra prefaciada pelo meu mestre e amigo Dante de Laytano, o maior historiador do Rio Pardo com seu **Guia Histórico de Rio Pardo** (Porto Alegre, Prefeitura de Rio Pardo, 1979, 2ª ed.). O livro de Laytano, por sua vez, é prefaciado pelo mestre Gilberto Freyre, com quem convivemos no Recife, em 1971, durante o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, projeto do qual fui coordenador, designado pelo então IV Exército, atual Comando Militar do Nordeste (CMNE).

Estando em curso o projeto do Centro de Cultura Regional de Rio Pardo, no histórico prédio onde funcionaram escolas do Exército de 1885 a 1911, fomos consultados pelo nosso parceiro Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis para verificar se aceitaríamos abraçar um projeto de resgate histórico daquelas escolas do Exército. Aceitando, comuniquei ao Cel Caminha que seria não um processo de resgate, mas de ressuscitação das mesmas, coisa que, em profundidade, nunca tiveram.

Na ocasião, disse-me o Cel Caminha, nosso atual Delegado da AHIMTB no Rio Grande do Sul, que este projeto interessava bastante ao Gen Ex Renato César Tibau da Costa, então Comandante Militar do Sul e Presidente de Honra da Delegacia da AHIMTB no Rio Grande do Sul, Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara. O Gen Tibau é o atual Chefe do Estado-Maior do Exército.

E decidimos então encarar o projeto, em nome da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), dos quais sou presidente, e o Cel Caminha, vice-presidente.

Para aprofundar a pesquisa nas Escolas do Exército em Rio Pardo tivemos que sintetizar a História de Rio Pardo com ênfase em sua gloriosa História Militar, e recorrer a numerosas fontes históricas, relacionadas ao final, para restaurar, ou melhor, ressuscitar a História das Escolas do Exército em Rio Pardo, até então um assunto desconhecido em seu conjunto, por estar esquecido. E foi o que fizemos, pensando nos futuros usuários do Centro Cultural Regional de Rio Pardo, que estará a serviço das diversas comunidades dos numerosos municípios.

Segundo o Cel Deoclécio de Paranhos Antunes, patrono de cadeira na AHIMTB, estes municípios são filhos, netos, bisnetos e afilhados de batismo do histórico e glorioso Rio Pardo, que serviu de marco lusitano do interior do Rio Grande do Sul, como Rio Grande o foi do litoral, além de haver desempenhado relevante papel geopolítico, como base de partida e de apoio à expansão portuguesa sobre a campanha rio-grandense e sobre os Povos das Missões, até a calha do rio Uruguai.

Procuramos ilustrar os trabalhos ao máximo, já que o poder de uma gravura pode economizar centenas de palavras e também indicar, no caso, para pesquisadores, múltiplas fontes históricas, facilitando assim o resgate histórico do assunto na profundidade e extensão desejadas.

Creemos que, junto com nosso parceiro na obra, o Cel Caminha, e mais as colaborações notáveis dos acadêmicos Dr. Flávio Camargo e Dr. Eduardo Cunha Muller, cumprimos a missão proposta à AHIMTB e ao IHTRGS. Missão que se enquadra no contexto do Projeto História do Exército na Região Sul, que estas instituições vem resgatando e divulgando desde 1994, de acordo com o Objetivo Atual nº 1 do Exército. Este Objetivo foi fixado na gestão do Ministro do Exército Gen Ex Zenildo de Lucena e vem sendo conquistado pelos seus sucessores, os comandantes do Exército Brasileiro generais Gleuber Vieira e Francisco Roberto de Albuquerque. O Gen Gleuber é membro acadêmico da AHIMTB e o Gen Albuquerque é o atual Primeiro Presidente de Honra da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

O Objetivo Atual nº 1 do Exército é assim definido:

“Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a memória histórica, as tradições e os valores morais, culturais e históricos do Exército Brasileiro”.

Cel Cláudio Moreira Bento
Presidente da AHIMTB e do IHTRGS

Prefácio

Ao receber o convite do Coronel Cláudio Moreira Bento, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil(IHTRGS) e do Instituto de História e Tradições do RGS(IHTRGS) para prefaciар este livro, me senti honrado por se tratar de uma rica obra de história militar, fruto de uma pesquisa detalhada, que os autores realizaram em documentação existente nos arquivos oficiais e livros fidedignos de autores renomados.

O livro que temos em mãos tem como tema principal as várias Escolas do Exército que funcionaram em Rio Pardo no período de 1859 a 1911 e esclarece pontos ainda obscuros, não obstante tantas outras publicações do gênero. Ao percorrê-lo, o leitor poderá observar como era o ensino militar à época, principalmente no que diz respeito à formação e especialização dos oficiais e praças. Inclusive no que concerne aos aspectos políticos que culminaram com a Questão Militar, envolvendo o Tenente-Coronel Antônio Sena Madureira.

Porém, não é apenas um livro sobre Escolas Militares. Mais do que apresentar a história das Escolas do Exército em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, no fim do século XIX e início do século XX, esta obra nos brinda com uma retrospectiva militar de Rio Pardo. Com as reconhecidas mãos de mestres, no que diz respeito à história militar, os autores abordam a importância estratégica da cidade, desde as reduções indígenas até a Fortaleza Jesus Maria José, baluarte lusitano, também conhecida como a "Tranqueira Invicta", que garantiu a vitória dos portugueses frente aos espanhóis pela posse dos espaços vitais no Brasil meridional.

Uma das grandes contribuições dos autores é o breve relato biográfico de insígnies chefes militares nascidos em Rio Pardo, tais como o Marechal João de Deus Mena Barreto, primeiro Visconde de São Gabriel, e o General José Joaquim de Andrade Neves, Barão do Triunfo, herói da Cavalaria Brasileira.

Com muita propriedade, ressuscitam a história dos ex-alunos das várias Escolas Militares de Rio Pardo, ressaltando os que se tornaram personalidades de destaque nos cenários político, econômico, social e militar do Brasil no século passado. Chama a atenção a riqueza do capítulo sobre os alunos ilustres da Escola Preparatória e de Tática, incluindo dois ex-presidentes da república e o comandante da Força Expedicionária Brasileira. Com detalhes os autores abordam o episódio de desligamento de vinte alunos, incluindo Getúlio Vargas, e as punições disciplinares de outros dezenove estudantes.

Dando continuidade à história das escolas, são apresentadas as memórias escritas por ex-alunos. Dados extraídos de textos de figuras ilustres como João

Baptista Mascarenhas de Moraes, Genesco de Oliveira Castro, Setembrino de Carvalho e Bertoldo Klinger, dentre outros, revelam o dia a dia da caserna, enfatizando as amizades nascidas no amálgama inquebrantável, que é convívio nos bancos escolares dos liceus militares.

Ilustrando a última escola a funcionar em Rio Pardo, são apresentados aspectos relevantes sobre a Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria (1905-1911), a qual tinha por missão preparar o aspirante formado na Escola Militar do Brasil para o desempenho dos cargos inerentes ao primeiro posto de oficial.

Essas são algumas das questões que o livro esclarece numa linguagem clara, precisa e acessível. É a densidade da história do Exército no Rio Grande do Sul apresentada numa abordagem que procurou, principalmente, desvendar as escolas militares de Rio Pardo.

A leitura de "As Escolas do Exército em Rio Pardo" (1859-1911) trará, certamente, muita satisfação pois é, enfim, uma grande obra para militares, civis, estudantes, historiadores, pesquisadores e para o leitor comum.

General de Exército Renato César Tibau da Costa
Chefe do Estado-Maior do Exército

1ª Parte

Histórico do Prédio do Centro de Cultura Regional de Rio Pardo - Antiga Escola Militar - de 1848 a 2005

HISTÓRICO DO PRÉDIO DO CENTRO DE CULTURA REGIONAL DE RIO PARDO - ANTIGA ESCOLA MILITAR DE 1848 A 2005



Centro Regional de Cultura de Rio Pardo - Antiga Escola Militar
A maior fábrica de Cultura do Vale do Rio Pardo

Aspecto da fachada projetada e em execução. Restauração e reciclagem do prédio para abrigar o Centro Regional de Cultura de Rio Pardo - Antiga Escola Militar.

Sua origem foi em 1848, três anos após a paz da Guerra dos Farrapos, promovida em Dom Pedrito pelo hoje Duque de Caxias, patrono do Exército e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Naquele ano, o centenário e histórico prédio teve lançada a sua pedra fundamental por dois oficiais do Exército, o Marechal Mena Barreto e o Major João Pereira Monteiro. A construção levou 34 anos e a idéia da Irmandade de Caridade do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos visava abrigar uma Casa de Caridade, ou Santa Casa.

Na época da conclusão da construção, a Irmandade ficou sem verbas para ativar a Casa de Caridade e ofereceu as instalações à União. Inicialmente, o Exército instalou no prédio um Regimento de Infantaria.

O Marechal do Exército e Visconde de São Gabriel João de Deus Mena Barreto, aos 79 anos, era Protetor e Provedor da Irmandade Nosso Senhor dos Passos. O Marechal Mena Barreto foi um heróico soldado. Foi o primeiro comandante do Comando das Armas da Província (atual 3ª Região Militar) e

seu primeiro Presidente, depois de ser proclamada a Independência. Nasceu em Rio Pardo a 2 de julho de 1769, tendo ali feito carreira nos Dragões do Rio Pardo. O Marechal Mena Barreto foi estudado pelo historiador e acadêmico Osório Santana Figueiredo em sua **História de São Gabriel** (São Gabriel, 1993).

Sintetizamos a seguir a vida e obra do Marechal Mena Barreto, para que as atuais e futuras gerações, que freqüentarem o projetado Centro Regional de Cultura e visitarem seu túmulo secular, localizado nos fundos da Igreja Nosso Senhor dos Passos, saibam o que ele fez pelo Brasil.



Marechal do Exército João de Deus Mena Barreto, Visconde de São Gabriel

Nasceu em 1769 e faleceu em 1849, com 80 anos.

Ingressando no Regimento dos Dragões de Rio Pardo, ficou ao comando do Cel Patrício Correia da Câmara. Participou da Guerra de 1801, quando fundou São Gabriel, razão do nome de seu título. Ao final desta guerra era Major. Em 23 de julho de 1808, foi promovido a Tenente-Coronel, logo após a criação da Capitania do Rio Grande de São Pedro (atual Rio Grande do Sul).

Quando Dom Diogo de Souza invadiu o atual Uruguai, em 1812, mandou uma coluna ao comando do Tenente-Coronel João de Deus Mena Barreto guarnecer os Sete Povos. Dom Diogo agia em defesa dos interesses, no Prata, da Imperatriz Dona Carlota Joaquina, que defendia seu irmão, Rei de Espanha, preso por Napoleão. O atual Uruguai, na época, era pretendido por Dom Gervásio Artigas.

Finda a campanha, João de Deus, promovido a Coronel, foi transferido para o Regimento de Cavalaria de Milícias em Rio Pardo sendo, em 20 de janeiro de 1813, graduado no posto de Brigadeiro, e comandante do citado Regimento.

Na segunda Guerra contra Artigas, em 1816, ele se destacou, por seu ardil, na Batalha de Ibirocaí. Mas nela foi ferido, recebendo do General Xavier

Curado uma carta em que o mesmo dizia: *"Só me lembro que a sua ferida há de sarar em breve tempo e que o seu merecimento será eterno"*.

A 4 de janeiro de 1817, na batalha de Catalán, comandou a Ala Esquerda do Marquês de Alegrete, Governador e Capitão-General do atual Rio Grande do Sul, tendo concorrido para esta brilhante vitória.

Em 24 de junho de 1817, foi efetivado como brigadeiro. Praticou outras atuações de destaque, sendo promovido a Marechal-de-Campo em 6 de fevereiro de 1811, continuando à frente de seu valoroso Regimento de Milícias.

Em 28 de setembro de 1820, o Marechal João de Deus passou a inspetor dos Corpos de Cavalaria de Milícias do atual Rio Grande do Sul, sendo eleito, logo após, ministro da Junta Representativa do Governo da Província, como vice-presidente da mesma. Foi efetivado Marechal de Campo em 13 de maio de 1822.

Com a retirada do General João Carlos Augusto de Saldanha e Daun da presidência desta Junta, o Marechal João de Deus foi imposto pelo povo e pela tropa, no interesse da segurança da Província, para ser elevado a Presidente. Foi, portanto, nesta condição, o primeiro brasileiro e rio-grandense a exercer o Governo do Rio Grande do Sul, cumulativamente com o Comando das Armas.

Em 16 de setembro de 1822, com o Brasil já independente, ele presidiu grande parada militar em Porto Alegre onde, de sua proclamação, destacou:

"A qualidade de General e Governador das Armas, que me coube pela antigüidade de minha patente, me impõe, além dos deveres de tão decoroso título, o de vosso protetor, vosso amigo e o de primeiro soldado em sacrificar tudo em defesa e a bem da minha e vossa Pátria".

Em 10 de março de 1824, o Marechal foi promovido a Tenente-General Graduado, no aniversário de Dom Pedro I.

Com a saúde precária, João de Deus foi reformado no posto de Marechal do Exército em 2 de outubro de 1832.

Encontrava-se em Porto Alegre quando estourou a Revolução Farroupilha. Em que pese estar alquebrado, ajudou a preparar a retomada de Porto Alegre em julho de 1836, liderada pelo Major Manoel Marques de Souza III, futuro Conde de Porto Alegre. Título com o qual foi agraciado por razão da retomada.

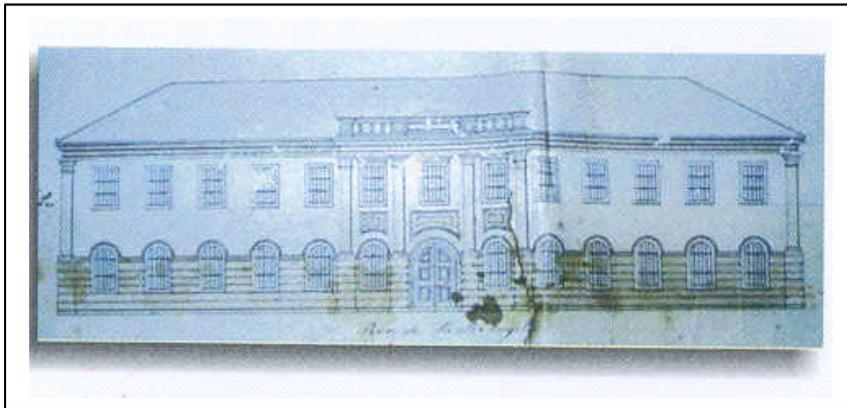
Finda a revolução, pacificada por Caxias, com a ajuda do futuro Conde de Porto Alegre como seu embaixador junto à Corte, João de Deus retornou a Rio Pardo onde, em 10 de fevereiro de 1846 foi agraciado com o título de Visconde de São Gabriel, com honras de grandeza.

Faleceu em 27 de agosto de 1849, sendo sepultado atrás da Igreja Nosso Senhor dos Passos, de cuja Irmandade era figura de destaque.

Sua morte aconteceu poucos meses depois de ele próprio ter lançado a pedra fundamental do histórico casarão, agora destinado a abrigar o Centro Cultural Regional de Rio Pardo. A construção se arrastou por 34 anos, com

apoio em projeto, de 1848, em estilo neoclássico, de Johann Martin Buff, o mesmo engenheiro e agrimensor que, em 1829, levantara a primeira planta de Rio Pardo.

A síntese da vida, bem como a participação do projetista do prédio, que passou a ser conhecido como João Martinho Buff, serão resgatadas a seguir, para o conhecimento dos usuários do Centro de Cultura de Rio Pardo.



**Johann Martin Buff, o projetista do prédio
Planta do projeto inicial, de João Martinho Buff, do prédio ora em restauração e reciclagem para abrigar o Centro Regional de Cultura de Rio Pardo – Antiga Escola Militar. Fonte: Assembléia Legislativa do RGS - folheto Getúlio Vargas do Brasil reabre as portas da Escola Militar de Rio Pardo, 2004.**

Nasceu em Rödelbhein, Alemanha, próximo a Frankfurt, em 8 de maio de 1800, filho de Joseph Ludwig Buff.

Veio para o Brasil em 1824, quando foi contratado para integrar o 28º Batalhão de Caçadores Alemães, denominado por D. Pedro II de “Diabos Brancos”. Na Guerra da Cisplatina, esta unidade não participou da batalha do Passo do Rosário (20 de fevereiro de 1827) como o 27º Batalhão de Caçadores Alemães. O 28º havia participado, em Recife, do combate à Confederação do Equador, quando sua denominação era 26º Batalhão de Caçadores.

Ao final da Guerra da Cisplatina este batalhão foi mandado acantonar em Santa Maria atual. Muitos santa-marienses descendem de seus integrantes, como os Valmaralh, Belo, Dauzacker e Appel.

O Capitão Johann deu baixa do batalhão e foi para a região de Rio Pardo dedicando-se à Agrimensura e Engenharia. Ali casou, em 12 de julho

de 1830, aos 29 anos, com a riograndense Josefina de Melo Albuquerque, filha do Capitão Ricardo Antônio de Melo e Albuquerque e de Dona Perpétua Felícia de Borba.

Em 1851, ao 51 anos, Buff foi nomeado diretor da Colônia de Santa Cruz, pelo futuro Duque de Caxias, presidente da Província.

Como engenheiro deixou os seguintes trabalhos:

Planta de Rio Pardo, elevada em 1829 por ordem da Câmara de Vereadores.

Planta da região entre Santa Maria e São Martinho.

Levantamento da picada do Rincão del Rey, até o Cerro Curussú.

Planta do Fachinal de D. Josefa com o rio Pardo e rio Pardinho.

Projetos de construção das pontes do Couto e de Jacuí.

Projeto da prisão de Cachoeira do Sul.

Projeto da ponte sobre o Rio Botucaráí.

Projeto das duas torres da Igreja N. S. do Rosário.

Projeto do edifício do atual Centro Cultural Regional de Rio Pardo, segundo informação do historiador Humberto Castro Fossa em encontro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul em São Gabriel.

A planta de Rio Pardo, de sua autoria, foi reproduzida na **Enciclopédia Rio-Grandense**, v. 1, entre as p. 40 e 41.

Buff projetou em 1848 a estratégica ponte no Passo Geral do rio Jacuí, a montante de Cachoeira do Sul, com 180 metros. Tinha a ponte 9 vãos, com cerca de 17 metros cada um. Uma obra monumental e ousada para a época, cujos pilares até hoje desafiam a ação das enchentes, da correnteza e do efeito infra-escavante, que sempre a colocaram sob suspeição. Sua construção esteve a cargo de Firmino Pereira Soares. Os pilares foram construídos de pedra de grês argamassada com cal e areia comum. O projeto de Buff recebeu alterações de Jorge K.P.T. von Norman, o projetista do Teatro São Pedro em Porto Alegre. O piso da ponte foi construído por Giusepe Obino, o construtor da Catedral de Bagé. A construção desta ponte se arrastou por 23 anos, ou seja, até um ano depois do término da Guerra do Paraguai em 1870. Consta que ela foi idealizada pelo Barão de Caxias, como presidente da Província, e por ele animada como novamente presidente da Província em 1851/52. Nesta ocasião, Caxias nomeou Buff para dirigir a Colônia de Santa Cruz tendo, como senador pelo Rio Grande do Sul e Presidente do Conselho de Ministros estimulado o seu desenvolvimento. Voltando à ponte, ela prestou 22 anos de relevantes serviços à integração das regiões divididas pelo rio Jacuí, ou sejam, ao norte o Planalto Central e ao Sul o início do Pampa. Ela foi danificada e neutralizada na Guerra Civil de 1893/95. Estudamos essa ponte no artigo "Caxias e a ponte do Passo Geral do Jacuí" em **A Defesa Nacional**, nº 753, 1991, p.146/147.

Na preciosa **Bibliografia Sul-Riograndense**, de Abeillard Barreto, Rio de Janeiro, CFC, v. 1, p. 211/219, retificamos a informação que Buff foi trabalhar na Colônia de Santa Cruz em 1851 e não em 1858, nomeado pelo

futuro Duque de Caxias, o qual estudamos em **Caxias e a Unidade Nacional**, Porto Alegre, AHIMTB, Gráfica Metrópole, 2003.

João Martinho Buff foi o 2º Diretor da Colônia de Santa Cruz, o qual, por volta de 1851/52, abriu a picada Nova Rio Pardinho que, prolongada, tomou o nome de Sinimbu, que foi povoada em 1859 e em 1909 comemorado o seu cinquentenário.

Buff foi nomeado, em 1851, com a condição de falar alemão. Ganhava 480 mil réis. A partir de 1853 passou a ganhar 900 mil réis. Dirigiu a Colônia de Santa Cruz por cerca de 8 anos, até ela ser infra-estruturada e ficar em condições de ser elevada à freguesia, que foi instalada pelo padre Manoel José Conceição Braga.

O trabalho de Buff em Santa Cruz e região deve ter sido notável, a se concluir do trabalho de J. Bittencourt Meneses em **Município de Santa Cruz**.

Entre os colonos que Buff instalou em Sinimbu figuravam Conrad Franz, Kannenberg, Schneider, Newmann e ainda os Textor (pai e filho).

Segundo o Cel Juvêncio Saldanha Lemos, ex-comandante do 8º BIMtz de Santa Cruz do Sul (1985/87), Johann Martin Buff também foi citado como Puff, conforme seu livro **Os Mercenários do Imperador**, P. Alegre, Palmarinca, 1993, p. 162:

"Buff chegou ao Brasil em 1824, aos 24 anos, sendo destacado para servir em Pernambuco, no 26º Batalhão de Caçadores, o Batalhão do Diabo, ou dos Diabos Brancos. Deu baixa do 26º BC, então denominado 28º BC, em Santa Maria. Foi nomeado Diretor da Colônia de Santa Cruz pelo Presidente da Província, o Barão de Caxias, mais tarde Duque. O médico Avé-Lallemant, ao visitar, em 1858, a Colônia Dona Josefa, encontrou Buff medindo terras para os colonos recém-chegados ali se instalarem, e registrou o seguinte em seu Diário:

"Graças a esta medição de terras, João Martinho Buff está morando ali mesmo, numa casa provisória, como diretor da Colônia de Santa Cruz. De ordinário ele vive com a sua família em Rio Pardo. Ele é um velho soldado, chegado ao Brasil em 1824 com a tropa de estrangeiros. Ele é inteiramente como naquele tempo, inteiramente como aquela tropa".

Buff faleceu, aos 80 anos, em Rio Pardo, onde seguramente deve ter deixado descendência. Esperamos que o Centro Cultural de Rio Pardo e historiadores de Santa Cruz do Sul aprofundem o resgate deste personagem, que infra-estruturou o hoje progressista município de Santa Cruz do Sul.

A visita do Conde D'Eu

A 14 de novembro de 1884, em sua Ordem do Dia nº 445, o Comando das Armas da Província de São Pedro do Sul publicou a transcrição das



instruções dadas ao Marechal de Exército Conde D'Eu, conforme o Aviso de 22 de outubro do Ministério da Guerra, cujo extrato é o seguinte:

"Instruções pelas quaes se deverá reger Sua Alteza o Sr. Marechal do Exército Conde d'Eu, no desempenho da comissão de que é incumbido pelo Ministério da Guerra nas Províncias do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

O Conde D'Eu pilchado, à moda gaúcha, ao visitar Rio Pardo em 1865. Fonte: BENTO et CAMINHA. História da AD/6, Graf. Promoarte, P. Alegre, 2003, p.29.

Tendo o Governo Imperial deliberado incumbir a Vossa Alteza Real...Chegando à Província do Rio Grande do Sul, Vossa Alteza inspeccionará, até onde lhe for possível, a Escola Militar, o Arsenal de Guerra, o Laboratório Pyrotechnico e mais estabelecimentos militares... Nesta Província Vossa Alteza levará também a sua atenção sobre as condições mais convenientes para o estabelecimento de uma escola táctica e de tiro, tomando por base o regulamento que acaba de ser aprovado para a Escola Geral de Tiro do Campo Grande, e indicando a localidade em que possa ella ser estabelecida...Palacio do Rio de Janeiro, em 22 de outubro de 1884...Augusto Cezar da Silva, Brigadeiro”.

Em 9 de agosto de 1865, o Conde D'Eu desembarcou, às 0800 horas da manhã, em Rio Pardo, sendo recebido pelo Juiz Municipal Martins de Castro, conhecido como Abílio, em cuja casa foi hospedado.

O Juiz o levou para visitar o prédio em estudo, que não estava concluído, e que era usado como alojamento das tropas em trânsito rumo a Uruguaiana, dominada pelos paraguaios. O Conde visitou, ao lado do prédio,

nos fundos da Igreja Nosso Senhor dos Passos, o túmulo do Visconde de São Gabriel, referindo que o filho dele, o Barão de São Gabriel, João Propício Mena Barreto, que comandara a invasão do Uruguai em 1864 e no retorno instalara o seu Quartel-General em São Gabriel, lá se encontrava moribundo. João Propício foi comandante da atual 3ª Região Militar no período 1864/65.

O Conde D'Eu visitou ainda, próximo, o Hospital Militar, com 30 doentes mal acomodados. Observou que não havia tropas do Exército em Rio Pardo e que, na medida em que elas ali chegavam, de Porto Alegre, eram embarcadas para Cachoeira do Sul. Observou ainda que, nas ruas de Rio



Pardo só eram vistos integrantes da Guarda Nacional, usando blusa vermelha e calça branca.

Decorridos 20 anos ele passaria novamente por Rio Pardo, quando constatou que o prédio que seria destinado a uma Santa Casa havia sido concluído há três anos. Daí, teve a idéia, ao retornar de manobras em Saicã, de instalar no prédio a Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, a ele subordinada como Comandante da Artilharia do Exército. Concluído em 1882, o prédio foi cedido pela Irmandade dos Passos para abrigar tropas do Império. E nele, possivelmente, aquartelaram o 13º Regimento de Cavalaria e o 27º Batalhão de Infantaria (atual 11º BI de São João d'el Rei).

Aspecto do prédio ao tempo em que foi sede de escolas do Exército, 1885-1905 (Arquivo da Família Wunderlich, cedida ao Dr. Eduardo Cunha Müller)

Naquele prédio, em 1886, foi instalada a Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, pelo Ten Cel Antônio Sena Madureira. Logo a seguir, Sena Madureira foi "pivot" da Questão Militar em Rio Pardo, que culminou com a Proclamação da República. Depois daquela Escola funcionou, no mesmo prédio, a Escola Prática do Rio Grande do Sul, onde estudou Plácido de Castro, o conquistador do Acre. Esta Escola, com o fechamento da Escola Militar de Porto Alegre, em



1898, foi transformada na Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, que recebeu também alunos da extinta Escola Militar de Porto Alegre.

No prédio, a célebre Escola Preparatória funcionou de 1898 a setembro de 1903.

Com o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo militar instituído pelo Regulamento de Ensino de 1874 e revigorado pelo Regulamento de 1890, ali funcionou, de 1906 a 1911, a Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria de Rio Pardo.

A visita de Castelo Branco

Aspecto da visita do Marechal Castelo Branco a Rio Pardo em 1964, para recordar os tempos em que ali viveu, quando seu pai servia em uma unidade de Infantaria. (Fonte: Foto do Sr. Delmar Pellegrini, cedida ao Dr. Eduardo Cunha Müller).

54 anos após o fechamento da última escola de Rio Pardo, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, como Presidente da República, voltou à cidade, para recordar os dias felizes de sua juventude ali passados, em suas férias do Colégio Militar de Porto Alegre. Este Colégio substituiu, em 1912, no Casarão da Várzea, a Escola de Guerra de Porto Alegre, 1906/11. Em Porto Alegre Castelo teve, como colegas, Arthur da Costa e Silva, seu sucessor na presidência do Brasil e que, por seu valor, fora coronel-aluno do CMPA. Na época, Costa e Silva teve Castelo Branco, seu subordinado por valor intelectual, como capitão-aluno. Ambos concluíram o CMPA em 1917, seguindo para a Escola Militar do Realengo, criada em 1913. Trecho da declaração de Castelo Branco em Rio Pardo, conforme o jornal local Folha, de 29 Mai 1964, em reportagem realizada em 23 de maio:

"Vim a Rio Pardo para conhecer uma região que enveredou por nova fase de progresso e também para me reencontrar com a casa onde morei com a minha família em 1912".

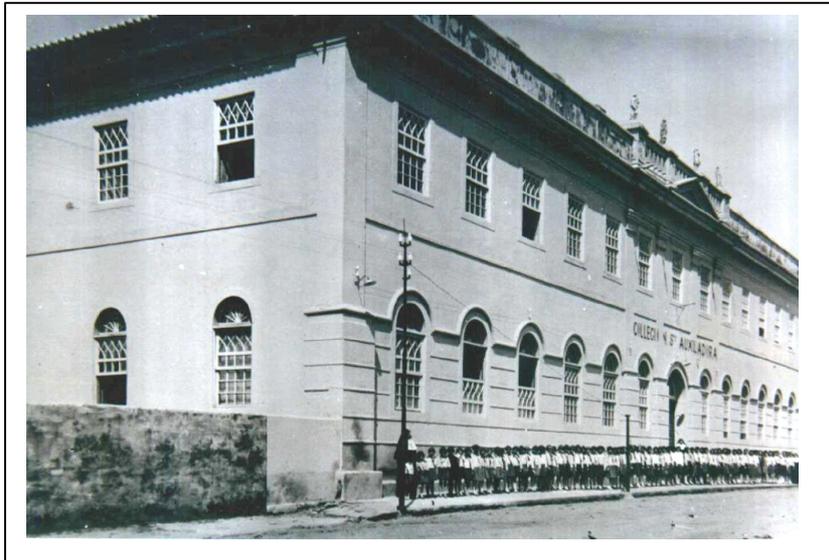
Na época da Escola Preparatória e de Tática funcionou, próximo à mesma, e a apoiando, o 2º Batalhão de Engenheiros, que daria origem ao 1º Batalhão Ferroviário, ora em Lages, SC, como 10º Batalhão de Engenharia de Construção.

Em 1908 foi fundado em Rio Pardo o 4º Batalhão de Engenharia, depois transferido para General Câmara e hoje em Itajubá-MG, conforme abordamos no artigo "4º Batalhão de Engenharia de Combate – síntese histórica" (ilustrada), **Revista do Exército**, nº 119, 1982. No seu portão de entrada e fachada colocamos placa com o nome Rio Pardo.

Aspecto do prédio então servindo de sede do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e cuja restauração e reciclagem atual foi solicitada pela UNEAMA, sendo patrocinada pela Refinaria Alberto Pasqualini (Foto do Arquivo da Família Wunderlich, cedida ao Dr. Eduardo Cunha Müller).

Em 1930 o prédio, desocupado, foi vendido para a Sociedade Educação e Caridade e nele instalado o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora que, decorridos 35 anos, transferiu-se para novas instalações, ao fundo.

Em 1974 o prédio foi doado ao Estado, com vistas a abrigar um Centro Comunitário de Atividades Culturais, com a condição desse Centro reformá-lo



e mantê-lo. Em 1983 ele foi tombado pelo Patrimônio Artístico do Estado.

Somente em 1992 o Patrimônio Artístico e Histórico, sob apelo da União de Ex-alunos Amigos do Auxiliadora (UNEAMA), iniciou ações para salvar o prédio histórico. Em 2000, passou a ser reformado, com apoio na Lei de Incentivo à Cultura (LIC) do Rio Grande do Sul, para abrigar o Centro Regional de Cultura de Rio Pardo. Em 2001, o Conselho Estadual de Cultura aprovou o projeto. Alguns julgam tratar-se da restauração mais importante do Estado. Para firmarmos idéias sobre o assunto foi importante visitar o local.

Uma visita à antiga Escola Militar do Rio Pardo

Em 6 de maio de 2005, à tarde, em companhia do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e mais a do acadêmico Dr. Eduardo Cunha Müller, nos deslocamos até a cidade de Rio Pardo, para esclarecer detalhes de pesquisa sobre o assunto Escolas do Exército em Rio Pardo. O Cel Caminha é nosso parceiro de pesquisas sobre o assunto e o Dr. Müller é estudioso do assunto ensino militar no Rio Grande do Sul, por ser neto e filho de antigos professores do Casarão da Várzea, instituição da qual é ex-aluno. A viagem foi realizada com o apoio do comandante da 3ª Região Militar, Gen Div Marco Antonio Longo. Estamos desenvolvendo este trabalho a pedido do Gen Ex Renato César Tibau da Costa, ex-Comandante Militar do Sul, agora Chefe do Estado-Maior do Exército.

Em lá chegando, procuramos a diretoria da UNEAMA e contatamos com sua presidente Adir Fanfa Onofre e com seus integrantes, Srs. José Ernesto Wunderlich e Ciro Oscar de Borba Saraiva. Já conhecíamos o dinamismo da professora Adir quando, em 1988, estivemos em seu Colégio, no Barro Vermelho, comemorando os dois anos do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, que fundamos em Pelotas. Na ocasião, dia da efeméride do sesquicentenário do combate do Rio Pardo, ali ocorrido durante a Revolução Farroupilha, lançamos uma plaqueta, contendo uma análise militar sobre o referido combate. Wunderlich e Ciro Oscar, por impossibilidade da presença da professora Adir, nos guiaram no reconhecimento, com vistas a dirimir dúvidas da pesquisa em curso.

Percorremos as obras de restauração e reciclagem do velho casarão, as quais estão a cargo do Arquiteto Edgar Bittencourt da Luz, ausente na ocasião, proprietário da empresa Espaço-Arquitetura e Restauro, já com notáveis obras neste particular. Fomos disto informados pelo encarregado do escritório, o gentil e interessado Cleverson, que pretende estudar Engenharia. Ele nos informou que as pesquisas arqueológicas descobriram botões de fardamento dos alunos, seguramente lá caídos durante os jogos do Galo, que eram moda entre os cadetes e que serão abordados em local próprio, além de canetas, vidros vazios de tinta nanquim e pedaços de pratos com o brasão da Escola.

Vimos a posição da casa à frente da antiga Escola Militar, onde residira o General Andrade Neves, o Barão do Triunfo. Casa esta em que, ao tempo da Escola Militar, residia a filha de Andrade Neves, D. Maria Adelaide Andrade Neves Meireles, viúva de grande influência política e social em Rio Pardo. A casa era muito freqüentada pelos alunos, que nela buscavam até mesmo proteção contra os trotes dos veteranos. Dona Adelaide é personagem que abordaremos mais adiante.

Visitamos a antiga Igreja Matriz, criada em 15 de dezembro de 1762. À frente dela estende-se a antiga praça onde, em seu lado sul, na esquina com a atual rua Júlio de Castilhos, residiu o grande fronteiro Marechal Patrício Corrêa da Câmara. Na casa, no período 1859/63, funcionou a Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul. Atrás dela, no quarteirão que ela integrava, era um antigo quartel, desde o tempo dos Dragões e também o Hospital

Militar. Estas construções estão assinaladas na planta de Rio Pardo de 1829, de Martinho Buff.

Como curiosidade, em local próximo residiu o Cel Tobias de Aguiar, sorocabano, líder da Revolução Liberal de São Paulo (1842), o qual foi obrigado a retirar-se daquela Província, vindo para o Rio Grande. O nome Tobias deu origem à pelagem chamada "tobiano", dos cavalos oriundos da sua fazenda em São Paulo. Na Campanha contra Oribe e Rosas (1851/52), o Tenente-Coronel Manoel Luiz Osório, enviado para negociar com o General correntino Justo Urquiza, levou para este, de presente, uma tropilha de cavalos tobianos, o que muito agradou ao caudilho.

No bairro da Fortaleza visitamos novamente o local onde a mesma foi erigida, em posição com dominância de fogos e vistas sobre a sua retaguarda e sobre os seus flancos como também, e principalmente, sobre a margem sul do rio Jacuí.

Visitamos a praça que possui um monumento-túmulo do General Andrade Neves, no centro da mesma. Seus restos mortais foram para ali transportados vindos da Igreja Matriz, depois de exumados de seu belo monumento-túmulo existente em local de destaque na entrada da catedral, à direita.

Finalmente, estivemos na residência do Sr. Wunderlich, onde colhemos outras informações, inclusive através de seu primo, o Sr. Delmar Pellegrini.

General José Joaquim de Andrade Neves – O Barão do Triunfo.

Nasceu em Rio Pardo em 22 de janeiro de 1807. Aos 19 anos ingressou como cadete no 5º RC, deixando a caserna um ano depois para ajudar seu pai. Com a eclosão da Revolução Farroupilha lutou ao lado do Governo, sendo ferido em Taquari.

Ao final da Revolução recolheu-se a Rio Pardo, na condição de Coronel da Guarda Nacional. Sua casa era defronte ao local onde funcionaram algumas escolas do Exército. Ao estourar a Guerra contra Oribe e Rosas, em 1851, foi nomeado comandante da 7ª Brigada, integrada por um Regimento de Linha e pelo Corpo de Guardas Nacionais do Rio Pardo. Pouco permaneceu em seu lar ao término desta guerra. Em 15 de abril de 1858 foi promovido a Brigadeiro Honorário do Exército.

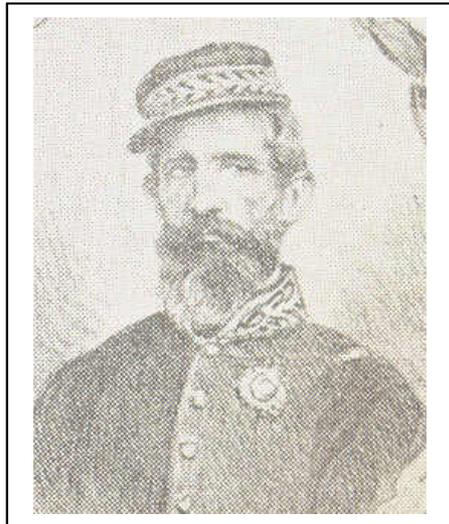


Foto de Andrade Neves ao tempo da Guerra do Paraguai. Fonte: Semana Ilustrada, Rio de Janeiro, 1969.

Ao estourar a Guerra do Paraguai, mobilizou 863 praças em dois corpos, incluindo filhos, parentes e amigos, deixando sua mulher em companhia de sua filha Maria Adelaide, com seu netinho Eurico, com 5 anos. Defronte ao seu Solar estava sendo construído o Casarão, local que mais tarde abrigaria escolas do Exército.

Participou da Campanha do Uruguai contra Aguirre. Em 1865, comandava a 2ª Divisão de Cavalaria, já aos 60 anos.

Segundo Lima Figueiredo *"A Cavalaria do Barão do Triunfo não parava. Para o inimigo era o terror. Era a cavalgada dos centauros, que tudo levava de vencida"*.

Andrade excedia a todos em reconhecimento à viva força. E sua Cavalaria brilhava em todos os momentos.

No Paraguai, no ataque de Lomas Valentinas, foi ferido a bala num pé. E veio a febre e o aniquilamento daquele jovem de 62 anos. Foi levado para Assunção, onde faleceu em 6 de janeiro de 1869.

Em 1935, por influência do Coronel Valentim Benício da Silva, a denominação histórica **Regimento Andrade Neves** foi dada ao Regimento Escola de Cavalaria, sucessor do 15º Regimento de Cavalaria Independente. O Cel Valentim havia sido comandante do 15º RCI no Vale do Paraíba no combate à Revolução Constitucionalista de 1932.

Valentim Benício fora aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo onde, à frente, havia residido o heróico soldado. Isto talvez o tenha influenciado.

O neto de Andrade Neves, General de Divisão Eurico, comandaria a 3ª Região Militar nas revoluções de 1923, 1924/25 e 1926 no Rio Grande do Sul.

O neto de Andrade Neves, Gen Div Francisco Ramos de Andrade Neves, nascido em Rio Pardo em 1874 e genro do Marechal Setembrino de Carvalho, comandou a 3ª RM durante a Revolução de 1932 e foi Chefe do EME em 1932/34.

Seu sogro, o Marechal Setembrino, havia servido em Rio Pardo em 1909, no comando interino do 2ª Batalhão de Engenharia, como seu fiscal, dali sendo retirado para construir a estratégica estrada Ferrovia Porto Alegre-Urugaiana (FEPAU).

Na Guerra do Paraguai, acompanhou Andrade Neves o seu filho Cel Luiz Carlos Andrade Neves (1846-1899).

Dona Maria Adelaide de Andrade Neves Meireles (1838/1929) – Uma extraordinária mulher

Pesquisando a História das Escolas do Exército em Rio Pardo, deparamos com uma extraordinária mulher, filha do General Andrade Neves, residente defronte à antiga Escola do Exército em Rio Pardo. Era a segunda filha mais velha de Andrade Neves.

Sobre ela escreveu a historiadora rio-pardense Marina de Quadros Resende, em seu livro Rio Pardo, História, Recordações, Lendas:

"Segundo consta, a permanência de força federal em Rio Pardo, durante os últimos tempos, deveu-se ao prestígio que possuía, entre os altos escalões do Exército, a Sra. Maria Adelaide de Andrade Neves Meireles, filha do General Andrade Neves, Barão do Triunfo, irmã e mãe de generais.

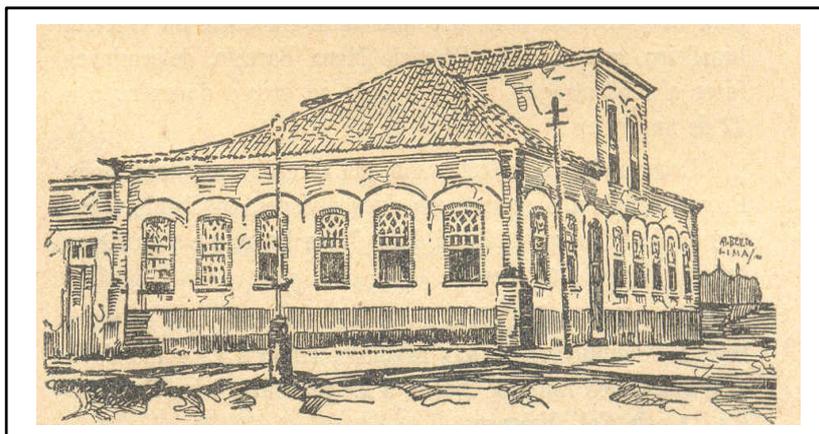
D. Adelaide, senhora afável e comunicativa, era grandemente estimada por seus conterrâneos. Sua residência, o Solar do Barão do Triunfo, situava-se defronte à Igreja Nossa Senhora dos Passos e da antiga Escola Militar e estava sempre aberta aos amigos, que a visitavam freqüentemente, e era onde muitas vezes, reunia-se a mocidade para se divertir.

Dedicando grande amor à sua terra, esta distinta dama, que faleceu em idade avançada, lutou sempre para que em Rio Pardo se conservasse um batalhão do Exército, o que trazia grandes benefícios ao município, além de contribuir para o progresso social, cultural e comercial. Beneficiava também as pessoas mais humildes, que encontravam ocupação em diversos serviços.

Pouco tempo após o falecimento de D. Adelaide, perdemos o nosso batalhão."



Os generais Eurico e Francisco, netos de Andrade Neves, os quais comandaram a 3ª Região Militar no período 1923/32 (Fonte: BENTO, História da 3ª RM, v.2, p.257)



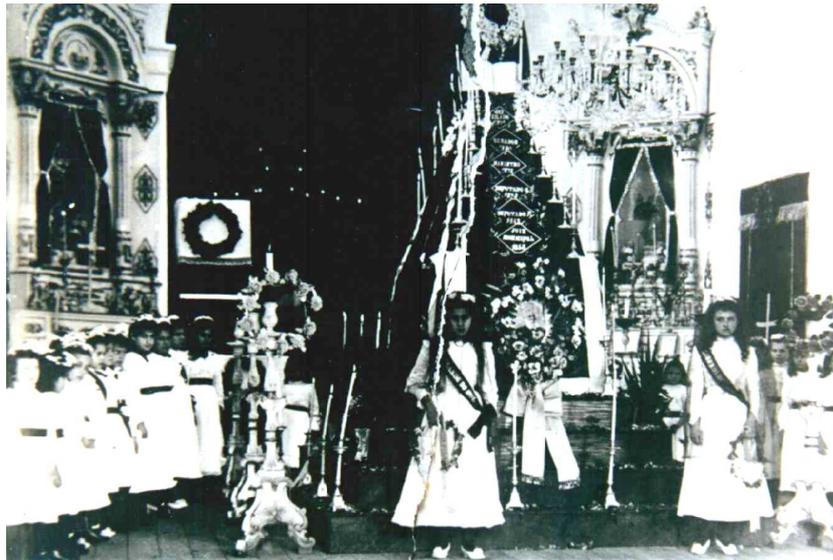
Antigo solar do Gen Andrade Neves, na rua Andrade Neves, esquina com a rua Senhor dos Passos, defronte à igreja Senhor dos Passos, que fica à esquerda do prédio que abrigou as quatro escolas do Exército de 1885 a 1911. Prédio que em 1943 ainda estava em pé. (Fonte: ANTUNES, Andrade Neves - O Vanguardeiro, p.57)

Já o General Pantaleão Pessoa que, como aluno da Escola Preparatória, foi acolhido em 1901 na residência de D. Adelaide, assim escreveu em suas Memórias:

"D. Adelaide era uma grande dama; desfrutava do prestígio herdado de seu pai e conservado por sua inteligência. Era também grande amiga de Gaspar da Silveira Martins, cuja política chefiava, pessoalmente, em Rio Pardo e circunvizinhanças. Pelas qualidades de coração, hábitos de hospitalidade, grande simpatia e seu grande interesse no atender os amigos, sua casa tornou-se um centro de atração onde se vislumbrava um passado de grandeza. Recomendou-me a alguns dos 2º e 3º anos, para que me abrandassem os trotes inevitáveis".

Nesta ocasião D. Adelaide, viúva, possuía cerca de 60 anos e prestou a seu líder Gaspar Silveira Martins tocante homenagem em razão de seu falecimento no Uruguai.

A cerimônia fúnebre na Igreja Matriz foi imortalizada na foto abaixo onde, à direita, em diversos degraus aparecem inscrições das diversas funções exercidas pelo grande tribuno gaúcho, líder dos federalistas.



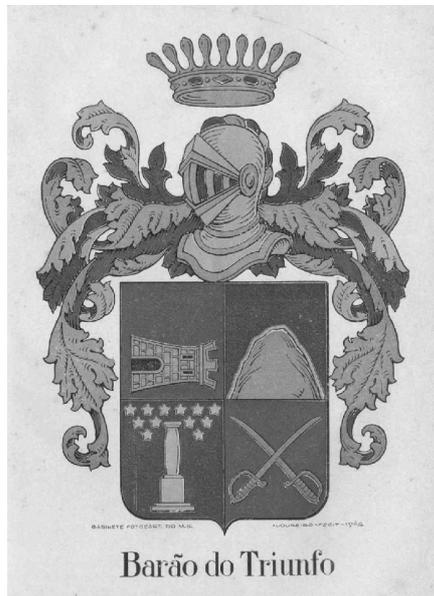
Na foto acima, guardada pela família Wunderlich e cedida ao acadêmico Dr. Eduardo Müller, a homenagem prestada por Dona Adelaide ao falecido Dr. Gaspar Silveira Martins, por motivo de sua morte em 1901.

D. Adelaide nasceu em Porto Alegre em 18 de março de 1838, um pouco antes do combate de Rio Pardo, ocorrido em 30 de abril de 1838,

quando a cidade foi tomada pelos farrapos, em sua maior vitória militar. Ela faleceu em Porto Alegre em 1929, aos 91 anos.

Havia casado em 7 de março de 1859, aos 21 anos, com o Major da Guarda Nacional Miguel Barreto de Oliveira Meireles (1830-72), que era viúvo, deputado provincial e escritor, falecido aos 42 anos. Era neto materno do Marechal-de-Campo Sebastião Barreto Pereira Pinto.

Ela, com seu marido, possuíam raízes familiares em Minas Gerais. Quando seu pai partiu para a guerra contra Oribe e Rosas (1851/52) ela possuía 13 anos. Ao partir, o pai, para a Guerra do Paraguai (1865), ela já era casada e possuía dois filhos, os futuros generais Eurico e José de Andrade Neves Meireles.



O Brasão do Barão do Triunfo (imagem obtida pelo Cel Caminha junto ao Cel José Eurico Andrade Neves Pinto).

A ela muito se deve, já viúva, em 1872, pelo traslado dos restos mortais de seu pai, em 1873, do Paraguai para Rio Pardo, e colocação dos mesmos em belo monumento túmulo, construído no interior da Igreja Matriz onde, em 1901, ela prestaria tocante e original homenagem a seu líder político, Gaspar Silveira Martins.

Foi depois de sua morte que os restos de seu heróico pai foram colocados em monumento, na praça fronteira à Igreja São Francisco.



Foto tirada em 1923, no Solar de D. Maria Adelaide em Rio Pardo, na época da pacificação da Revolução de 1923, vendo-se, no 1º plano, da esquerda para a direita, o Gen Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, D. Maria Adelaide, seu filho Gen Eurico (Comandante da 3ª RM) e o Capitão Euclides Figueiredo, assessor do Gen Setembrino. Estes dois oficiais, Setembrino e Euclides são, ambos, ligados à criação do Dia do Soldado, no ano seguinte, na data de aniversário do Duque de Caxias. O Gen Setembrino era sogro do sobrinho de D. Maria Adelaide, o Gen Div Francisco Ramos de Andrade Neves (foto obtida pelo Cel Caminha junto à família Andrade Neves).

De Dona Adelaide e dos seus irmãos General José Joaquim, que fez a Campanha do Paraguai, e do Coronel Luiz Carlos descendem:

- 1) De **Dona Maria Adelaide de Andrade Neves Meireles:**
 - a) O **General de Divisão Eurico de Andrade Neves**, casado com D. Elvira Vieira da Costa, de cujo consórcio houve 9 filhos:
 - José, casado com D. Ceci Costa;
 - Carlos, que faleceu, como 1º Tenente nas vésperas do armistício na França;
 - Elvira, casada com o General de Divisão Dr. Bonifácio Antônio Borba;

Eurico, Major honorário do Exército, casado com D. Marreta Newlands Machado, já falecida;

Zeli, solteira;

Miguel, que faleceu menor;

Marieta, que faleceu menor;

Adelaide, casada com Vitor Petinelli, já falecido;

Pedro, que faleceu menor.

b) O **General de Brigada José de Andrade Neves Meirelles**, que casou com D. Alice Borges da Conceição, filha dos Barões D'Alves da Conceição, tendo tido o casal os seguintes filhos:

José;

Dr. Miguel Meireles, que casou com sua prima Dona Nice de Andrade Neves, com sucessão;

Dr. Mário Meireles, Bacharel em Direito.

c) **D. Marina Corina de Andrade Neves Meireles**, que casou com Higino Leitão, já falecido. Sem sucessão.

d) **D. Ana Rita de Andrade Neves Meireles**, que casou com o Dr. Antônio Augusto de Carvalho, havendo desse enlace 5 filhos:

D. Maria Adelaide Carvalho, casada em primeiras núpcias, com o Dr. José da Câmara Souza e, em segundas, com o Dr. Luiz Dutra;

Augusto Meireles de Carvalho, ex-diretor de Estatística do Estado, casado com D. Ida de Azevedo Bastian, com sucessão;

Ana Amália Carvalho, casada com o Dr. João Máximo dos Santos;

Antônio Carlos e Miguel Carlos, que faleceram moços;

e) **Miguel**, que faleceu menor.

2) Do **General José Joaquim de Andrade Neves Filho**, que fez a Campanha do Paraguai e casou em primeiras núpcias com D. Francisca da Rocha Ramos, houve a seguinte descendência:

a) **Dr. José Joaquim de Andrade Neves Neto**, poeta e autor do livro **Sonetos de Antero**, que casou com sua prima Ana Carolina, sem sucessão;

b) **General de Divisão Francisco Ramos de Andrade Neves**, que foi comandante da 3ª Região Militar, Chefe do Estado-Maior do Exército e Presidente do Supremo Tribunal Militar. Casou com D. Zaida Vilela de Carvalho, filha do **Marechal Fernando Setembrino de Carvalho**, e pai de:

Nice, casada com seu primo Dr. Miguel Meireles;

Dirce, casada com o Major Raimundo Antônio de Campos;

c) **Osório de Andrade Neves**, Bacharel, casado com Dona Bernardina Ruas, com sucessão;

d) **Joaquim Higino**, que faleceu solteiro;

e) Mercedes.

Em segundas núpcias, casou o General com sua cunhada, D. Mercedes da Rocha Ramos, havendo a seguinte descendência:

a) Francisca;

- b) Ana Cira;
- c) Luiz Carlos;
- d) Maria;
- e) Ângela, que casou com Túlio Soares de Araújo, com sucessão;
- f) Rita.

3) Do **Coronel Luiz Carlos de Andrade Neves**, o qual casou com D. Ana Sion, natural do Paraguai, de cujo consórcio houve a seguinte descendência:

a) Ana Carolina, que casou com seu primo, Dr. José Joaquim de Andrade Neves Neto. Sem sucessão;

b) Capitão Manoel Carlos de Andrade Neves, que casou, em primeiras núpcias, com D. Maria das Mercês Fernandes Barbosa, com sucessão. Em segundas núpcias, casou com D. Amanda Vasquez, com sucessão;

c) Dr. Carlos Luiz de Andrade Neves, engenheiro civil e professor na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que casou com D. Consuelo de Andrade Neves, pais de :

Alúísio, que faleceu solteiro, e
Bernadette.

Seguramente, os familiares de Dona Adelaide possuem mais dados e fotos sobre esta notável mulher cuja vida e obra notável, ligada ao Exército em Rio Pardo, procuramos aqui resgatar e reverenciar.

Visitamos, ao lado da velha Escola Militar, a bicentenária Igreja da Irmandade de Nossa Senhora dos Passos, criada em 1805, a qual construiu o Casarão da antiga Escola Militar, ao lado. E atrás da mesma, num cemitério mal cuidado, aparecem dois enormes túmulos com suas inscrições quase apagadas. Um do Visconde de São Gabriel, que foi o primeiro governador civil e militar do Rio Grande do Sul depois da Independência. O outro túmulo, à direita, é do antigo provedor da Irmandade, José Pereira Monteiro, conhecido por João Cambraia, em razão de sempre vestir tecido cambraia. No chão, em urnas de fácil abertura, os restos mortais de Patrício Antônio Alves, pai de Protásio Alves. O restante do cemitério é desolador.

Próximo à antiga Escola Militar está o local onde, em 1811, foi instalada a 1ª Câmara de Rio Pardo, ao ser criado o município por D. Diogo de Souza, o primeiro governador civil e militar do Rio Grande do Sul como capitania independente.

Terminamos a esclarecedora visita na casa de José Ernesto Wunderlicht, oficial R/2 de Artilharia, junto com seus familiares, onde conseguimos algumas fotos relacionadas com o tema, sendo uma delas a curiosa homenagem póstuma promovida por D. Adelaide, filha do General Andrade Neves na qual, nos degraus da igreja, figuram as principais funções exercidas pelo seu ídolo, falecido em 1901 no Uruguai, o senador Gaspar Silveira Martins. No início da noite retornamos a Porto Alegre, com uma visão mais precisa da antiga Escola Militar.



Rio Pardo, de história gloriosa, de valor para a indústria turística, a ser explorada, cuja memória recente, me informaram, encontrou como preservador Biagio Soares Tarantino, idealizador da Biblioteca Pública, do Arquivo Histórico e de outras iniciativas culturais.

Igreja Nosso Senhor dos Passos, do lado direito do futuro Centro Regional de Cultura, onde estão sepultados: na sua retaguarda, à esquerda, o Visconde de São Gabriel e no portal de entrada, o 1º Visconde de Pelotas. Na casa em frente viveu o Barão do Triunfo. Fonte: Assembléia Legislativa do RGS - Getúlio Vargas do Brasil reabre as portas da Escola Militar de Rio Pardo.

Memória que se espera seja resgatada na Casa de Cultura Regional de Rio Pardo, antiga Escola Militar, pelos municípios filhos, netos e bisnetos de Rio Pardo, a concluir-se desta afirmação do Cel Deoclécio de Paranhos Antunes em 1933, a certa altura, ao mencionar vibrante em sua **História de Rio Pardo em 1933:**

"Rio Pardo, tronco velho de cerne rijo de gleba gaúcha, célula mater do interior do alvorecer glorioso do Rio Grande, pai dos municípios de Cachoeira do Sul, Taquari, Encruzilhada, Santa Cruz do Sul, Santo Amaro e Candelária, avô de Santa Maria, São Sepé e Caçapava, e bisavô de Tupanciretã, Jacuí e São Pedro do Sul. Rio Pardo, que assiste feliz ao progresso de seus descendentes".

Retrospecto histórico-militar de Rio Pardo de 1752 a 1870

Raposo Tavares arrasa reduções jesuíticas em Rio Pardo atual

Em 1635/36, o bandeirante Raposo Tavares realizou a primeira das cinco incursões bandeirantes que estiveram no Rio Grande do Sul. À frente de 120 paulistas e 1.000 índios tupis, ele partiu de São Paulo e penetrou no atual Rio Grande do Sul por onde é Vacaria hoje. Desceu os rios das Antas e Taquari e remontou o Jacuí até Rio Pardo atual, onde arrasou, em 1636, as reduções jesuíticas da margem direita do rio Pardo. A de Jesus Maria, a cerca de 20 km acima da foz do rio Pardinho, a de São Joaquim, nas pontas do mesmo rio, na serra de Botucará e a de São Cristóvão, abaixo da foz do rio Pardinho. Incursão que abordamos no artigo "Síntese da Forças Terrestres na área da 3ª Região Militar - 1639/1759", na **Revista Militar Brasileira** v. 109, 1973 e na **História da 3ª Região Militar**, v.1, p.72/76.

A origem militar de Rio Pardo

Pelo Tratado de Madrid de 1750, entre Portugal e Espanha, esta cedeu à primeira os Sete Povos das Missões em troca da Colônia do Sacramento. Para demarcar estes limites e obrigar os índios a evacuar os Sete Povos foi escolhido, por parte de Portugal, o General Gomes Freire de Andrade.

Ainda no Rio de Janeiro, Andrade ordenou que fossem reconhecidos, ao longo do rio Jacuí, locais ideais à fortificação, para neles serem construídos armazéns, destinados a apoiar a marcha de seu Exército Demarcador naquela direção, em sua marcha para os Sete Povos. E foi em Rio Pardo atual que os portugueses descobriram uma posição estratégica ideal para a construção de uma fortaleza, na confluência de dois rios, o Jacuí e o Pardo, sobre uma posição com ampla dominância de vistas e de fogos sobre a outra margem e sobre o seu derredor.

A Fortaleza de Jesus Maria José II, em Rio Pardo

Assim, de abril a maio de 1754, "no alto de um penhasco sobranceiro ao rio Jacuí, dominando a várzea fronteira ao Sul e olhando altiva os coxilhões de Capivarí ao Norte, foi construída a Fortaleza Jesus-Maria-José II, do Rio Pardo, inicialmente sob a forma de uma estacada."

O plano da estacada foi delineado pelo engenheiro João Gomes de Mello e a sua construção foi realizada, em dois meses, por contingentes dos Dragões do Rio Grande, comandados pelo Tenente Coronel Thomaz Luiz Osório, mais 60 aventureiros de Viamão, ao comando de um tenente de Dragões, o lagunista Francisco Pinto Bandeira, pai do, mais tarde, famoso guerrilheiro gaúcho Major Rafael Pinto Bandeira. Este, de 1763 a 1776, expulsaria os espanhóis das campanhas sul rio-grandenses, venceria e arrasaria as fortalezas espanholas de São Martinho, em 1775, acima de Santa

Maria atual, e também a de Santa Tecla, em Bagé atual, em 1776, com a ajuda dos Dragões do Major Patrício Correia da Câmara. O lagunista Francisco Pinto Bandeira foi o comandante da 1ª companhia organizada do Regimento de Dragões do Rio Grande. Alguns de seu bravos e ilustres descendentes se encontram sepultados na Igreja São Francisco em Rio Pardo, defronte à praça onde se encontra sepultado o General Andrade Neves, Barão do Triunfo. Local de onde se vislumbra a casa onde nasceu, em 13 de outubro de 1846, logo após o término da Revolução Farroupilha, o heróico marinheiro Almirante Alexandrino de Alencar, que viveu até os 18 anos em Rio Pardo. Alexandrino comandou o navio Aquidaban na Revolta na Armada (1893/95) e foi Ministro da Marinha em três governos. Foi estudado por um descendente seu em: ALENCAR, Carlos Ramos, **Alexandrino o grande marinheiro**, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação da Marinha, 1989.

O delineamento da fortaleza mereceu reparos de um assessor do General Gomes Freire, mas a construção teve que prosseguir, na iminência de um ataque indígena.



Imagem de um Dragão do Rio Grande, que passou à História, extra-oficialmente, como Dragão do Rio Pardo. Gravura de Álbum de uniformes publicado pela FHE-POUPEX.

O primeiro ataque à Fortaleza Jesus Maria José II

Em 29 de maio de 1754 a Fortaleza, também consagrada como a "Tranqueira Invicta", sob o comando do Tenente-Coronel de Dragões Thomaz Luiz Osório, sofreu o primeiro e único ataque de toda a sua história, depois de sofrer, no dia anterior, um incêndio que devorou grande parte de suas

instalações e dos suprimentos armazenados para a marcha do Exército de Gomes Freire rumo ao passo São Lourenço do rio Jacuí, acima de Cachoeira do Sul atual.

Na manhã do dia seguinte ao incêndio aproximaram-se da fortaleza três esquadrões índios da Missão de São Miguel, numerando cerca de 160 homens, ao comando do cacique José Sepé Tiarajú.

Vinham alguns a pé, outros a cavalo, armados com quatro pequenas peças de artilharia, feitas de taquaruçú retovadas de couro, flechas, lanças de 4 metros, fundas e algumas poucas armas de fogo.

Atacaram a fortaleza por três lados, de uma distância de 250 passos. O lado voltado para o rio Jacuí não foi atacado.

Os disparos da "artilharia indígena", que foram concentrados sobre o baluarte da Bandeira, bem como as flechas disparadas por elevação, não causaram nenhum dano, em razão dos deficientes campos de vistas e de tiros dos atacantes.

Ao primeiro disparo da artilharia da fortaleza, que matou alguns índios, os atacantes se retiraram, deixando para trás os quatro reparos de sua artilharia e as duas peças maiores. Na retirada, levaram 70 cavalos e uma boiada, esta pertencente à guarnição da fortaleza.

A prisão de Sepé Tiarajú, seguida de sua fuga

Nesta ocasião, foi preso o capitão-mor dos índios de São Miguel, Sepé Tiarajú que, à frente de 53 homens, cobria a retirada do grosso dos índios através do rio Pardo.

Sepé não reagiu e concordou em ir preso para a fortaleza, em boa fé. No interior da fortaleza toda a sua tropa indígena foi desarmada e feita prisioneira pelos Dragões e Aventureiros, até que devolvessem os 70 cavalos roubados.

Sepé imaginara entrar na fortaleza como amigo, e após, dominá-la.

Frustrado seu plano, prometeu ir buscar os 70 cavalos. Acompanhado por uma escolta, conseguiu enganar a sua vigilância e fugir espetacularmente, abandonado seus guerreiros. Destes, 38 teriam trágico fim, quando transportados presos para Rio Grande. Eles amotinaram-se no meio da Lagoa dos Patos e foram mortos à bala ou por afogamento, inclusive afogamento por suicídio, segundo registra a História.

Melhoramentos na Fortaleza, determinados por Gomes Freire de Andrada

Neste mesmo ano, após Gomes de Andrada retornar do Passo de São Lourenço, no atual município de Cachoeira do Sul, onde estiveram acampados



de 7 de setembro a 21 de outubro (45 dias), o mesmo determinou, durante sua estadia em Rio Pardo, que o coronel Fernandes Pinto Alpoim, comandante de sua Artilharia, melhorasse o poder defensivo da fortaleza.

Gomes Freire de Andrada, governador do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, em Rio Pardo, dirigindo a construção da Fortaleza Jesus-Maria-José. Alegoria que figura em BENTO, Cláudio Moreira, O Culto das tradições no Exército. REx, v.101,1973.

A partir da fortaleza original, como estacada, foram acrescentados os seguintes melhoramentos pelo coronel Alpoim *"que acrescentou ao desenho duas obras exteriores, uma em figura pentagônica e outra triangular chamada rebelim. E prolongou uma face de um baluarte. E por um ramal flanqueado foi prender esta nova fortificação ao resto da velha, junto ao Baluarte da Pólvora"*.

Os trabalhos de melhoramentos da Fortaleza foram dirigidos pelo próprio General Gomes Freire, em cerca de 15 jornadas de trabalho que iniciavam às duas horas da madrugada e se prolongavam até às 14 horas.

Trabalharam nesta fortificação tropas do Rio de Janeiro (dos regimentos Velho e Novo), Infantaria de Santos, regimentos de Dragões do Rio Grande, aventureiros paulistas, paranaenses, catarinenses e viamonenses, peões e criados, num efetivo de mais de 1.500 homens, perfazendo cerca de 225.000 homens/hora de trabalho.

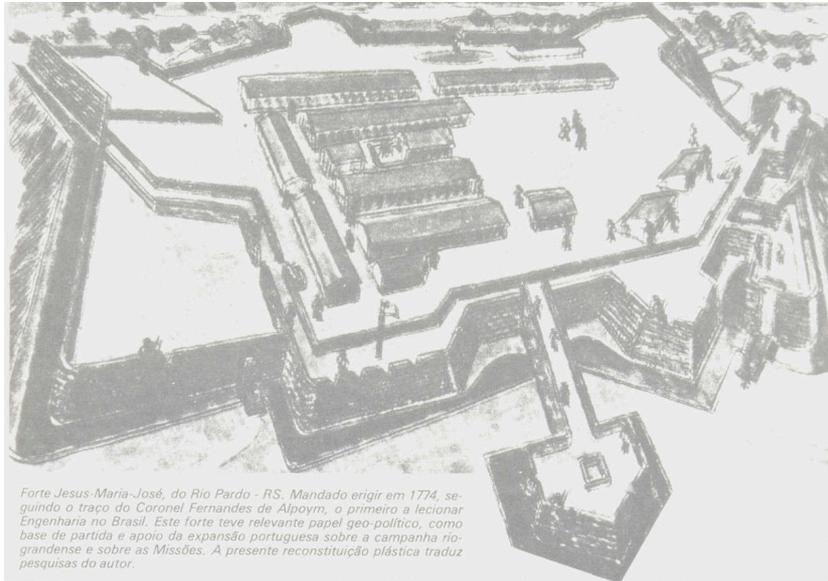
Reproduzimos seu traçado em maquete, que coincide com o desenhado em mármore, existente no local da fortaleza. E publicamos foto da maquete no artigo "O culto das tradições no Exército", **Revista do Exército**, Volume 101, Jan/Jun 1973, p. 35/45, onde a sua legenda foi trocada, pelo editor, pela de Jesus-Maria-José do Rio Grande. Publicamos, ainda, a foto da maquete, no álbum **A História do Brasil através de seus fortes**, Porto Alegre, GBOEx, 1982.

Com apoio em sua planta baixa foi que a reconstituí, em isopor, com auxílio de meus três filhos, para servir ao aquarelista Lauro Vilares que a desenhou.

Depois da conquista dos Sete Povos o Exército Demarcador estacionou por 18 meses em Rio Pardo. Abordamos esta campanha de Demarcação e as suas fontes na História da 3ª Região Militar. v.1, p. 93.

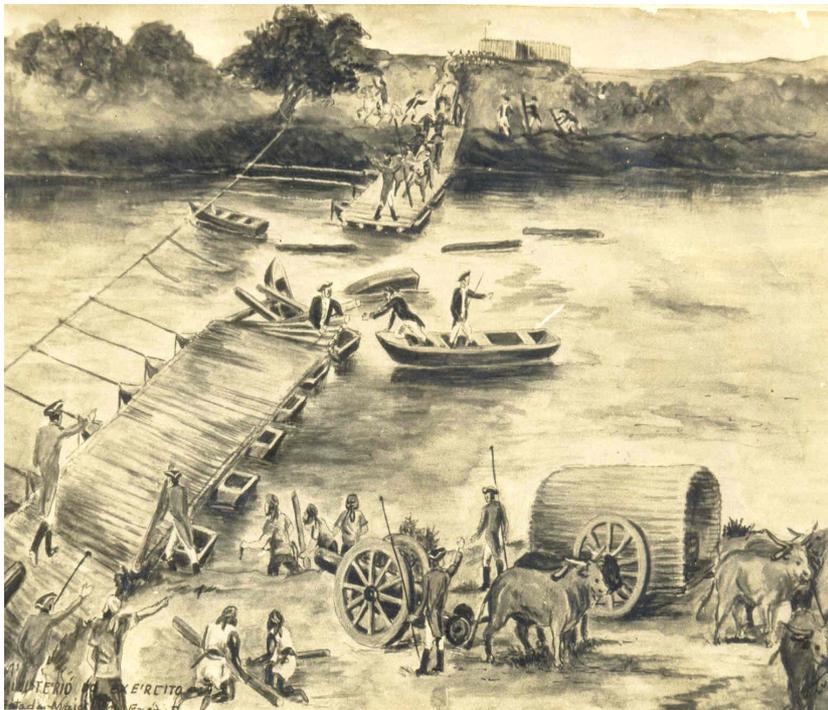
O Exército Demarcador acampou em Rio Pardo por cerca de dois anos. Possuía 1.633 homens que, para movimentarem-se, dispunham de 73 carros e carretas, 5.930 cavalos e 976 bois mansos. Este exército lançou a primeira ponte flutuante de circunstância no rio Pardo (vide gravura abaixo, ocasião em que ele se desmantelou, tendo ao fundo a fortaleza), conforme abordamos no artigo "Travessia de brechas e cursos d'água no Brasil, **A Defesa Nacional** (nº 722, 1985). Cremos que o Exército Demarcador possuiu a primeira Artilharia de Campanha, ao comando do Capitão Alpoym, o projetista da Fortaleza de Rio Pardo.

Para uma visão panorâmica deste Exército Demarcador existem quatro cartas elaboradas pelo seu Quartel Mestre, General-Coronel Miguel Ângelo Blasco, focalizando o Exército Demarcador acampado no Passo Geral do Jacuí, sob o efeito de uma seca do rio. Cartas estas existentes no Arquivo Histórico do Exército, contendo preciosas informações iconográficas. Blasco, por sua vez, é personagem que abordamos em "Italianos e descendentes" em nosso livro **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS**, p.205/206. Provavelmente, Blasco tenha sido o primeiro pintor e cartógrafo sul rio-grandense.



Forte Jesus-Maria-José, do Rio Pardo - RS. Mandado erigir em 1774, seguindo o traço do Coronel Fernandes de Alpoym, o primeiro a lecionar Engenharia no Brasil. Este forte teve relevante papel geo-político, como base de partida e apoio da expansão portuguesa sobre a campanha rio-grandense e sobre as Missões. A presente reconstituição plástica traduz pesquisas do autor.

Aspecto da Fortaleza de Rio Pardo, projetada por Alpoym, restaurada em maquete pelo autor e constante em BENTO, A História do Brasil através de seus fortes, e em O Culto das Tradições no Exército, REx, v.101, 1973. No local onde ela foi construída existe planta gravada em mármore com explicações sobre a localização das suas dependências.



Alegoria da ponte flutuante construída sobre o rio Pardo por aventureiros paulistas em apoio ao movimento do Exército Demarcador.

A fortaleza impede a sua conquista por Dom Vértiz y Salcedo

Presume-se que, de 1754 a 1801, durante 47 anos, a fortaleza foi desenvolvida com madeira e alvenaria, para fazer face a ataques espanhóis durante as ameaças de invasões no período 1763-1801.

Atualmente não existem mais vestígios da fortaleza, que localizava-se no local denominado, em 1754, Arraial da Fortaleza.

Em 1763, na iminência de uma invasão, os Dragões de Rio Pardo foram deslocados por terra para o interior do atual Uruguai através dos atuais municípios de Encruzilhada, Canguçu, Cerrito, Rio Grande e Santa Vitória. Uma vez no Uruguai, estabeleceram a fortificação que recebeu o nome de Santa Teresa, ao comando do Cel de Dragões Thomas Luiz Osório. Abandonados pela retaguarda, não puderam, por sua inferioridade numérica, barrar a invasão comandada pelo General D. Pedro de Ceballos, espanhol que terminou por dominar a vila de Rio Grande por 13 anos. Neste período, a reação a esta invasão, comandada de Rio Pardo, passou a ser, na execução, a estratégia do fraco contra o forte, emanada do Rio de Janeiro. Isto daria origem, no sul, a uma guerra de resistência, denominada "Guerra à gaúcha". Estratégia assim formulada pelo Rio de Janeiro:

"A guerra contra o invasor castelhano será feita com pequenas patrulhas, localizadas em matos e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazê-los em contínua e constante inquietação".

E assim foi executado, com o comando geral em Rio Pardo com uma base de guerrilha na serra dos Tapes, em Canguçu atual, ao comando de Rafael Pinto Bandeira e outra na serra do Herval, em Encruzilhada atual, ao comando inicial do pai de Rafael Pinto Bandeira, o Capitão Francisco Pinto Bandeira.

Estudamos em detalhes o papel da guerrilhas no nosso livro **Hipólito da Costa-o gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**, premiado em 1972 em concurso promovido pela Assembléia Legislativa do RGS e pela ARI e agora publicado pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil e pelo Instituto de História e Tradições do RGS, com patrocínio da FHE-POUPEX. Antes, publicamos o assunto com o título de "Guerra à gaúcha", na publicação do CIPEL de 1996. Neste mesmo ano também publicamos **A Guerra da Restauração**, Rio de Janeiro, BIBLIEx, 1996, que detalha esta notável ação estratégica, comandada de Rio Pardo.

No verão de 1774, o Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Vértiz y Salcedo, invadiu o Rio Grande do Sul com o objetivo de varrer da Serra do Herval (Encruzilhada do Sul atual) e da Serra dos Tapes (Canguçu atual) as bases de guerrilha portuguesas. Estas eram lideradas, ao norte do rio Camaquã, por Francisco Pinto Bandeira e, ao sul do mesmo rio, por seu filho, Rafael Pinto Bandeira, como já referimos. Salcedo, depois disto, queria conquistar Rio Pardo e prosseguir para Porto Alegre. Da capital, pelo litoral, operar junção com os espanhóis que dominavam a Vila de Rio Grande há 11 anos. Mas o governador do Rio Grande, Cel de Cavalaria José Marcelino de Figueiredo, aprestou-se na fortaleza Jesus-Maria-José aparentando, por um ardil, dispor de força superior a que em realidade possuía. Marcelino salvou, assim, a população de Rio Pardo das conseqüências de uma invasão.

Desenvolveu também uma manobra retardadora do avanço do General Vértiz, batendo-o por partes em Santa Bárbara e Tabatingá, fazendo-o o chegar à frente de Rio Pardo sem condições de operar.



Tratamos desde episódio, com detalhes, e à luz dos fundamentos da Arte Militar, no nosso livro, já citado, **A Guerra da Restauração**, Rio de Janeiro, BIBLIEx, 1996, com apoio na análise e na interpretação dos relatórios do Tenente- General Henrique Böhn ao Vice-Rei do Brasil. Böhn comandou o Exército do Sul, o qual expulsou os espanhóis de suas posições no forte São Martinho, na fortaleza de Santa Tecla e na Vila do Rio Grande, por conseguinte expulsando-os, assim, do Rio Grande do Sul.

Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira o primeiro rio-grandense a atingir o posto de oficial general na área do Comando Militar do Sul, segundo o autor, que o biografou em sua "História do CMS – 4 décadas de História", Porto Alegre,1995.

Voltando a Vértiz y Salcedo, não lhe coube outra alternativa senão retirar-se de Rio Pardo para a sua base mais próxima, a Vila de Rio Grande, através dos atuais municípios de Encruzilhada, Canguçu e Cerrito. Nesta retirada, foi sempre perseguido pelos homens de Rafael Pinto Bandeira, que o forçou a uma difícil travessia do rio Camaquã pelo local, desde então, conhecido por Passo da Armada (referência a Armada, ou Exército, em espanhol).

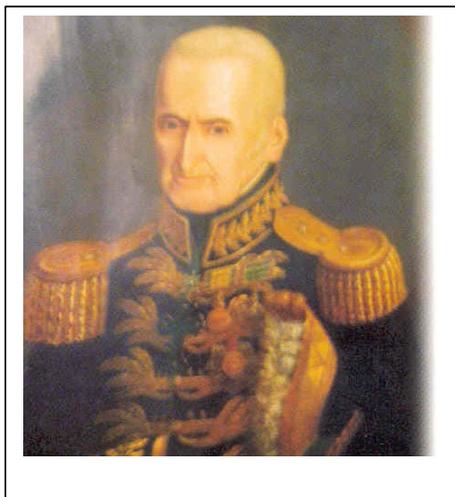
Rio Pardo, base de partida nas guerras de 1801, 1812, 1816 e 1820

Foi da Fortaleza em Rio Pardo que partiram os bravos dragões, milicianos e aventureiros que, auxiliados pelos primeiros estancieiros que se fixaram ao sul do rio Jacuí, varreram os espanhóis das campanhas sul-riograndenses em 1776, tendo como ponto culminante o arrasamento da Fortaleza de Santa Tecla, neste mesmo ano, pelos majores Rafael Pinto Bandeira e Patrício Correia da Câmara. Em 1801 a Fortaleza foi, de novo, arrasada. Desta vez, pelo então Coronel Patrício Corrêa da Câmara e seus Dragões, lançados de Rio Pardo. Arrasamento realizado em 1776, depois dos



Dragões terem conquistado e arrasado o forte espanhol de São Martinho, em 1775, que bloqueava o acesso dos luso-brasileiros ao Sete Povos das Missões. No interior de suas muralhas foi planejada, pelo valoroso Coronel de Dragões Patrício Corrêa da Câmara, a conquista definitiva do território dos Sete Povos das Missões, em 1801, e mais os territórios onde hoje se localizam as cidades de São Gabriel (fundada em 1801 pelo, mais tarde, Visconde de São Gabriel), Cacequí, Dom Pedrito, Bagé, Formigueiro, Caçapava do Sul e Lavras do Sul. Estes territórios pertenceram à antiga

estância de São Miguel, da missão do mesmo nome, que tinha como capitão-mór o citado índio Sepé Tiarajú. E a luta continuou sob a liderança, em Rio Pardo, dos futuros viscondes, de Pelotas (Patrício) e de São Gabriel (João de Deus), ambos sepultados na igreja Nosso Senhor dos Passos em 1827 e 1849. O primeiro no portal e o segundo atrás da igreja, a qual fica defronte ao Solar onde viveria o futuro Barão do Triunfo, o legendário General Andrade Neves, que dá o seu nome à artéria principal da cidade.



Cel Marcelino de Figueiredo, Governador do Rio Grande do Sul de então, e Comandante da Fronteira do Rio Pardo. Fonte: De Paranhos Antunes, Dragões do Rio Pardo.

Lutas que detalhamos em nossa **História da 3ª Região Militar, 1808-1889 e Antecedentes, v.1.** E aqui impõe sintetizarmos Patrício Corrêa da Câmara, do que sobre ele escrevemos, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, na **História da 3ª Bda C Mec, Brigada Patrício Corrêa da Câmara,** Porto Alegre, AHIMTB, Pallotti, 2003, Brigada da qual

Patrício é o Patrono.

**Tenente-General
Graduado Patrício
Corrêa da Câmara
(1744-1827)**

Ten Gen Graduado Patrício Corrêa da Câmara, 1º Visconde de Pelotas (1744-1827), planejador e conquistador dos Sete Povos das Missões, intrépido e legendário Comandante dos Dragões do Rio

Pardo e da Fronteira do Rio Pardo. (Fonte: BENTO et CAMINHA. História da 3ª Bda C Mec - 4ª capa)

Patrício nasceu a bordo, em 12 de outubro de 1744, em viagem da ilha Terceira para Lisboa. Em toda a sua vida militar no Brasil, de 1771 a 1827 (cerca de 55 anos), ele prestou serviços na Fronteira do Rio Pardo como oficial e, depois, como comandante do Regimento de Dragões e da Fronteira do Rio Pardo. Antes de chegar a Rio Pardo como capitão havia servido, desde os 14 anos, na Europa, Ásia e África. Na época em que chegou havia pleno domínio, ou controle espanhol, de dilatadas porções do Rio Grande do Sul. A historiografia consagrou, por longo tempo, a conquista dos Sete Povos como sendo iniciativa de aventureiros, como o rio-pardense Borges do Canto, versão consagrada até hoje. Corrêa da Câmara contestou esta versão ao Brigadeiro Róscio, ao este assumir o Governo do Rio Grande, desta maneira:

“Negar que foram minhas as diligências dos instrumentos da conquista das Missões Orientais é uma informação em que V.Excia vive enganado. Só se o Capitão Francisco Barreto, sendo meu subordinado, querer confessar que era ele e não eu o comandante desta Fronteira do Rio Pardo. Foi por minha ordem que o soldado Borges do Canto se apresentou na Guarda de São Pedro (atual São Pedro do Sul)”.

Em carta a Patrício, de 12 de agosto de 1801, Borges do Canto assim confirma a liderança de Patrício na conquista dos Sete Povos:

“Achei-me em São Martinho, para a diligência que me determinou, com 40 homens”.

Isto encerra o assunto. Aos 67 anos, Patrício padecia de gota mas, mesmo assim, se deslocava deitado numa carreta, inspecionando a sua imensa Fronteira do Rio Pardo, dividida pelo rio Camaquã com a Fronteira do Rio Grande.

Nas guerras contra Artigas, septuagenário, não descurou do apoio Logístico à frente de batalha, onde atuava o seu filho, Marechal Bento Corrêa da Câmara, herói da Batalha de Catalan.

Patrício era avô do Marechal do Exército e 2º Visconde de Pelotas José Antônio Corrêa da Câmara, ou simplesmente Marechal Câmara, que foi biografado pelo seu neto, o General Rinaldo Pereira da Câmara, atual patrono da delegacia da AHIMTB no Rio Grande do Sul e autor da monumental biografia em 3 volumes **Marechal Câmara**, Porto Alegre, Liv.Globo, 1964/65, 3v.

Patrício casou em Rio Pardo, aos 36 anos, com a jovem de 14 anos Joaquina Leocádia Carneiro da Fontoura, de cujo casamento nasceram 15 filhos, entre eles o Ten Gen Bento Corrêa da Câmara. Este casou com Maria Bernarda, filha de Antero José Ferreira de Brito, que foi secretário do Marquês de Pombal. Outro filho foi o Major Ref Patrício José Corrêa da Câmara Júnior, que foi vice-presidente, por sete vezes, do Rio Grande do Sul e, várias vezes, presidente em exercício, até falecer em 2 de janeiro de 1865. Patrício Júnior dirigiu, como Presidente da Província, de 1859 até sua morte, por volta de

1863, a Escola Militar Preparatória da Província do Rio Grande do Sul, instalada na casa onde residira seu pai.

Patrício José Corrêa da Câmara faleceu aos 83 anos em Rio Pardo, a 27 de maio de 1827 quando, no Rio Grande do Sul, lavrava a Guerra da Cisplatina (1825/28). Sua morte ocorreu 96 dias depois da Batalha do Passo do Rosário, o que muito o preocupou. Foi sepultado com todas as honras no portal da matriz Nosso Senhor dos Passos, local onde, 22 anos mais tarde, seria sepultado o heróico Visconde de São Gabriel, Ten Gen João de Deus Mena Barreto. À frente deste templo residiu, depois, o heróico General Joaquim Andrade Neves, futuro Barão do Triunfo que, seguramente, se inspirou na vida destes dois heróicos soldados, sepultados na igreja fronteira ao seu Solar, para conduzir suas brilhantes atuações nas guerras contra Oribe e Rosas em 1851/52, contra Aguirre, do Uruguai, em 1864, e contra Solano Lopes, no Paraguai, de 1865 a 1870.

Aspectos da Revolução Farroupilha em Rio Pardo

Rio Pardo foi cenário de fatos importantes que provocaram a eclosão da Revolução Farroupilha, seguida da proclamação da República Rio-Grandense.

Com a abdicação de Dom Pedro I em favor de seu filho (1831), as forças políticas que assumiram os destinos do Brasil provocaram uma derrubada do poder militar, sob o argumento de que as Forças Armadas não podiam ficar nas capitais e sim na defesa das fronteiras e do litoral. Uma das medidas mais radicais foi o desligamento do Exército do tenente Emílio Luís Mallet, atual patrono da Artilharia, consagrado herói no Passo do Rosário, que havia cursado a Escola Militar do Brasil.

No Rio Grande do Sul, foi atingida radicalmente a estrutura do Exército, ao ser ordenado que o Batalhão de Artilharia, ao comando do Major José Mariano de Mattos, fosse aquartelar em Rio Pardo. José Mariano era carioca, formado pela Escola Militar. Na República Rio-Grandense, ele foi ministro da Guerra, da Marinha, vice-presidente e presidente da República interino. Influiu decisivamente na adoção da República, depois da vitória farrapa em Seival, a 11 Set 1836, conquistada pela Brigada Liberal de Antônio Netto e integrada por forças de Piratini e de seus distritos Canguçu, Cerrito e Bagé (até o Pirai). Esta é a verdade histórica. Mariano foi o autor do brasão que figura na bandeira da República Rio-Grandense, que foi adotado, para o Rio Grande do Sul, pelos constituintes de 1891.

Este assunto, abordamos em nosso livro **Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul- subsídios para revisão histórica, tradicionalista e legal**, Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1971.

Próximo ao final da Revolução Farroupilha, Mariano de Mattos foi preso em Piratini por Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro, ou Moringue), mais tarde Barão do Jacuí. Mariano foi mantido preso em Canguçu, base de operações de Moringue, em cadeia que este mandara construir como "quarto de hóspedes para os farrapos" como, ironicamente, divulgava.

Finda a Revolução, José Mariano de Matos foi o Ajudante-General de Caxias na guerra contra Oribe e Rosas em 1851-52 e, ao retornar ao Rio de Janeiro, retomou sua carreira, sendo Ministro da Guerra em 1865.

O Major João Manuel de Lima e Silva, irmão do Brigadeiro Lima e Silva, este pai de Caxias, possuía o curso da Escola Militar e comandava a unidade de Infantaria do Exército em Porto Alegre. Esta unidade foi transferida, com ele, para São Borja. No deslocamento, estacionou em Rio Pardo por falta de condução para seu destino.

João Manuel foi um dos que opinaram pela proclamação da República Rio-Grandense, pela qual foi eleito o primeiro general farroupilha, tendo comandado o Exército Farrapo em Pelotas. Na luta pela reconquista da cidade de Rio Grande, sofreu um ferimento no maxilar que deformou seu rosto, sendo obrigado a ir tratar-se no Uruguai. Terminou sendo assassinado em São Borja, de onde foi exumado e sepultado, com toda a pompa e circunstância, em Caçapava do Sul onde, mais tarde, seu túmulo foi profanado por imperiais e seus ossos espalhados pelo campo.

Esta introdução serve para se entender a ação de Mariano de Mattos, de João Manuel e de seus comandados em Rio Pardo.

Revoltados contra ações sutis contra o Exército, que visavam o seu sucateamento, passaram a conspirar por uma revolução. Vale lembrar que os coronéis Bento Gonçalves da Silva e Bento Manoel Ribeiro eram oficiais de Estado-Maior do Exército e que, em data recente, haviam comandado unidades de Cavalaria do Exército, respectivamente em Jaguarão e Alegrete. E que estas, juntamente com a unidade sediada em Bagé, haviam sido radicalmente sucateadas pelo Governo, além de terem reduzidos seus efetivos, de cerca de 800 homens, para cerca de 100. Ambos, Bento Gonçalves e Bento Manoel, estavam revoltados com esta situação. A Bento Gonçalves cabia, na época, o comando da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, integrada por estancieiros, fazendeiros, charqueadores e pessoas que conseguissem mobilizar. Estancieiros, fazendeiros e charqueadores estavam revoltados com o aumento do imposto sobre a légua de campo e com os impostos escorchantes sobre o charque gaúcho, beneficiando o charque dos uruguaios e argentinos, inimigos de épocas passadas.

A guarnição do Exército no Rio Grande do Sul era a mais poderosa do Império. Aqueles desgostos, somados aos de militares do Exército e da Guarda Nacional, serviu de combustível para o 20 de setembro de 1835 e depois para o 11 de setembro de 1836, no Campo dos Menezes quando, aproveitando o êxito da vitória farrapa de Seival, conquistada pelo futuro General Antônio Netto, foi proclamada a República Rio-Grandense. Para esta vitória Netto, assessorado militarmente pelo Coronel Joaquim Pedro Soares, contou com sua Brigada Liberal, resultante da transformação do Corpo da Guarda Nacional do vasto município de Piratini e, repetimos, integrada por guardas nacionais recrutados no distrito da vila de Piratini e nos seus outros distritos, então correspondentes a Canguçu, Cerrito e Bagé (até o Pirai).

O Coronel Joaquim Pedro, herói farroupilha esquecido pela História, era veterano das lutas para a expulsão de Napoleão da Península Ibérica (1813), e foi quem organizou o Corpo de Lanceiros Negros Farroupilhas.

Estudamos Joaquim Pedro Soares em **O Exército Farrapo e os seus chefes**, v.1, p.168/170. Soares foi preso junto com José Mariano e assim conservado, por algum tempo, na cadeia de Canguçu. Enviado preso para o Rio de Janeiro, aos 74 anos, desconhece-se o seu destino final.

Em Rio Pardo, os majores do Exército José Mariano e João Manuel fundaram, em 7 de abril de 1735, a Sociedade Defensora, agitando as questões acima abordadas terminando, 17 dias mais tarde, 24 de abril, ocorrendo o assassinato do juiz Casemiro de Vasconcelos Cirne, às 9 da manhã, o qual processava acusados de promoverem agitação política em Rio Pardo. O major José Mariano foi acusado de envolvimento, não provado, na morte do juiz, tendo sido enviado preso para Porto Alegre, onde era deputado provincial.

Sobre esta participação do Exército na Revolução Farroupilha, até bem pouco disfarçada pela historiografia, concluí em nosso, já citado, livro **O Exército farrapo e seus chefes**, Rio de Janeiro, BIBLIEX,1992, 2v., elaborado depois de detida pesquisa em fontes primárias nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

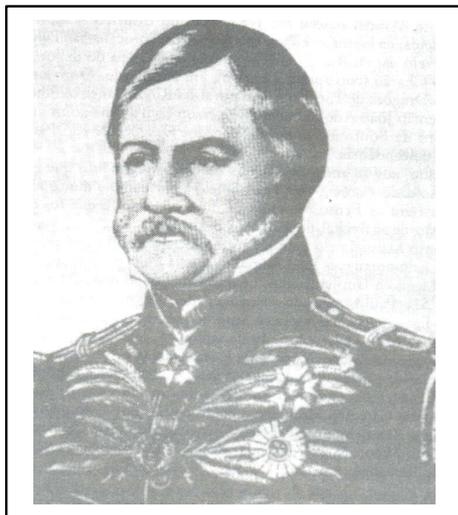
Em 26 de julho de 1836, o imperial mitificado como Menino Diabo consta haver atacado Rio Pardo, sendo derrotado, em 11 setembro, no passo das Pombas, pelo Cel Medeiros, com pesadíssimas perdas para o mesmo (Menino Diabo).

O Menino Diabo, segundo Leopoldo Petry em **São Leopoldo-berço da Colonização Alemã do RGS**, São Leopoldo, Prefeitura, 1964, 2ª ed., era um português naturalizado chamado Antônio Joaquim da Silva. O apelido "**Menino**" era por ser o mesmo de baixa estatura, e "**Diabo**" por seu caráter sanguinário. Este personagem teria aterrorizado e barbarizado alguns colonos de Ivoti, Estância Velha, Dois Irmãos e Picada 48. Lavald, um membro da corja de Menino Diabo teria sido morto em legítima defesa pelo colono Marschel, na Picada 48. Menino Diabo, para se vingar, teria lançado um ultimato que, caso a Picada 48 não lhe entregasse Marschel, todas as casas da mesma seriam incendiadas, e seus moradores assassinados, inclusive mulheres e crianças. Marschel, então, teria se apresentado ao Menino Diabo, que o teria torturado durante 2 dias e 2 noites para, finalmente, degolá-lo.

Este fato teria provocado forte reação no General Bento Manoel Ribeiro que, auxiliado pelo colono Mombach, deu caça, sem tréguas ao Menino Diabo, encontrando-o em Taimbé do Grehs. Ao tentar fugir, Menino foi ferido à bala no joelho. Feito prisioneiro, foi trancafiado em Dois Irmãos. Naquele local, foi resgatado por populares, arrastado até um ponto da estrada de acesso a Morro Reuter e obrigado a cavar a sua própria sepultura, para dentro da qual o jogaram vivo. Cobriram seu corpo com pedras que colheram no caminho. Com o seu fim teria terminado a Revolução Farroupilha em São Leopoldo.

Durante a Revolução Farroupilha surgiram bandos de criminosos, que não tinham autorização nem dos imperiais nem republicanos para atuarem.

Este relato é para satisfazer curiosidade sobre quem era o Menino Diabo, e qual o seu fim, de parte do 2º Ten R/2 José Ernesto Wunderlich, integrante da UNEAMA e pesquisador da História de Rio Pardo.



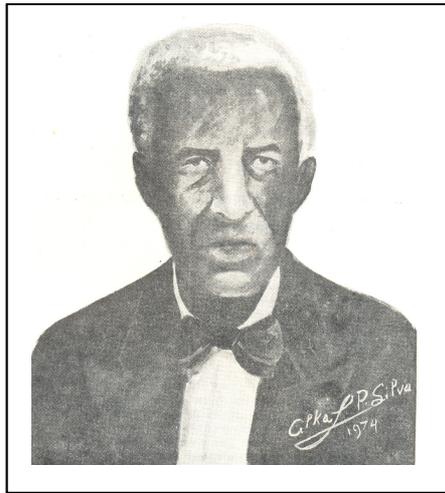
Em 30 de abril de 1838, Rio Pardo foi cenário do maior vitória farrapa, na qual defrontaram-se republicanos farrapos, ao comando do General Bento Manoel Ribeiro, contra forças imperiais ao comando do General Sebastião Barreto. Este, estava em posição defensiva no Barro Vermelho, hoje dentro dos limites urbanos de Rio Pardo. Sebastião Pereira Barreto, que fora deposto em 20 de setembro de 1835 como comandante das Armas da Província, era filho de Rio Pardo. Este combate, por nós estudado e descrito, à luz dos fundamentos da Arte Militar, foi traduzido em livro sob o título **O**

sesquicentenário do combate de Rio Pardo, que lançamos em Rio Pardo, no sesquicentenário deste combate. Neste lançamento, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), que havíamos fundado em Pelotas, no sesquicentenário do combate de Seival, ali compareceu, incorporado para comemorar "in loco" aquela expressiva efeméride farrapa.

Foi nessa ocasião que conhecemos a professora Adir Fanfa Onófrio, vibrante diretora de escola do Barro Vermelho e hoje presidente da UNEAMA, quando a mesma apresentou, em sua escola, que fica próxima ao local onde o combate ocorreu, interessante exposição sobre o mesmo. Deste evento, publicamos foto no 2º volume do citado **O Exército Farrapo e seus chefes**, juntamente com a análise e descrição completa, original e pioneira do combate de Rio Pardo. Registrada também, com foto, a presença do IHTRGS, onde aparecem, da esquerda para a direita, o General Morivalde Calvet Fagundes, grande historiador da Revolução (já falecido), o Cel da Brigada Militar e grande historiador desta força, José Luiz Silveira (já falecido), a Sra. Marilda Félix (Setor de Cultura de Cachoeira), o Cel Bento, presidente do IHTRGS, e Humberto Castro Fossa, grande historiador de Encruzilhada do Sul (já falecido).

Bento Manoel Ribeiro foi a maior espada da Revolução Farroupilha. Para onde ele ia levava com ele a vitória. Tem sido alvo de injustiça popular que passa, como História, pelas suas mudanças, de um lado para outro, no curso da Revolução. Foi defendido pelo primeiro grande historiador desta revolução, Alfredo Ferreira Rodrigues, por Osvaldo Aranha e por este autor em "O Exército farrapo e os seus

chefes". A Mini- série "A Casa das Sete Mulheres", da TV Globo, linchou-o moralmente, juntamente com Davi Canabarro. História é verdade e justiça. Recordo que, nos filmes americanos, sempre aparecia esta sentença de respeito à memória alheia: "Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência". E não lhes foi dada uma chance, no caso, às suas memórias.



Os republicanos farrapos aprisionaram uma banda militar imperial chefiada pelo, mais tarde, comendador José Joaquim Mendanha que, então, compôs o Hino Nacional Rio-Grandense, "usando uma peça de Strauss, com o ritmo mudado e acrescentando uma parte nova com o estribilho", segundo Walter Spalding. Estudamos Mendanha, homem negro que era músico na Capela Imperial quando o seu amigo, o futuro Duque de Caxias, como tenente recebera, naquele local, das mãos do Imperador Dom Pedro I, a primeira bandeira brasileira. Estudamos Mendanha, ainda, em **Estrangeiros e**

descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul, 1635/1870, Porto Alegre, IEL/A Nação, 1975, p.287/292. O maestro Mendanha foi o fundador, em 2 Set 1855, da Sociedade Musical Porto-Alegrense.

A bela história de Andrade Neves, o futuro Barão do Triunfo, tem início em Rio Pardo, quando ali enfrentou, em diversos embates, tropas farrapas. Em 12 de junho de 1843 assumiu a guarda do Passo da Armada, para proteger a travessia de Chico Pedro (Moringue) e operou junção com este em Canguçu, na estância de nosso tataravô Malaquias Borba, também tataravô da mãe de Barbosa Lessa.

Em 1846, tem-se notícia que as pedras das ruínas da fortaleza foram usadas para calçar a rua da Ladeira de Rio Pardo para, sobre ela, passar o imperador D. Pedro II, por ocasião de sua chegada àquela cidade em 1º janeiro de 1846, após o término da Revolução Farroupilha. Ele permaneceu em Rio Pardo por 5 dias, ali deixando a culta Imperatriz dona Teresa Cristina, que ficou em Rio Pardo durante 21 dias, até o jovem Imperador retornar de sua viagem pelo Rio Grande do Sul. Nesta viagem, Dom Pedro foi guiado pelo Tenente-Coronel Manoel Luiz Osório, oficial muito conhecido e estimado em Rio Pardo. A escolta era formada por um grupo de cavaleiros de seu Regimento, aquartelado em Bagé, todos montando cavalos tordilhos.

Maestro e Comendador José Joaquim Mendanha, o autor do Hino Rio-Grandense. Fonte: BENTO, Estrangeiros e descendentes...

Osório recebeu de seu amigo, o futuro Duque de Caxias, esta recomendação: "Tenente-Coronel Osório, tome muito cuidado, pois o Imperador é jovem e há de querer correr".

Em realidade, o Imperador era um bom cavaleiro, tendo recebido instruções de equitação do futuro Duque de Caxias. Sua competência como bom cavaleiro ele a demonstrou nas memórias de seu genro, o Marechal Gastão de Orleans, Conde D'Eu, em sua "**Viagem ao Rio Grande do Sul em 1865**", publicada em 1919 na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 119.

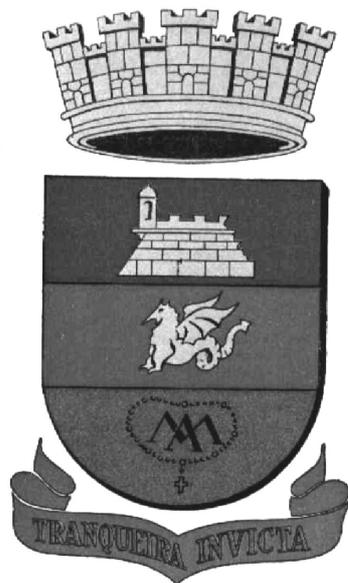
Aliás, o Marechal Gastão de Orleans foi outro grande injustiçado, cuja vida e obra resgatamos, ao biografá-lo na **História da Artilharia da 6ª Divisão de Exército - AD Marechal Gastão de Orleans**, Porto Alegre, AHIMTB, 2003.

A chegada do Imperador em Rio Pardo motivou solene e concorrido Te Deum, realizado na matriz N.S. do Rosário, igreja cuja criação data de 15 Dez 1762, na iminência de uma invasão espanhola ao Rio Grande do Sul, que ocorreria no ano seguinte. Ela teve acrescida, posteriormente, a sua 2ª torre, além de decorada e reformada, em 1885. Nesta época, o Tenente-Coronel Sena Madureira tratava da instalação da Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo, no casarão hoje destinado ao Centro Cultural Regional de Rio Pardo. Os trabalhos na igreja foram executados pelos arquitetos italianos Corso Serafim e S. Vicente Prato.

Rio Pardo "A Tranqueira Invicta"

Rio Pardo foi denominada de "**A Tranqueira Invicta**" por se constituir, em 1774, em elemento decisivo de dissuasão dos objetivos do governador de Buenos Aires Vertiz Y Salcedo, obrigando-o a retornar à Montevideu, frustrado em seu sonho de conquistar todo o atual estado do Rio Grande do Sul. Salcedo pretendia, depois de eliminar as bases de guerrilhas portuguesas localizadas nas serras de Encruzilhada e Canguçu atuais,

conquistar o atual estado do Rio Grande do Sul. Após vencer Rio Pardo, Taquarí, Viamão e Porto Alegre seu plano era de, a seguir, operar junção em São José do Norte com outros efetivos de Espanha, os quais dominavam a vila de Rio Grande há 10 anos. Este foi o estratégico papel militar desempenhado por Rio Pardo, sem esquecermos que foi ali que teve início o processo civilizatório português, passando a ser conhecida como a Fronteira do Rio Pardo. A fortaleza foi a base de apoio militar e logístico para a expansão das estâncias por toda a citada fronteira. As estâncias nela se abasteciam.



RIO PARDO

Brasão de Rio Pardo - A Tranqueira Invicta

Em torno desta fortaleza ferveu um caldeirão de etnias, representado por brancos portugueses peninsulares e açorianos civis e militares, em grande número, inclusive bandeirantes e aventureiros paulistas, comerciantes espanhóis de couros, jesuítas, índios tapes, tupis, etc.

Tranqueira tem o sentido de barreira. Consagrou-se como tal, historicamente, a cidade de Resende, que não foi ultrapassada, nas ações

militares contra a sede do governo no Rio de Janeiro em 1842, 1932 e 1964. O mesmo se pode dizer da barreira de Itararé, na fronteira na fronteira Paraná/São Paulo que barrou, na Guerra Civil de 1893/95, o avanço federalista em direção ao Rio de Janeiro e, nas revoluções de 1930 e 1932, ameaçando embargar, seriamente, o avanço de forças lançadas do Rio Grande do Sul.

E possível que as pedras que calçaram as demais ruas de Rio Pardo, até a remoção em data recente, pertencessem à antiga Fortaleza Jesus-Maria-José, de Rio Pardo, de tão grande projeção no passado na defesa e na conquista do atual Rio Grande do Sul no período 1754-1821.

Dante de Laytano, em seu precioso **Guia Histórico de Rio Pardo**, 2ª ed., registra, às p. 221/319, sob o título "Pequeno Dicionário de pessoas ilustres nascidas em Rio Pardo", vários militares notáveis, o que foi normal numa cidade com tanta tradição castrense, sede da Fronteira do Rio Pardo. Esta, repetimos, era dividida pelo rio Camaquã com a Fronteira do Rio Grande, ligadas por terra, em seus primórdios, pela estrada Rio Pardo-Encruzilhada-Camaquã de Baixo (vão dos Prestes)-Coxilha do Fogo (Encruzilhada do Duro)-Coxilha Santo Antônio-Canguçu- Cerrito-Canal de São Gonçalo-Rio Grande.

2ª Parte

As Escolas do Exército em Rio Pardo - 1859-1911

AS ESCOLAS DO EXÉRCITO EM RIO PARDO, 1859-1911

Rio Pardo foi, durante o Brasil Colônia, no Império e no início da República, uma importante guarnição militar.

Sua origem remonta ao ano de 1754, durante a malograda 2ª Campanha da Guerra Guaranítica, quando os Dragões do Rio Grande, que constituíam a Vanguarda do Exército Demarcador de Portugal, ao comando de Gomes Freire de Andrade, ali erigiram o Forte de Jesus-Maria-José II, que foi atacado sem sucesso em 29 de abril de 1754 pelo índio Sepé Tiarajú, do povo de São Miguel, conforme já abordamos com mais detalhes.

E, daí por diante, teve grande importância militar como a 2ª base estabelecida por Portugal no Rio Grande do Sul, ao lado da 1ª, que foi na atual cidade de Rio Grande, conforme abordamos em nosso livro **História da 3ª Região Militar 1807-1889 e Antecedentes**, Porto Alegre, SENAI/3ª RM, 1994, e em outros trabalhos.

Eram bases militares articuladas por terra, ligando Rio Pardo-Encruzilhada do Sul-vao dos Prestes (antigo Camaquam de Baixo, no rio Camaquã)-Canguçu-Cerrito-rio São Gonçalo-Rio Grande. O Gen Francisco de Paula Cidade, antigo aluno militar em Rio Pardo, foi quem, a isto referiu-se pela primeira vez.

No contexto, da sua grande importância estratégica, Rio Pardo passou à história como "**A Tranqueira Invicta**" em razão, repetimos, de jamais ter sido ultrapassada, ou mesmo dominada, por invasores. Rio Pardo foi sede, em épocas diversas, de cinco escolas do Exército, que tiveram as seguintes denominações:

1ª- Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul

Criada pelo Dec. nº 2416 de 01 Mar 1858, funcionou de 1859 a 1863, em casa que fora residência do Ten Gen Graduado Patrício José Corrêa da Câmara, 1º Visconde de Pelotas (1744/1827). Teve seu nome trocado, a partir de julho de 1860, para **Escola Militar Auxiliar** da Escola Militar Central (ou da Corte).

As quatro seguintes, que funcionaram no prédio hoje destinado ao Centro Regional de Cultura de Rio Pardo, foram:

2ª- Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, 1885-91.

3ª- Escola Prática de Infantaria e Cavalaria do Rio Pardo, 1891-98, com interrupções causadas pela Guerra Civil de 1893/95 (Revolução Federalista).

4ª- Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, 1898-1903.

5ª- Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria de Rio Pardo, 1905-11.

A primeira escola funcionou em residência na esquina da face sul da praça da igreja matriz N. Senhora do Rosário, que pertencera ao grande fronteiro Marechal Patrício Corrêa da Câmara, hoje denominação histórica da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada em Bagé, cuja história produzimos em 2002 pela AHIMTB (Cel Bento e Cel Caminha).

As demais, repetimos, ocuparam sucessivamente o prédio hoje em restauração, previsto para abrigar o Centro Regional de Cultura de Rio Pardo.

O período de maior projeção municipal, estadual e nacional destas cinco escolas foi o da Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo, quando sob o comando do Ten Cel Antônio Sena Madureira. Este oficial foi um dos personagens, juntamente com o Ten Cel Ernesto Augusto Cunha Mattos, que reagiram às desconsiderações, às suas pessoas, por parte do Governo, dando origem à Questão Militar. A partir de Rio Pardo, a Questão Militar constituiu-se na mais forte causa da Proclamação da República, ocorrida a 15 de novembro de 1889.

O período seguinte foi o das três escolas: a Prática de Infantaria e Cavalaria, a Preparatória e de Tática e a de Aplicação de Infantaria e Cavalaria. Na segunda, estudaram os futuros presidentes da República Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra, que tiveram grande e positiva projeção nos destinos do Exército e do Brasil. Além destes houve outros, como o Marechal Mascarenhas de Moraes, que comandou a Força Expedicionária Brasileira, o Marechal Salvador César Obino, idealizador da Escola Superior de Guerra, o Marechal Pantaleão Pessoa, de atuação importante na pacificação da Revolução de 1932, o General Valentim Benício, criador da Biblioteca do Exército Editora, o General Bertoldo Klinger, Comandante Geral Militar da Revolução de 1932, o General Raul Silveira de Mello, gaúcho de Cruz Alta, que se assinalou como historiador dos atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, o General Francisco de Paula Cidade, grande historiador militar, com sua preciosa obra **Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira**, e outros alunos, que recordaremos em local próprio.

Na última, a Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria, sob a égide do profissionalizante Regulamento de Ensino de 1905 estagiaram, por 10 meses, para poderem receber o título de Aspirante a Oficial, ilustres oficiais que, através da Reforma Militar de 1897/1944, intensificaram e consolidaram o profissionalismo militar, decorrente do citado Regulamento, ponto de

inflexão do bacharelismo militar do período 1874/1905 para o profissionalismo militar que até hoje preside o ensino no Exército. Esta ação teve o decisivo apoio do presidente Getúlio Vargas, antigo aluno da Escola Preparatória e



Tática do Rio Pardo, conforme demonstramos em artigo "Getúlio Vargas e a evolução da Doutrina do Exército" in: **A Era Vargas**. Porto Alegre, CIPEL, 2004. Vejamos estas escolas.

A Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1859 - 63

Local onde funcionou a primeira Escola do Exército, antiga casa de Patrício Corrêa da Câmara e também antiga sede do Comando da Fronteira do Rio Pardo. (Fonte: BENTO et CAMINHA, História da 3ª Bda C Mec. P. 70)

A casa citada na legenda acima era também a sede do Comando da Fronteira do Rio Pardo. Foi descrita por Dante de Laytano da seguinte forma: "Casa de pouca altura, com grande área coberta, uma porta central à frente e pelo menos outra no fundo e janelas por todos os lados, sempre de pouca altura, com peitoris a pouco mais de metro do nível da rua. Telhado monumental de 4 águas, suspenso ao centro por enormes vigas de boa madeira".

Regulada pelo Decreto 2116 de 01 de março de 1858, esta Escola funcionou, inicialmente com este nome, em Porto Alegre, segundo Coruja

Filho. A 02 de fevereiro de 1859 foi transferida para Rio Pardo, sendo instalada em prédio onde residira por longo período o Ten Gen Graduado Patrício Corrêa da Câmara, 1º Visconde de Pelotas.

A Ordem do Dia nº 230, de 25Jan1859, do Comando das Armas da Província, publicou o ofício em que o Presidente da Província, o Conselheiro Joaquim Antônio Fernandes Leão, aprovou Rio Pardo para sede da escola, com o nome de Escola Militar Preparatória da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Acreditamos que sua localização tenha sido influenciada pelo Vice-Presidente da Província, o Comendador Patrício Corrêa da Câmara Filho, major reformado, que presidiu interinamente o Rio Grande do Sul de 28Ago a 16Out1857, de 22Abr a 04Mai1859, de 17Out1861 a 16Jan1862, de 18Dez1862 a 01Jan1863 e de 29Mar1864 a 02Mai1864. Era filho do Ten Gen Patrício.

A Escola restringia seu ensino a matérias do ensino preparatório à Escola Central do Exército. Ou seja, Francês, Latim, História, Geografia, Cronologia, Aritmética, Metrologia, Álgebra (até Equação do 1º grau) e Geometria. Preparava para o ingresso na Escola Militar da Corte, onde era dada continuidade aos estudos das doutrinas das diversas armas. A Escola era subordinada ao Presidente da Província.

Em 1860, segundo Dante de Laytano em seu **Guia Histórico de Rio Pardo**, ela funcionava em Rio Pardo, onde foi colhida pela Reforma Rego Barros, de 1860, quando passou a ser chamada Escola Auxiliar da Escola Militar da Corte e a esta subordinada, mas ainda em Rio Pardo. A Ordem do Dia de 23Jul1860, do Comando das Armas, publicou a modificação do nome.

O Art. 84 de seu Regulamento rezava "As escolas auxiliares ficarão subordinadas à Escola Militar da Corte, sem prejuízo das atribuições dos presidentes da Província".

Esta escola funcionou no período 1851 a 1863 em Porto Alegre e Rio Pardo. Nesta, estima-se que por cerca de 5 anos, sendo um ano e meio como Escola Preparatória e três anos e meio como Escola Auxiliar. Seu curso era de 2 anos. No 1º ano eram ensinadas matérias do 1º Ano da Escola Central: Álgebra, com aplicações numéricas, Geometria, Trigonometria, Retilínea e Topografia. No 2º ano se ensinavam as seguintes matérias do 1º Ano da Escola Militar da Praia Vermelha: Topografia, Tática, Estratégia, Castramentação (acampamento), Fortificações passageiras, Noções elementares de Balística, Legislação, Administração, História Militar, Princípios de Direito Internacional aplicados aos usos da guerra e Desenho Militar.

Os alunos aprovados nestas matérias eram considerados possuidores do Curso de Cavalaria e Infantaria, conforme o Artigo 82 do mesmo Regulamento.

Em 1863, pelo Decreto nº 3083, de 28Abr, publicado na Ordem do Dia nº 356, de 30Mai, do Comando do Exército, o estabelecimento de ensino retomou a denominação inicial de Escola Militar Preparatória da Província,

segundo Laudelino Medeiros, em seu precioso livro **Escola Militar de Porto Alegre**.

O Decreto nº 3107, de 10Jun1863, instituiu a Escola Preparatória, sendo complementado pelo de nº 3187, de 18Nov do mesmo ano, que criou oficialmente a mesma. O Art. 1º deste Decreto dizia que *"a escola funcionará, até ulterior deliberação, no mesmo local em que existia a Escola Militar Auxiliar"*.

Em Rio Pardo, a escola foi comandada, interinamente, pelo Cel Antônio Pedro de Alencastro, tendo o Ten Cel Ernesto Antônio Lassance, como 2º comandante.

A Ordem do Dia 376, de 26Nov1863, do Comando das Armas, definiu Porto Alegre para sede da Escola e a de nº 192, de 13Dez publicou o Decreto 3187 e nomeou o Tenente-Coronel d'Engenheiros José Maria Pereira de Campos para Comandante.

Outra Ordem do Dia, a de nº 195, de 23Dez do mesmo ano, publicou que a *"10 Dez cessou de funcionar a Escola Militar Auxiliar, ficando extinta"*. No ano de 1864 a Escola Militar Preparatória já funcionou na capital.

Na época de Rio Pardo, o ensino era militar profissionalizante e não de cunho bacharelesco, que foi implantado em 1874. Nela estudou o futuro Marechal Câmara, 2º Visconde de Pelotas.

Os alunos provinham de diversas unidades como soldados, furriéis, sargentos e cadetes. Entre seus alunos cite-se Alexandre Moniz Barreto, Delfino Gonçalves, José Maria de Moraes, Carlos P. dos Santos, Onofre José A. dos Santos, Manoel J. Osório, Miguel de Moraes, Joaquim Salgado, Luís Esteves, João P.M. de Vasconcelos, Eduardo U.V. de Aguiar, Saturnino Afonso da Silva, João Pereira de Medeiros, Luiz Xavier Esteves e Francisco das Chagas Pinheiro.

Faziam parte da Escola os seguintes oficiais: o Ten Cel João Baptista de Alencastro e os capitães Antônio da Silva Paranhos, Diogo Francisco Cardoso e João Sabino Mena Barreto. Os professores, de francês o Dr. Fidêncio d'Albuquerque e de Desenho o Ten Miguel Pereira de Oliveira Meirelles. Havia ainda os médicos Laurindo José Rabelo e Manoel Velloso Paranhos Pederneiras, este da cadeira de História, Geografia e Cronologia.

Paranhos Pederneiras formou-se m

Todos os assuntos da Escola, em seu início, estavam subordinados ao Presidente da Província. Era porteiro da Escola o capitão Reformado Henrique José Moreira, cujo falecimento foi muito sentido. Era autor de diversas obras didáticas.

E Rio Pardo só voltaria a ter outra escola militar cerca de 22 anos mais tarde.

A Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, 1885-91

A Escola foi criada pelo Decreto nº 9.429, de 30 de maio de 1885, e teve seu regulamento aprovado pelo Decreto nº 9.703, de 22 de janeiro de

1887, sendo organizada pelo Ten Cel Antônio Sena Madureira. O Ministro da Guerra era Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves



A Ordem do Dia nº 501, de 25 Ago 1885, do Comando das Armas da Província de São Pedro do Sul, determinava que, para os trabalhos de instalação e estabelecimento, fossem empregados praças do Batalhão de Engenheiros e do 12º Batalhão de Infantaria.

A Escola foi inaugurada somente em 25 de março de 1888, pelo Ten Cel José Pereira da Graça Júnior, o qual havia assumido o comando em 05 Jan 1887, conforme informação constante da Ordem do Dia nº 588, do Comando das Armas, de 11 Jan do mesmo ano.

Esta Escola foi instalada pelo Ten Cel Antônio Sena Madureira neste prédio, que fora construído para ser um Hospital de Caridade, pela Irmandade Nosso Senhor dos Passos. A igreja desta Irmandade, fundada em 1805, fica ao lado direito de quem entra, defronte à casa onde residiu o General Andrade Neves (Fonte: Família Wunderlich, foto cedida ao acadêmico Dr. Eduardo Cunha Müller).

Sua criação foi sugerida pelo Marechal Gastão de Orleans, Conde D'Eu, Comandante da Artilharia Brasileira, depois de retornar de viagem ao Sul, quando presidiu, no Parque da Redenção e em Saicã, Manobras Militares. Era seu Ajudante de Ordens o gabriellense Capitão Hermes da Fonseca, futuro grande reformador do Exército, como ministro da Guerra e Presidente da República. Hermes da Fonseca é denominação histórica da 1ª Região Militar, com apoio em proposta que traduziu informações históricas nossas como

chefe da 2ª Seção do Estado-Maior. Estudamos o Conde D'Eu na **História da AD/6**, Porto Alegre, AHIMTB, 2003, da qual é denominação histórica, retirando-o assim da grande injustiça e ingratidão históricas em que fora envolvido.

A criação da Escola foi defendida na tribuna do Senado, em 03 Jun 1885, pelo Marechal José Antônio Correia da Câmara, 2º Visconde de Pelotas, o qual alegou que as despesas de transporte dos alunos do Sul para a Escola de Tiro de Campo Grande seriam eliminadas. Além disso, sobre o prédio da Irmandade, assim pronunciou-se o Visconde de Pelotas, rebatendo as críticas de um colega: *"Poderia o nobre Senador lembrar-se de que o Estado terá de gastar com a aquisição de um prédio, mas nem isso se dá, porque, na cidade de Rio Pardo, existe um grande estabelecimento de caridade que foi oferecido pela respectiva irmandade para funcionar a escola. Temos, por consequência, mais esta economia. Já vê, pois, o nobre Senador que, em vez de improficuo aumento de despesa, consegue-se, como acabo de demonstrar, notável economia com a criação da Escola de Tiro na minha província"*.

A Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo foi dotada de duas linhas de Tiro. A Linha de Tiro de Boa Vista, distante 8 km da Escola, com um estande de 50 metros para tiro de armas portáteis, e a Linha de Tiro do Cabral, distante 6 km da Escola, servida por ferrovia e destinada a tiros de Artilharia. Desta, Bertoldo Klinger fala, em suas memórias da Escola Preparatória de Rio Pardo em 1900, adiante.

Seu regulamento de criação, a seguir, foi organizado por uma comissão nomeada através da Ordem do Dia nº 1873, de 21 Set 1884. Era composta pelo Ten Cel Antônio de Senna Madureira, Conselheiro Francisco Manuel das Chagas e Brigadeiro Severiano Martins da Fonseca. Pronto, o regulamento foi assinado pelo Ministro da Guerra Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, e tinha como finalidades:

1 – Fornecer instrutores de Tiro para as unidades do Exército no Rio Grande do Sul;

2 – Ministrare prática de Tiro a contingentes para ali destacados pelo Governo;

Art. 1º - A Escola Tática de Tiro da Província do Rio Grande do Sul é destinada:

§1º - A fornecer instrutores de tiro para os corpos das três armas estacionadas na mesma província;

§2º - A ministrare a prática de tiro aos contingentes dos referidos corpos, que ali destacarem por ordem do Governo;

Art. 2º - Cada um dos corpos de guarnição da província enviará anualmente à matrícula da Escola um oficial subalterno e oito inferiores, ou, em sua falta, praças idôneas, de preferência dentre as que tiverem o curso de suas respectivas armas;

Parágrafo único - Este pessoal fornecerá uma companhia de alunos, a qual será dissolvida logo que terminar o curso de cada ano;

Art. 3º - A duração do curso da Escola será de um ano;

Art. 4º - Os alunos serão distribuídos em duas turmas, segundo as armas a que pertencerem, turma de artilharia e turma de armas portáteis (infantaria e cavalaria); e receberão simultaneamente o ensino teórico e prático professado na escola;

Art. 5º - A parte teórica do ensino será comum a todos os alunos e compreenderá: Balística (Item 1 ao 15) - Pólvora e munições de guerra (item 1 a 5). Regulamentos (item 1 e 2);

Art. 6º - A prática do ensino será lecionada separadamente a cada uma das turmas de alunos;

Art. 7º - A prática de Artilharia compreenderá: (§ 1º ao § 24º);

Art. 8º - A prática das armas portáteis compreenderá (§ 1º ao § 24º);

Art. 24 - Marchas. Explorações e reconhecimentos de infantaria e cavalaria, exercícios de fogo e combate em terrenos variados, a pé e a cavalo;

Art. 13 - O pessoal necessário da Escola, do pessoal, empregado e suas atribuições:

§1º Um comandante, que deverá ser oficial superior do corpo de Estado-Maior de 1ª classe ou do Estado-Maior de Artilharia (item 2 a 13).

Art. 14 - O comandante é a primeira autoridade da Escola e o único responsável perante o governo pela marcha regular do serviço, ordem e disciplina do estabelecimento;

Art. 16 - O comandante da Escola só recebe ordens do Ministério da Guerra e do presidente da província do Rio Grande do Sul, com os quais se corresponderá diretamente, não tendo outra qualquer autoridade ingerência no serviço da Escola;

§1º - Ficará, não obstante, sujeito ao Comandante Geral de Artilharia no que for concernente ao ensino técnico professado no estabelecimento;

Sena Madureira era ardoroso republicano e abolicionista. Quando comandava a Escola de Tiro de Campo Grande em 1884 (local onde funcionaria a Escola Militar do Realengo em 1913/144) recebeu, na Escola, o chefe do Movimento Abolicionista Cearense, o jangadeiro Francisco do Nascimento. E Sena Madureira recebeu ordem do Ministro da Guerra, Senador Franco de Sá, através do Ajudante-General Visconde da Gávea, que informasse sobre a sua manifestação feita ao líder abolicionista cearense.

Sena Madureira respondeu que nada tinha de informar, em razão da Escola de Tiro de Campo Grande estar diretamente subordinada ao Marechal Gastão de Orleans, Conde D' Eu, Comandante-Geral da Artilharia.

Em conseqüência, foi repreendido pelo Ministro e exonerado do comando da Escola de Tiro de Campo Grande (Ordem do Dia 1833, de 30Abr 1884).

Em 1885, Sena Madureira, foi nomeado comandante da Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo. E no Rio Grande do Sul estreitou relações com o Dr.

Júlio de Castilhos que, através do jornal **A Federação**, fundado em 1º de janeiro de 1884, vinha pregando a Proclamação da República.

A Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo e a Questão Militar de 1886

Para organizar e dirigir a Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo, foi para ela enviado, como punição, o Ten Cel Antônio Sena Madureira.

Em 2 de agosto de 1886, o General Câmara, também Senador, proferiu discurso no Senado, no curso do qual os senadores Viriato Medeiros e Franco de Sá trocaram apartes, tendo o último atacado o Ten Cel Antônio Sena Madureira, que ele mesmo havia punido 2 anos antes.

No Rio Grande do Sul o Ten Cel Sena Madureira, com apoio de Júlio de Castilhos publicou, 16 dias depois do ataque do senador Franco de Sá, seu primeiro artigo em **A Federação**, reptando o ex-Ministro da Guerra Franco de Sá.

Divulgado seu artigo no Rio de Janeiro, o Ministro da Guerra Alfredo Chaves telegrafou, em 2 de setembro, ao Marechal Deodoro da Fonseca, Comandante das Armas (a atual 3ª Região Militar) e Presidente da Província do Rio Grande do Sul, indagando se o Ten Cel Sena Madureira, comandante da Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo, havia agido com o seu consentimento.

O Marechal Deodoro respondeu no dia seguinte:

"Que não dera consentimento e nem precisava concedê-lo, tendo em vista que avisos ministeriais que regulamentavam o assunto só exigiam solicitação de licença quando se tratasse de questões entre militares, como prescrevia o **Regulamento Disciplinar do Exército**. E que aos membros da Assembléia Geral – salvo aos Ministros da Guerra e da Marinha e aos oficiais militares "não tem aplicação os preceitos dos citados avisos". A razão assistia ao Marechal Deodoro!

Mas o Ministro da Guerra, Alfredo Chaves, que já havia punido o Ten Cel Ernesto Cunha Matos, baixou Aviso de 4 de setembro de 1886 incorrendo novamente no erro, repreendendo o Ten Cel Antônio Sena Madureira por haver publicado, "sem que houvesse da autoridade militar a necessária licença" o artigo, "O Tenente Coronel Sena Madureira e o Senhor Franco de Sá", no qual faz referências inconvenientes a um membro do Parlamento e critica atos da administração de um ex-Ministro da Guerra.

Júlio de Castilhos, cumprindo promessa de apoio a Sena Madureira, publicou no dia 23 de setembro de 1886 artigo célebre intitulado "Arbítrio e Inépcia", no qual escreveu:

"À nobre classe que dignamente corporifica e simboliza a honra nacional se torna mais visível, pois que há, de fato, oposição entre o dever de servir à Pátria no exercício da investidura militar e a contingência de

consagrar respeito provisório ao regime do Império e à instituição dinástica. Molestando e ofendendo à nobre suscetibilidade de oficiais da ordem do Tenente-Coronel Madureira, o Império não desaira somente o ofendido, mas viola a responsabilidade militar e ofende, na pessoa de um chefe eminente, o justo melindre e a honra do Exército, que valem tanto como os brios e a dignidade da Nação”.

No dia seguinte, o Marechal Câmara, com raízes familiares em Rio Pardo, movido pelo amor à sua classe, enviou carta a Júlio de Castilhos com o seguinte teor:

*“Como velho soldado deste Exército tão rico de abnegação, de patriotismo e de valor, venho agradecer à ilustrada redação da **Federação**, as palavras de consideração e de conforto que dirige ao distinto Tenente-Coronel Antônio de Sena Madureira, a quem o atual Sr. Ministro da Guerra mandou repreender em Ordem do Dia do Comando das Armas desta Província.*

O Tenente-Coronel Madureira é um oficial que faz honra ao Exército Brasileiro pela sua bravura, pela sua ilustração, pela sua honradez e pelo seu devotamento ao serviço. Dando testemunho público do apreço que me merecem suas elevadas qualidades e da alta estima em que o tenho, cumprimento mui cordialmente aquela ilustrada redação, que no artigo - Arbítrio e Inépcia - fê-las tão bem realçar. O Tenente-Coronel Madureira só merece honras e louvores”.

Estava “na rua”, com origem principal em Rio Pardo, a Questão Militar, que provocaria a queda do Império.

E a Questão Militar se desenvolveu e engrossou em Porto Alegre.

Em 30 de setembro de 1886, a oficialidade da Guarnição de Porto Alegre se reuniu e decidiu apoiar a atitude do Ten Cel Madureira, Comandante da Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo, autorizando-o até a agir como advogado da classe militar.

O Barão de Cotegipe, Presidente do Conselho de Ministros, solicitou, em 2 de outubro de 1886, informações ao Marechal Deodoro, Comandante das Armas, a respeito da reunião dos oficiais e obteve a seguinte resposta:

“Justo e geral sentimento do Exército muito ofendido. Oficiais pediram reunião calma; aprovei e consenti. Resolveu-se ato de inquestionável direito”.

Os marechais Câmara e Deodoro bateram-se por causa justa ao protestarem contra a arbitrariedade do Ministro da Guerra representada pelo Governo, ao punir, sem amparo legal, os oficiais Ernesto Augusto Cunha Mattos e Antônio Sena Madureira.

Em 26 de novembro de 1886, o Marechal Deodoro foi substituído na Presidência da Província do Rio Grande do Sul e em 22 de dezembro do comando das Armas (atual 3ª RM).

Em 8 de janeiro de 1887, exonerado do comando da Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo, Sena Madureira passou por Porto Alegre, em companhia de sua modelar esposa e companheira D. Constância Augusta. Dona Constância era filha do Capitão-Tenente Mariz e Barros, morto em ação no



Paraguai, e neta do Almirante Visconde de Inhaúma, comandante da Esquadra Brasileira quando

o Marquês de Caxias era o Comandante-em-Chefe das forças do Brasil na Guerra do Paraguai.

Durante todo o percurso do porto até o Solar, feito a pé, D. Constância Augusta vinha no centro, de braços dados com os marechais Deodoro e Câmara.

Na sacada do Solar, ao lado de D. Constância Augusta, Sena Madureira agradeceu a homenagem, fardado de gala.

O General Câmara declarou Sena Madureira digno de tal homenagem por suas brilhantes qualidades e saudou o General Deodoro que agradeceu e retribuiu as saudações.

Ao desembarque de Sena Madureira com a esposa, em Porto Alegre, compareceu expressiva multidão e numerosos oficiais, que acompanharam o casal do porto até o atual Solar dos Câmara, onde foram hospedados.

Marechais Deodoro da Fonseca, à esquerda, e Marechal Câmara, à direita. Duas lideranças que apoiaram a atuação do Ten Cel Sena Madureira.(Fonte: EME- História do Exército 1972, v.2, p. 677 e verso)

Dias depois, Deodoro, Sena Madureira e o Cel José Simeão de Oliveira, exonerado do Comando da Escola Militar de Porto Alegre, que já era no Casarão da Várzea, seguiram para o Rio de Janeiro.

Em 27 de junho de 1887, decorrido cerca de meio ano da homenagem ao Ten Cel Sena Madureira, quando de seu desembarque em Porto Alegre, teve lugar no Rio de Janeiro a fundação do Clube Militar, presidida pelo Marechal Deodoro, e com a presença do Marechal Câmara, como integrante, junto com Deodoro e o Almirante Custódio de Mello, de Comissão destinada a agradecer à imprensa livre e independente, da Corte, pela defesa dos interesses da classe militar.

A Sena Madureira coube a redação dos Estatutos do Clube, com a ajuda de D. Constância Augusta. Ao Cel José Simeão de Oliveira coube a função de 1º Secretário do Clube Militar. Este nasceu em Rio Grande e era afilhado do Conde de Porto Alegre. Foi encarregado, ao final da guerra do Paraguai, de transportar para o Brasil a espada do Marechal Solano Lopes e entregá-la a D. Pedro II. Esta espada foi devolvida ao Paraguai 110 anos mais tarde pelo sobrinho neto do Cel Simeão, o Presidente João Figueiredo.

Sobre este fato, quando este autor foi Diretor Cultural do Clube Militar e Diretor de sua revista esta, no centenário do Clube em 1987, publicou trabalhos alusivos aos marechais Deodoro e Câmara, ao Coronel Simeão de Oliveira e ao Ten Cel Sena Madureira, que estão indicados nas Fontes, ao final.



O casal Ten Cel Antônio Sena Madureira e D. Constância Augusta Mariz e Barros Madureira. (Fonte: Revista do Clube Militar, 1987, nº 280, p.41)

A Questão Militar ganha corpo em Porto Alegre

Ten Cel Antônio Sena Madureira (1841/89)

Nasceu em Pernambuco. Oficial de Engenheiros, foi mandado a Europa em 1863 para estudar Vias de Transportes, missão que interrompeu e se apresentou voluntário para lutar na Guerra do Paraguai, tendo combatido em Tuiuti, Curuzú, Estabelecimento, Peribeubí e Campo Grande, recebendo muitos elogios por sua meritória ação em combate, tendo inclusive sido ferido à bala na Linha Negra. Em 1870, foi o organizador do **Almanaque Militar**, servindo no Arquivo Militar, que reunia os engenheiros militares. (Não confundir com o atual Arquivo Histórico do Exército, criado em 1937, que dirigimos de 1985/91 e resgatamos sua História, a qual lá deixamos).

Depois, Sena Madureira comandou as Escolas Táticas e de Tiro do Realengo e do Rio Pardo. Sua última função foi a de comandante da Fábrica de Pólvora da Estrela em 1888/89. Exonerado, veio a falecer pouco depois, aos 47 anos de idade, em circunstâncias suspeitas, depois de beber água mineral no QG do Exército, onde servia. Sua contribuição para o desenvolvimento da Doutrina do Exército, antes de ir servir em Rio Pardo, foi expressiva. Integrou na Europa, de 1873/77, comissões encarregadas de estudar a organização dos maiores exércitos da época e os seus sistemas de recrutamento, permanecendo em Berlim como adido militar. Sobre ele escreveu o acadêmico da AHIMTB Cel Amerino Raposo Filho: *"Militar dos mais competentes, dignos e cultos de sua época, versado em Ciências Políticas e Sociais, escrevia e falava fluentemente o francês, inglês e alemão. Excelente*

companheiro de armas, autêntico líder, admirado e seguido em suas idéias pelas gerações mais novas. Abolicionista exaltado, não entendia como a Escravidão continuasse maculando a sua Pátria. Republicano convicto, sem ser positivista, correu todos os riscos decorrentes da contestação do regime monárquico”.

O Clube Militar, de cuja trindade fundadora participou, ao lado do Marechal Deodoro e de Benjamin Constant e cujos Estatutos redigiu, com auxílio de sua brava e solidária esposa D. Constância Augusta, deu seu nome a um de seus dois auditórios, onde figura o seu busto (Ver **Revista do Clube Militar nº 280**).

Sena Madureira movimentou a sociedade riopardense, juntamente com sua esposa, tendo ali participado da fundação, em 10 de outubro de 1886, do Clube Literário e Recreativo de Rio Pardo, segundo os dedicados membros da UNEAMA Ciro Oscar e Wunderlicht. Em Rio Pardo, D. Constância identificou-se com outra ilustre dama que, como ela, havia perdido o pai em ação na Guerra do Paraguai. Era D. Maria Adelaide, filha do General Andrade Neves.

Segundo o acadêmico emérito da AHIMTB, Cel Jardro Alcântara Avellar, no artigo Cel Antônio Sena Madureira, em seu livro **Páginas da História do Brasil**. Rio de Janeiro, Gráficos Villeth Ed., 2004:

"Sena Madureira era uma das mais salientes figuras do nosso Exército e muito venerada. Seu gênio altivo e cavalheiresco, seu espírito de classe, seu talento vibrante, sua coragem impávida viraram uma legenda que a mocidade admirava. Em que pese seu gênio vivo e pouco acomodaticio fazer que ele passasse por um exaltado, era para ele que se voltavam sempre as vistas dos seus camaradas, sendo considerado como o mais brilhante oficial do nosso Exército e a maior esperança da classe militar, no Brasil. Apesar de não ser general, moralmente, pela sua influência na classe militar que tanto honrava, era como já fosse um deles”.

Seu protesto contra a punição, injusta, pelo Ministro da Guerra, ele assim a respondeu em certo trecho de artigo:

"Conhecedor da legislação que rege o Exército, não me poderia sujeitar, como não me sujeito, a imposições menos dignas dos brios, não só da classe militar, como também de qualquer outra classe em que o cidadão se preze de ser honrado”.

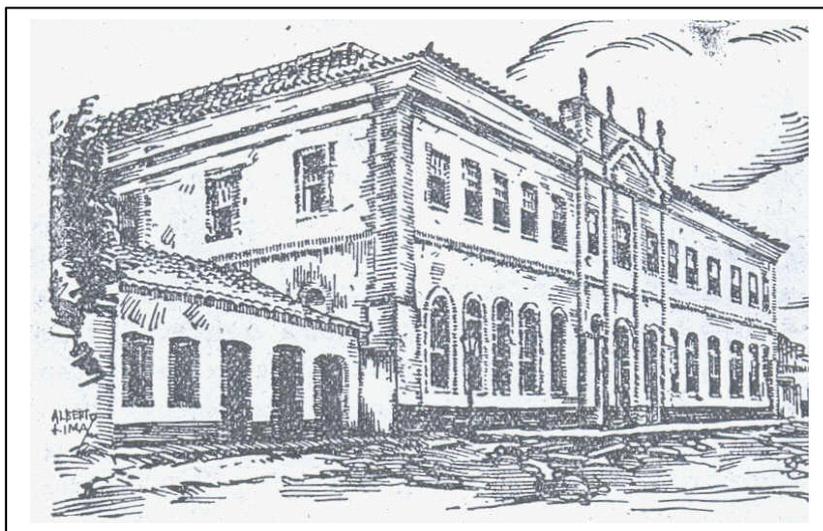
Conforme já dissemos, Sena Madureira faleceu em circunstâncias misteriosas, em 28 de janeiro de 1889, após haver ingerido água mineral no Ministério da Guerra. Segundo a tradição familiar, relatada a Gustavo Barroso, o afastamento criminoso de Sena Madureira teria sido proposital. Sua memória aos poucos foi sendo esquecida. O jornal **A Federação**, de Porto Alegre, assim registrou o seu passamento:

"Dorme o eterno sono dos bons, que o teu nome será sempre lembrado como um edificante exemplo de abnegação e de civismo. E quando, no remanso do lar ou nas casernas, os que ouvirem de ti falar lembrarão o nome Sena Madureira e repetirão, para sintetizar a história de tua vida

laboriosa, desinteressada e honesta, este verso "Morreu como viveu - herói dos heróis - Morreu".

No cemitério São João Batista no Rio, em magnífico mausoléu, fruto de subscrição popular promovida pela Escola Militar da Praia Vermelha, pelo Exército, pela Marinha e pelo Povo, repousam seus restos mortais, junto com o de sua valorosa esposa D. Constância Augusta Mariz e Barros Madureira. O casal não deixou geração, o que dificultou sobremodo ao Clube Militar, em 1987, resgatar sua preciosa vida e obra, pelo acadêmico Cel Amerino Raposo Filho. Cremos que aqui deixamos, para os freqüentadores do Centro Regional de Cultura do Rio Pardo- Antiga Escola Militar, como inspiração, o grande exemplo de um grande brasileiro que, debaixo deste histórico Casarão produziu histórico artigo que terminou por acelerar a troca do Regime Imperial no Brasil, que durou 67 anos, pelo republicano, instituído há 116.

A Escola Prática de Infantaria e Cavalaria do Rio Pardo, 1890/98



Bico de pena da Escola Prática, em PARANHOS ANTUNES, Dragões do Rio Pardo

Esta Escola funcionou irregularmente durante a Guerra Civil de 1893/95 que assolou o Sul do Brasil. Em 1895 ela não funcionou e seu equipamento foi recolhido a Porto Alegre. O mesmo aconteceu em 1896, como consequência da Revolução Federalista de 93 e por ter sido todo o

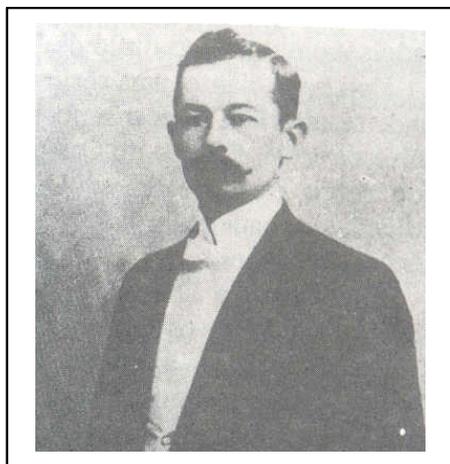
material velho recolhido ao Arsenal de Guerra de Porto Alegre e, ainda, seu material bélico, em grande parte, ter sido distribuído às forças do Governo que combatiam a Revolução. Estudou nesta Escola José Plácido de Castro, herói da Revolução Acreana.

A lei 463, de novembro de 1897, suprimiu o Curso Geral da Escola Militar de Porto Alegre, que foi reunido ao da Escola Prática do Exército em Rio Pardo. Esta passou a denominar-se Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, ficando extinta a Escola Militar de Porto Alegre, que havia sido atingida pelo cataclisma das violentas agitações em Porto Alegre. A necessidade do Governo de mobilizar oficiais professores e mesmo alunos para servirem como oficiais inferiores, determinou o fechamento da Escola Militar de Porto Alegre, em 3 de outubro de 1898.

Neste período aquartelava em Rio Pardo o 28º BC, que foi envolvido pela Revolução Federalista e aprisionado após o combate do Rio Negro, em Bagé, em 28 de novembro de 1893, por federalistas ao comando do General honorário Joca Tavares. O 28º BC foi obrigado a lutar como tropa federalista, com o nome de Ernesto Paiva. Libertado mais tarde, foi enviado para a Guerra de Canudos onde, por apresentar baixo moral, foi encarregado de tomar conta de uma estrada. Ao final da Campanha de Canudos foi enviado para São João d'el Rey onde, por evolução, transformações e denominações sucessivas, deu origem ao heróico 11º BI Motorizado – Batalhão Tiradentes, que cobriu-se de glórias na 2ª Guerra Mundial. E o 31º Batalhão de Infantaria de São João d'el Rey, que fora mandado para o sul, cobriu-se de glória ao comando do Coronel Carlos Teles, na resistência heróica ao sítio federalista de Bagé, em 1893, por mais de 40 dias, evento que abordamos, do ponto de vista do Exército, na **História da 3ª Região Militar - 1889/1953**, v2.

Para apoiar a Escola Preparatória e de Tática instalada em Rio Pardo, e que ali funcionaria de 1898 a 1903, aquartelou, próximo dela, o 2º Batalhão de Engenheiros, originário da Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros e que, depois, originaria o 1º Batalhão Ferroviário, atual 10º Batalhão de Engenharia de Construção, em Lajes-SC. Foi Fiscal (sub-comandante) e comandante interino, por bom período, do Batalhão de Engenheiros, o Major Setembrino de Carvalho. A memória de Setembrino sobre este período reproduziremos adiante.

Nesse período eram comuns e freqüentes as mudanças de nomes e instalações destas escolas.



Coronel Plácido de Castro em 1908 no Acre, pouco antes de ser assassinado de tocaia, em presença de seu irmão Genesco de Oliveira Castro, que também estudou na Escola Prática de Infantaria e Cavalaria do Rio Pardo, de 1891 a 1892 (Fonte: Acadêmico Osório Santana

Figueiredo em "São Gabriel desde o princípio")

Estudou na Escola Prática, de 1891 a 1892, Plácido de Castro, "O Conquistador do Acre". Ao cursar, em 1893, a Escola Militar, no Casarão da Várzea, aderiu, com outros colegas, à causa federalista, tendo por ela lutado e atingido o posto de Major. Depois, peregrinou à procura de emprego, tendo sido funcionário do Colégio Militar do Rio de Janeiro de onde terminou indo para o Acre, como agrimensor, e lá liderado uma revolta militar que terminou pela incorporação do Acre ao Brasil. Estudamos Plácido de Castro em nosso livro **Amazônia Brasileira-Conquista, Consolidação, Manutenção (História Militar Terrestre da Amazônia, 1616-2004), Porto Alegre: AHIMTB /Metrópole, 2003.**

A Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, 1898-1903

A Lei 463, de novembro de 1897, suprimiu a Curso Geral da Escola Militar do Porto Alegre. Suprimindo-a, criou a Escola Preparatória e de Tática em Rio Pardo que passou a ministrar o Curso da então Escola Prática do Rio Pardo e mais o Geral da Escola Militar de Porto Alegre.

Extinta a Escola Militar de Porto Alegre seus alunos foram juntar-se, em Rio Pardo, aos alunos da extinta Escola Prática do Exército.

Sobre a chegada dos alunos provenientes de Porto Alegre escreveu o Cel Deoclécio de Paranhos Antunes, patrono de cadeira na AHIMTB, em sua **História do Rio Pardo**, transcrevendo artigo de jornal local da época:

A chegada da Escola Militar em Rio Prado - crônica

“Às cinco horas da tarde do dia 11 de setembro de 1898 chegou à Rio Pardo o trem especial conduzindo o coronel João Cândido Jacques, comandante da Escola Preparatória, turma de alunos, lentes (professores) e exmas. famílias”.



“**A Pátria**”, jornal da época, que se publicava em Rio Pardo, assim noticiou a chegada da Escola Militar:

“Era enorme a multidão que se aglomerava na “gare” da estação, ansiosa pela chegada do comboio.

Alunos de Bagé, em 1903, identificados da esquerda para direita, em pé: o 2º é o aluno Salvador César Obino e o 4º é Pantaleão Pessoa. Fonte: Arquivo do Marechal César Obino em poder do herdeiro de seu arquivo, o acadêmico Dr. Eduardo Cunha Müller.

À hora acima indicada teve lugar o desembarque entre aplausos, vivas entusiásticos e ruidosas manifestações do povo, que delirante de prazer acompanhou o desfilar da mocidade estudiosa pelas principais ruas da cidade, que para isso se achavam elegantemente enfeitadas com arcos, flores, bandeirolas e lanternas de diferentes cores.

Ao trajeto incorporou-se a oficialidade do 2º Batalhão de Engenharia, as autoridades locais e grande massa popular, sendo a Escola precedida de duas bandas de música e de banda de cornetas do referido Batalhão de Engenheiros, que a acompanharam até o seu edifício.

Depois de chegados os alunos ao estabelecimento, os músicos retrocederam percorrendo as ruas da cidade ao toque de harmoniosas peças dos seus agradáveis repertórios.

Ao escurecer foi iluminada a cidade, não só no centro das ruas como nas frentes das casas, o que fez dar ao nosso austero e tradicional Rio Pardo um aspecto verdadeiramente deslumbrante.

À noite, era grande a afluência do povo que passeava pelas ruas num verdadeiro frenesi de entusiasmo, ouvindo de quando em quando o som melodioso de marchas e dobrados executados pelas músicas que ocupavam dois coretos primorosamente levantados na rua General Andrade Neves.

Em marcha "aux flambeaux", às 7 horas, grande massa popular dirigiu-se, acompanhada das bandas marciais, à residência do coronel João Cândido Jacques. Fez aí uso da palavra o dr. Fortunato Barreto, que em rápido discurso, saudou a Escola Preparatória na pessoa de seu ilustrado chefe, congratulando-se com o povo rio-grandense, de que se tornara órgão, pelo auspicioso fato da transferência para esta cidade do estabelecimento de instrução militar.

O Sr. coronel Jacques respondeu à saudação em concisas frases, assegurando toda vontade em fazer manter os créditos da reputada Escola, desempenhando os deveres de seu cargo escrupulosamente, como soldado obediente ao dever e zeloso do seu nome, sem as paixões que conturbam o espírito e simplesmente como delegado do governo federal, cujos atos não lhe competia discutir. Prometeu prestar todo o apoio às autoridades locais, que dele carecessem e significou a satisfação que sentia por achar-se em terra tão generosa e de tão honrosas tradições militares.

Terminou erguendo vivas à Nação Brasileira, ao Rio Grande do Sul, à capital do Estado e à cidade de Rio Pardo.

O préstito em seguida percorreu diversas ruas, indo à frente da Escola saudar os alunos, onde se fizeram ouvir alguns deles em animadas frases.

Até alta noite seguiu-se a animação da tarde.

No dia seguinte, segunda-feira pela madrugada, foram acordados os habitantes da cidade pelo estrugir de centenares de foguetes, o espoucar constante de bombas de dinamite e ao som das músicas que percorriam as ruas.

Às cinco horas da tarde, fazendo elas um novo passeio pela cidade, foram depois ocupar os dois coretos de onde só saíram às dez horas da noite, para tocar no baile que se realizou no vasto salão da Escola. Este baile atingiu à imponentia.

O estabelecimento estava inteiramente iluminado; os seus salões artisticamente ornamentados. Todo o serviço ali foi feito com uma ordem e gosto incomparáveis.

Às dez horas, mais ou menos, começaram a chegar os convidados.

Enquanto, estes, em grande número, subiam as escadarias da Escola para tomar parte na grande animação que ali havia, em baixo, na rua, na frente do edifício se aglomerava uma grande quantidade de povo para apreciar a grande festa íntima.

Dançou-se animadamente até terça-feira pela manhã, tendo sido servido aos convidados e mais pessoas presentes, doces, finos líquidos, chocolate, etc.

A comissão encarregada dos festejos desempenhou a sua incumbência com atividade e zelo, sendo por isso digna de louvores.

Na noite de segunda-feira continuou nas ruas a iluminação e animação do dia anterior, terminando na manhã de terça-feira, os festejos, deixando-nos a mais agradável impressão o aspecto alegre e atraente que oferecia à vista do observador naqueles dias festivos a nossa ordeira cidade”.

Cinco anos depois, a 11 de setembro de 1903, a EPT era recolhida para a capital do estado, por transferência, cumprindo lei do Congresso Nacional, sancionada pelo Presidente da República, conforme publicou a Ordem do Dia nº 165, de 14 Set 1903 do Comando do 6º Distrito Militar, que tinha sede, na época, em Rio Grande.

As Escolas do Exército, na visão de Marina de Quadros Resende

“A permanência das Escolas Militares em Rio Pardo, embora por poucos anos, animou a cidade, trazendo-lhe maior progresso. A chegada dos cadetes, lentes e funcionários deu um novo impulso a Rio Pardo. As ruas tornaram-se mais movimentadas. A alegria e a algazarra da rapaziada estavam presentes em toda a parte. Era comum os cadetes participarem, nas calçadas, das cantigas de roda da criançada ou de seus jogos e diversões. Bonitas festas se realizaram nessa época. Bailes, saraus musicais e literários, e espetáculos teatrais davam vida a Rio Pardo.

Os cadetes mantinham um teatro ambulante, o “João Minhoca”, montado em um carroção. Assim realizavam representações teatrais em diversos pontos de Rio Pardo. Os bailes na Escola Militar ficaram famosos e eram freqüentados pela melhor sociedade rio-pardense. Contam-se diversas histórias sobre aquele tempo, especialmente sobre os cadetes e suas brincadeiras”. Dentre elas D. Marina registrou a seguinte:

“Era comum as tropas de gado atravessarem a cidade de Rio Pardo. Certa ocasião, por se tratar de uma tropa de gado xucro, o dono da tropa solicitou ao comandante da Escola que mantivesse os cadetes no alojamento para evitar uma brincadeira ou um atropelamento. E o comandante atendeu o pedido do tropeiro e os cadetes aguardaram nas janelas a passagem da tropa. E quando ela desfilava em frente a Escola alguns cadetes atiraram bem no centro da tropa xucra um colchão, provocando uma enorme confusão, seguida de um estouro da boiada que se espalhou pela cidade, tendo os tropeiros gasto três dias para os recolherem”.

Da mesma autora, historiadora e inspirada poetisa, também é de sua lavra esta notável interpretação histórica de Rio Pardo em seu hino:

O Hino de Rio Pardo

Tu surgiste cidade gloriosa,
Da caserna do bravo Dragão
Que, formando heróica Tranqueira
Evitou de Castela a invasão

Coro

Ó Rio Pardo de heróis legendários
Berço altivo de um povo viril
Guardiã das fronteiras outrora,
És relíquia do nosso Brasil

No passado, ponteando o Rio Grande
Foste forte, soberba, brilhante
Teu presente de paz e trabalho,
No porvir, te fará triunfante

Pelo livro, o gado, a charrua,
Tu trocaste a espada e o fuzil.
E agora defendes briosa
Um progresso maior do Brasil.

A letra do Hino de Rio Pardo traduz a grande transformação histórica da lendária Rio Pardo de cidade opulenta, movimentada, de caserna do bravo Dragão que, formando Tranqueira, evitou de Espanha a invasão e que hoje trocou a espada e o fuzil pelo livro, o gado e a charrua.

Rio Pardo não só evitou a invasão mas foi essencial para a conquista, consolidação e definição do destino brasileiro dos Sete Povos e do antigo distrito espanhol de Entre Rios (Uruguai, Ibicuí, Santa Maria e Quaraí), além de acrescer territórios aos atuais municípios de São Gabriel (mais da sua metade), a Bagé (mais de um terço) e a Dom Pedrito (quase metade). Estudamos este assunto em **Inspirações Geopolíticas das ações de Portugal e do Brasil na Prata e suas projeções no Rio Grande do Sul** (Resende, AHIMTB, 2003), com prefácio do grande geopolítico brasileiro e acadêmico emérito da AHIMTB General Carlos de Meira Matos.

Além da ação militar, Rio Pardo e seu porto em certa época atraíram exploradores do couro do gado alçado das campanhas uruguaias, então patrimônios do Rei de Espanha, facilitando assim a aproximação militar de Portugal ao Rio da Prata.

A concluir-se da historiadora Marina de Quadros Resende, a transformação da opulenta Rio Pardo de caserna gloriosa do bravo Dragão à atual situação é devida aos seguintes fatores:

1 - Desmembramento de Rio Pardo de municípios de grande expressão econômica como Santa Cruz do Sul, Cachoeira de Sul, Candelária, Taquari, etc.;

2 - Inauguração da ferrovia Porto Alegre - Santa Maria em 1885, neutralizando seu outrora movimentado porto receptor e dispersor de riquezas de toda a região da Campanha e Missões;

3 - Requisições farrapas do comércio em 1838 e divergências locais radicais entre imperiais e farrapos que se repetiram na Guerra Civil de 1893/95;

4 - Expressivas perdas humanas na Guerra do Paraguai onde se destaca a de Andrade Neves, líder da Guarda Nacional local;

5 - Epidemia de Cólera Morbo em 1867;

6 - Retirada de Rio Pardo das Escolas Militares que a animaram de 1885/1911;

7 - Retirada da Guarnição Federal de Rio Pardo em 1928, com a saída do 7º Batalhão de Caçadores.

E terminava assim um longo período de presença de Guarnição do Exército que aquartelava em Rio Pardo, sendo que as últimas foram no local onde se ergue a Prefeitura.

Entre elas destaque-se, desde 1754, os Dragões do Rio Pardo, unidade transformada, em 1824, em 5º Regimento de Cavalaria (transferido em 1834 para Bagé), o 28º Batalhão de Caçadores, vindo da Bahia em 1888, proveniente do 16º BC (atualmente em Juiz de Fora), o 2º Batalhão de Engenheiros (atualmente em Lages - SC), o 4º Batalhão de Engenharia (atualmente em Itajubá), o 3º Corpo de Trem e, por último, o 7º Batalhão de Caçadores. Sobre o 3º Corpo de Trem, vindo de Santa Maria em 1915, permaneceu em Rio Pardo até 1919, quando foi transferido para General Câmara onde foi extinto e transformado em 13º Regimento de Cavalaria. O 13º RC foi comandado pelo Ten Cel Estevão Taurino de Resende.

Esta longa presença do Exército em Rio Pardo, cerca de 174 anos, foi substituída em 1970 pelo 2º Batalhão de Polícia Militar - Batalhão General Pinheiro Machado, da Brigada Militar.

Rio Pardo foi a primeira vila a receber calçamento, em 1813, possuindo então uma população de 10.800 habitantes.

O Conde D'Eu, ao passar em Rio Pardo pela primeira vez, em 1865, quando a mesma já era cidade, desde 31 de março de 1846, assinalou que ela possuía 3.000 habitantes. Mais tarde, em 1885, passou novamente e ali se hospedou, com a Princesa Isabel.

A História de Rio Pardo registra ter ali servido como tenente o futuro General Osório - Patrono da Cavalaria, título que disputou, e venceu, com o rio-pardense Andrade Neves, sério candidato que, por algum tempo, foi considerado patrono da Cavalaria, sendo Osório o vice-patrono do Exército. Caxias já era Patrono, depois de se impor como líder de batalha e Osório como líder de combate. Eles se complementavam.

Conta a tradição que o Tenente Osório enamorou-se de Ana, filha de um oficial superior que não aceitava seu casamento com um simples tenente. E para por fim ao namoro o pai de Ana conseguiu transferir Osório para um distante ponto da fronteira.

Os pais de Ana a forçaram a casar com outra pessoa, obrigando-a a ceder.

Mas Ana apelou ao Tenente Osório para vir salvá-la, recebendo ele tardiamente a mensagem por haver adoecido em caminho o mensageiro.

E Osório viajou célere para Rio Pardo. Ao chegar, Ana já havia casado e pouco depois falecido, sendo encontrada em seu peito, ao ser amortalhada, o nome de Osório - a sua paixão.

E isto deu origem a uma lenda que conta que o Tenente Osório, numa pousada de carreteiros, avivou um fogo morto quando foi avisado por sua ordenança que aquela prática era de mau apoio. E este dia coincidiu com a morte de sua Ana.

O mestre Dante de Laytano, que foi promotor em Rio Pardo e dela se apaixonou afirma, em prefácio da bela obra da professora Marina, que ali a conheceu menina, e *"que ela transformou a História de Rio Pardo, por sortilégio da cultura, em história nacional, por se constituir Rio Pardo num marco da civilização do Rio Grande do Sul, com tradições imensas de uma terra povoada de saudável bravura, imagens líricas e virtudes gaúchas"*.

Atesta ainda mais a importância de Rio Pardo o fato dela ter contribuído com treze titulares do Império. Foram os seguintes:

Quatro Viscondes: 1º Visconde de Pelotas, Visconde de São Gabriel, Visconde do Serro Formoso e Visconde de Andaraí.

Nove barões: Barão de Santo Ângelo, Barão de Quaraí, Barão de Teresópolis, Barão de Bojurú, Barão de Viamão, Barão de São Nicolau, Barão de São Gabriel, Barão do Triunfo e Baronesa de Gravataí.

Foram heróis militares os viscondes de Pelotas e de São Gabriel e os barões de São Gabriel e do Triunfo.

A matrícula de 1898 foi de 216 alunos, sendo 136 provenientes da extinta Escola Militar de Porto Alegre e mais 80 da antiga Escola Prática do Exército, dos quais 57 praças e 23 civis. Em 1903 a matrícula na Escola foi de 220 alunos. Esta nova escola se dedicou a preparar candidatos ao ingresso na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, dentro do Regulamento de Ensino de 1874, de cunho bacharelesco e não profissional militar, o qual só foi adotado em 1905.

Segundo o Cel Joaquim Martim de Mello, que foi o 3º e último a comandar a Escola em Rio Pardo, em seu relatório de 1902:

"Rio Pardo é cidade antiga, de pequena população e de pouca vida própria, sem probabilidade de progresso. Assim, ela não está em condições de oferecer as condições indispensáveis à manutenção, com vantagens, de um estabelecimento de ensino militar, do nível desta Escola Preparatória e Tática. Em realidade, além da falta de habitação para a moradia dos oficiais e alunos (externos casados), caso matriculados estes, que assim o desejarem. Rio Pardo não possui água encanada, esgotos e boa iluminação, acarretando sérias dificuldades para o bom andamento de todos os serviços. A água que é fornecida à Escola e à própria cidade por meio de pipas é apanhada no rio Pardinho, sendo este meio insuficiente, em época de seca, prejudicando a

higiene dos alunos por falta de banho. A iluminação é feita a querosene, iluminação deficiente e mesmo, perigosa. Por esta ligeira notícia pode-se fazer perfeita idéia do acanhado limite das condições sociais e intelectuais indispensáveis ao progresso de todo o estabelecimento de instrução”.

A luz elétrica foi inaugurada em 1911, no último ano da Escola Prática de Infantaria e Cavalaria, então extinta.

Este relatório deve ter influído na mudança da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, em setembro do ano seguinte, para o Casarão da Várzea, hoje ocupado pelo Colégio Militar de Porto Alegre.

Durante a permanência da Escola no Rio Pardo ela foi comandada pelos seguintes oficiais:



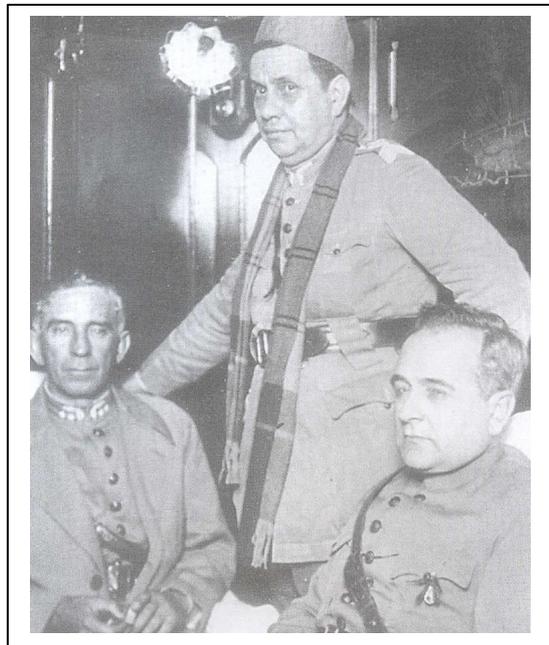
presidentes da República

Cel João Cândido Jacques (1898-1900); Cel Belarmino Mendonça (1900-1901), que atingiria o generalato, e o Cel Joaquim Martim de Mello (05 Jun 1901 a 11 Set 1903), em cujo comando ocorreu uma revolta coletiva de alunos, a 4 de maio de 1904, da qual resultaram várias punições e desligamentos da Escola, entre eles o do Sargento Getúlio Vargas, episódio que analisaremos em local próprio.

Alunos ilustres da EPT do Rio Pardo, incluindo dois futuros

O Sargento Getúlio Vargas, ao tempo em que freqüentou A Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, de 1900 a maio de 1903 (Fonte: Assembléia Legislativa do RGS. Getúlio Vargas do Brasil reabre as portas da Escola Militar do Rio Pardo. 2004. Folheto a cores)

Em
dois
da
além de
da
Brasil e



Rio Pardo
estudaram
futuros
presidentes
República,
outros
destacados
personagens
História do
do Exército.
Recordemos:

Getúlio Vargas. cursou a Escola de 1900 a maio de 1903, por cerca de 2 anos e meio. Presidiu os destinos do Brasil como seu presidente de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954, até o seu suicídio.

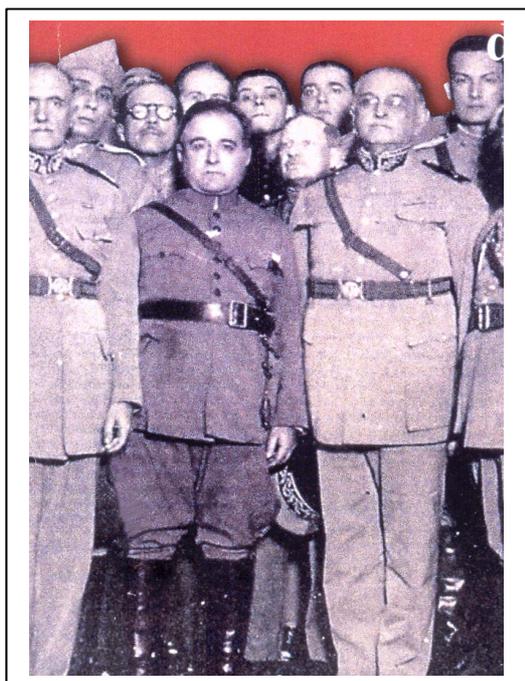
Era filho de São Borja. Frequentou a Escola como sargento, até ser desligado para retornar à tropa, em circunstâncias que abordaremos adiante.

Sua passagem pelo Exército ele recordou em 12 de setembro de 1940 ao falar para as Forças Armadas do Brasil:

“Como vós fui soldado e encontrei na camaradagem das armas uma escola de lealdade, de abnegação e desinteresse, com o que continuo servindo o Brasil, somando o meu esforço ao vosso e ao de todos os patriotas, para torná-lo cada vez mais próspero”.

Getúlio, chefe da Revolução de 1930, 28 anos depois de deixar a Escola de Rio Pardo, a caminho do Rio para assumir o Governo Revolucionário do Brasil, fardado. Ao seu lado, o general honorário Miguel Costa que, em realidade, comandou a Coluna Miguel Costa/Prestes que, impropriamente, passou à História, por manipulação política como Coluna Prestes. Erro reconhecido publicamente por Prestes em um programa de TV. Em pé, o Coronel de Cavalaria Pedro Aurélio de Góes Monteiro, chefe militar da Revolução de 30, que foi aluno, em Rio Pardo, da Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria. (Fonte da foto: Acadêmico DAVIS Ribeiro de Senna. As revoltas tenentistas que abalaram o Brasil. Brasília: Ed. Autor, 2004).

Getúlio suicidou-se em 24 de agosto de 1954, causando enorme comoção nacional. Cadete da AMAN, candidatei-me a integrar a Guarda de Honra em seu velório, e fui sorteado entre muitos cariocas, que viam no fato uma oportunidade de visitar a família. Depois de complicada viagem noturna, que incluiu dificuldades para atravessar massas humanas concentradas nas ruas em torno do Palácio do Catete, chegamos a este destino. Ali, a Guarda de Honra foi dispensada pela família do presidente, fato a nós comunicado pelo Chefe da Casa Militar, General Caiado de Castro. Os cariocas tomaram o rumo de seus lares e no Palácio do Catete só ficaram os dois cadetes gaúchos, eu e o Álvaro Escobar. E ali, durante toda a noite, testemunhamos aquele triste episódio, desfilando várias vezes defronte o caixão do ilustre morto, que havia criado a Petrobrás que hoje, através de sua Refinaria Alberto Pasqualini, patrocina o restauro e reciclagem do prédio da Escola onde Getúlio estudara 50 anos antes.



**Getúlio
anos
sair da**

**Vargas, 28
depois de**

Escola Preparatória e Tática, assumindo fardado o Governo Provisório do Brasil, recebido da Junta Militar. À sua esquerda o General Augusto Tasso Fragoso, grande historiador militar, que focalizamos na Revista A Defesa Nacional, nº 750, 1990. Atrás de Getúlio, de óculos, Bertoldo Klinger, o mais brilhante aluno que passou pela Escola Militar em Rio Pardo, 1899/1900. (Fonte da foto: JOÃO RIBEIRO, A Revolução de 30-capa)

Eurico Gaspar Dutra. Frequentou a Escola de 1902 a setembro de 1903, por cerca de um ano e meio. E ali conviveu com Getúlio Vargas, como seu "calouro" ou "bicho", em 1902, por cerca de três meses. Sobre isto, Dutra escreveu em suas **Memórias**:

"Venho de uma família pobre. Depois do Liceu, em 1902, fui sentar praça a fim de poder ir para a Escola Militar, no Rio Grande do Sul. A Junta Médica descobriu um sopro no meu coração e me deu apenas alguns meses de vida. Mas outra junta me considerou apto. Na Escola Militar do Rio Pardo, para onde fui, conheci Getúlio Vargas. Naquele tempo, andando pelo pátio da

escola, jamais poderíamos imaginar que chegaríamos ambos à Presidência da República. Mas Getúlio não seguiu a carreira das Armas. Tendo se solidarizado com colegas no caso de uma estrondosa vaia dada a professores, foi desligado da Escola Militar. Em 1904 terminei o curso em Porto Alegre e vim para a Praia Vermelha. No fim do ano houve a rebelião da vacina, da qual participei, sofrendo, inclusive, uma contusão. A escola fechou, os alunos foram expulsos e voltei a Cuiabá. No ano seguinte veio a anistia. Voltei para a Escola Militar de Porto Alegre, pela qual saí aspirante".

Eurico Gaspar Dutra seria o Ministro da Guerra de 1934 a 1945 e o Presidente do Brasil que sucedeu Getúlio Vargas, eleito por maioria absoluta até hoje não superada. O aluno Eurico Dutra, para chegar a Rio Pardo, enfrentou uma longa viagem de 40 dias pelos rios Cuiabá, Paraguai, Paraná, por mar até Rio Grande, pela Lagoa dos Patos até Porto Alegre e dali pelo rio Jacuí até Rio Pardo.

Segundo o historiador Hélio Silva "Dutra foi antes de tudo, um soldado. Nunca foi outra coisa. Um homem formado pelo Exército, para o Exército. O homem da hierarquia, da disciplina. Daí ter sido sempre um soldado legalista. Mesmo quando fez intervenções que poderiam ser consideradas contra a ordem, em 1937 e 1945, ele agiu dentro da sua concepção da ordem. Quando foi presidente, esperava-se um governo militarista, e ele nunca fez nada sem consultar a Constituição. Para evitar a coincidência das eleições, reduziu, voluntariamente, seu mandato de cinco para quatro anos. Além do mais, é um homem de grande coragem pessoal. Um chefe militar perfeito, que sabe dar ordens, porque sempre soube cumpri-las. Mas esse legalismo não ajudou Dutra no começo de sua carreira. Alheio ao tenentismo e à Revolução de 30, ele ficou em segundo plano durante mais de vinte anos que se seguiram à sua formatura. Em 1932, comandava o 4º RCD, em Três Corações, Minas Gerais. Como não tinha participado da Revolução, foi convidado por um comissário do Coronel Euclides Figueiredo para juntar-se aos paulistas. "Respondi-lhe" anotou em seu diário "não poder aceder ao convite porque, por princípio, até então tinha sido legalista".

Mais do que isto, não esperou ordem para marchar contra os paulistas, mobilizou a polícia mineira e deteve a ofensiva rebelde. Esta atitude, decisiva para o destino da luta, impressionou o então coronel Benjamim Vargas, irmão mais moço de Getúlio. Foi o começo da ascensão de Dutra, em 1935, ao Ministério da Guerra e, em 1945, para a presidência da República.

Depois de quatro anos de governo, espantou a muitos quando entregou-o ao mesmo presidente que havia deposto, e retirou-se para sua casa da rua Redentor, no Leblon, onde passou a liderar o que, segundo Hélio Silva, "foi o único salão político da República".

Dutra iniciou então uma etapa não oficial mas, apesar disso, das mais importantes de sua carreira de homem público.

Sua rotina era imutável: acordava às quatro da manhã e dava um passeio a pé. Ia dormir, invariavelmente, às sete da noite. *"Uma vez", conta*

Hélio Silva, "ele ficou muito surpreso quando lhe disseram que havia racionamento de luz".

Na foto de cima, o Ministro da Guerra, ao lado do presidente Getúlio



Vargas, seu colega em Rio Pardo, nas manobras de Saicã em 1941 (Fonte: BENTO, História da 3ª RM, v.1).

Na Itália, como Ministro da Guerra, inspecionando a FEB, 41 anos depois de estudar em Rio Pardo. (Fonte: Foto do autor). Em breve seria eleito presidente por maioria absoluta.

Dutra recebia políticos e militares das mais diversas tendências. E poucas decisões, na área militar, eram tomadas sem que se ouvisse seu conselho. Em 1964, o então governador Magalhães Pinto mandou três emissários consultá-lo sobre a revolução que se preparava. Dutra, durante muito tempo, tinha evitado aconselhar que tomassem atitudes drásticas contra João Goulart. Mas, no fim, não escondia que achava indispensável que se fizesse alguma coisa. Seu motivo deve ter sido o mesmo que o levou a apoiar o Estado Novo: "*Não se trata de política*" escreveu mais tarde, "*mas,*



exclusivamente, de repressão ao comunismo. A 19 de março de 1964 abandonou o silêncio e deu uma declaração à imprensa, quando afirmou "**Não se constrói na desordem. Nem se prospera no sobressalto**". O governo Goulart tinha seus dias contados.

Dutra foi um prodígio raro de sobrevivência política. Espantou seus colegas de turma de 1908, que o achavam desinteressante. E se enganaram!



Cel Bertoldo Klinger, 30 anos depois de haver estudado em Rio Pardo quando se consagrou como o mais brilhante aluno que por ali passou. Teve atuação destacada no Rio, como organizador e executor, na Guarnição do Rio de Janeiro, do movimento militar que culminou com a deposição do Presidente Washington Luís (Fonte: JOÃO RIBEIRO, A Revolução de 1930).

Bertoldo Klinger. Natural de Rio Grande. Coursou a Escola em 1899 e 1900, em dois anos, por seu desempenho intelectual notável. Getúlio foi seu calouro ou bicho. Foi um dos 13 jovens turcos, fundadores da Revista **A Defesa Nacional**. Estagiou em

uma unidade de Artilharia do Exército Alemão, influenciando grandemente o desenvolvimento da Doutrina de Artilharia de nosso Exército. Escritor fecundo. Foi o comandante Militar Geral da Revolução de 32 em São Paulo (biografamos Klinger em seu centenário na Revista **A Defesa Nacional**, nº 711, Jan/Fev 1984, p. 5/16). Sua memória histórica já estava bastante esquecida pela dificuldade de resgatá-la de suas monumentais memórias, as quais ele mesmo escreveu em linguagem fonética. Esta linguagem, por ele mesmo idealizada, não foi adotada. Suas memórias serão sepultadas,

juntamente com a linguagem, caso não seja adaptada para a linguagem corrente. Esta adaptação impõe-se, pela precisão e abundância das valiosas informações sobre a História do Exército, o que pode ser concluído de suas memórias sobre a Escola de Rio Pardo. Em realidade, traduzimos as mesmas para o Português.

Bertoldo Klinger ingressou na Escola como civil voluntário em 1899, com cinco companheiros, entre eles João Baptista Mascarenhas de Moraes. Foram colegas em 1899 e 1900. Possuía 1,53 m de altura. Segundo ele, a escola era chamada de PRETA, e nela era ministrada uma educação física nociva. Seu apelido era "Alemãozinho". As roupas de cama pertenciam aos alunos e não era padronizada.

Por haver sido aluno destacado, foi promovido a Alferes-aluno, tendo recebido como prêmio o espadim correspondente, que usou como Comandante Militar Geral da Revolução de 32. O espadim integra o acervo do Museu Paulista. A Delegacia da Academia de História Militar Terrestre do Brasil em São Paulo, que funciona no QG da 2ª DE, o tem como seu patrono. Suas magníficas lembranças da Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo são transcritas adiante.

Manuel de Cerqueira Daltro Filho. Nasceu em Cachoeira, na Bahia. Frequentou a Escola em Rio Pardo em 1899, 1900 e 1901. E, portanto, conviveu ali com Getúlio Vargas, que foi seu calouro ou bicho. Foi colega de Mascarenhas de Moraes e do brilhante aluno Bertoldo Klinger, que ele enfrentaria na Revolução de 32, no Vale do Paraíba. Pois, em 1932, Daltro Filho comandou o destacamento lançado pela 1ª Região Militar para combater o avanço revolucionário paulista no Vale do Paraíba. Comandou em 1937 a 3ª Região Militar. Foi o executor do Estado de Guerra e articulador da derrubada do interventor gaúcho General Honorário Flores da Cunha, substituindo este na Interventoria do Rio Grande do Sul (o **Dicionário da FGV** o aborda em seu v. 2, p. 1043). Focalizamos Daltro Filho na **História da 3ª RM**, v. 2, p. 368, com retrato na p. 377.

João Mendonça Lima. Natural de Pelotas. Coursou a Escola em 1899, 1900 e 1901, junto com Mascarenhas de Moraes, Daltro Filho e, Bertoldo Klinger, até 1901. Foi Secretário da Viação em São Paulo e Ministro da Viação e Obras Públicas de 1937/45, durante o Estado Novo. Foi Presidente do Instituto de Resseguros do Brasil. Getúlio Vargas foi seu calouro ou bicho. (O **Dicionário da FGV** o focaliza no v. 3, p. 1950).

João Baptista Mascarenhas de Moraes. Foi o comandante da Força Expedicionária Brasileira. Mais tarde, foi consagrado pelo Congresso como Marechal, vitalício no serviço ativo. Era natural de São Gabriel. Viajava para o Rio Pardo de carona em carroças do Corpo de Transportes do Exército. Estudamos Mascarenhas de Moraes na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 344, Jul/Set 1983, p. 119/136, na condição de

orador, convidado pelo mestre Pedro Calmon para falar sobre o mesmo no centenário de seu nascimento. Frequentou a Escola por 3 anos, de 1900/1902. Getúlio foi seu calouro ou bicho. Adiante publicamos suas memórias de Rio Pardo.

Salvador César Obino. Era natural de Bagé. Foi o idealizador da Escola Superior de Guerra, conforme o livro do Dr. Eduardo Cunha Müller, que tivemos a honra de prefaciar. Coursou a Escola em 1901, 1902 e 1903, tendo sido calouro ou bicho de Getúlio Vargas e Mascarenhas de Moraes. Eurico Gaspar Dutra foi seu calouro ou bicho.

Um de seus conselhos aos instrutores, seus comandados "*Nunca maltrate ou humilhe um instruendo ou comandado. Se ele não souber responder alguma coisa, não o chame de burro, mas sim que você o ensinou mal*".

A propósito, o Marechal João Batista de Matos, homem negro, patrono de Delegacia da AHIMTB no Rio de Janeiro, quando oficial superior, instrutor da ECEME, contam que uma turma sua obteve notas baixas numa prova. Culpando-se por tal fato, e não os alunos, pediu demissão da função. Era um homem, no Exército, comparável em dignidade e virtudes cívicas ao grande deputado negro gaúcho Dr. Carlos Santos.

Pantaleão Pessoa. Natural de Bagé. Coursou a Escola em Rio Pardo em 1901, 1902 e 1903 até setembro. Foi revolucionário de 1922 e 1924. Chefou o Estado-Maior do General Góes Monteiro na Revolução de 32 no Vale do Paraíba, tendo negociado com paulistas a cessação das hostilidades. Foi Chefe de Gabinete Militar e Chefe do Estado-Maior do Exército. Foi contra o Estado Novo. É autor do livro de memórias **Reminiscências e imposições de uma vida**, 1893/1965. Faleceu em 1972. Estuda-o o **Dicionário da FGV**, v. 4, p. 2707. Foi calouro de Getúlio Vargas e de Mascarenhas de Moraes. Dutra foi seu calouro ou bicho. Mais adiante aparecerão suas Memórias da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. Pantaleão foi interventor no Rio de Janeiro, onde era tratado pelos jornais como "Peão de Estância", por ser homem inflexível e de caráter difícil.

Emílio Lúcio Esteves. Natural de Taquara- RS, onde nasceu em 23 de dezembro de 1882. Coursou a Escola de Rio Pardo em 1903, até setembro. Coursou a Escola de Guerra de Porto Alegre de 1906/1908. Foi instrutor da Brigada Militar por 16 anos (1912/28), comandando operações contra os revolucionários de 1924 no Rio Grande do Sul. Acompanhou Getúlio Vargas de Ponta Grossa ao Rio, na Revolução de 30 (abordamo-lo na **História da 3ª RM**. V. 1, p. 301). Era colega de turma de Getúlio.

Valentim Benício: Natural de Uruguaiana. Coursou a Escola Preparatória de Rio Pardo em 1901, 1902 e 1903. Foi adido militar na França em 1921 e na Argentina em 1923/1927. Foi secretário da Junta Militar que

depôs Washington Luís. Comandou o Regimento Andrade Neves na Revolução de 32 no Vale do Paraíba. Foi Chefe de Gabinete do Ministro da Guerra, General Dutra. Reorganizou a Biblioteca do Exército, assumiu a sua Presidência e a transformou em Editora. Foi embaixador em 1939 e Adido Militar no Peru. Intelectual de raros méritos. (Focalizamo-lo na **História da 3ª RM**, v. 2, p. 372, que ele comandou). É patrono de cadeira na AHIMTB.

Francisco de Paula Cidade. Natural de Porto Alegre. Coursou a Escola de 1902 a setembro de 1903. Comandou a 8ª RM durante a 2ª Guerra Mundial e foi Juiz Militar da FEB. Foi um dos mais destacados preservadores da Memória da Escola do Rio Pardo. Deixou memórias inéditas. Estudamo-lo na Revista **A Defesa Nacional**, nº 709, 1983, p. 13/33, como nosso patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Mais adiante, suas memórias da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. Foi um dos fundadores da **Revista dos Militares**, da 3ª RM, em 1910. Foi um dos 13 oficiais que fundaram a Revista **A Defesa Nacional**.

Raul Silveira de Mello. Era natural de Cruz Alta. Seus familiares migraram para Mato Grosso, pela Argentina e Paraguai durante a Revolução de 93. Tornou-se historiador mato-grossense e autor da **História do Forte de Coimbra** em Mato Grosso. Homenageamo-lo em seu centenário, dando o seu nome à Biblioteca do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG. Homenagem que ele me retribuiu mediante prévio convite, ao fazer palestra no Instituto de História e Geografia Militar do Brasil sob o título "Há 60 anos passados"! Palestra que consistiu em seu depoimento sobre Itajubá, destacando, como Major, ter iniciado um movimento religioso nacional, que culminou com uma organização dos militares católicos, que restabeleceu tradições religiosas nos quartéis, eliminadas com a separação da Igreja do Estado. Mello faleceu com 104 anos. Ele fez jus ao célebre conselho médico: "Tenha uma doença crônica, cuide bem dela e dure 100 anos". Aos 50 anos teve uma gastrite crônica, cuidou muito bem dela e durou 104 anos.

Amaro Soares Bittencourt. Nasceu em Taquari-RS em 30 de junho de 1885. Engenheiro Civil e Militar. Foi adido militar nos EUA. Faleceu em Porto Alegre em 1963, aos 78 anos. Comandou a 3ª Região Militar de 14 de março a 29 de abril de 1946. Abordamo-lo na **História da 3ª RM**, v. 2, p. 173. Foi outro nome que se destacou.

Outubrino Antunes da Graça. Comandou a Escola Preparatória de Porto Alegre. Era pai dos oficiais Jaime e Bruno Ribeiro da Graça. Contou-nos o acadêmico Cel Rubem Rosadas que Outubrino trazia no pescoço uma cicatriz de um tiro de revólver por haver, certa feita, como jovem valentão, perguntado para outro, que trazia um revólver na cintura, para que ele usava aquela arma. E o outro valentão, percebendo a ironia, respondeu que era para dar um tiro em quem lhe fizesse uma careta. Outubrino lhe fez uma careta e recebeu o tiro anunciado, que ele não acreditava. Como adulto foi

um bom oficial, comandante modelar da Escola Preparatória de Porto Alegre, como o consideram seus alunos de então. Muito empenhado em que seus alunos mantivessem as melhores e mais respeitadas ligações com as alunas do Instituto de Educação, próximo. Por oportuno, recordo que, em 1951, como aluno do 2º ano da EPPA, esta foi reunida num estádio esportivo de Porto Alegre para se ensaiar uma cerimônia cívica. As alunas do Instituto se recusaram a cantar um hino, cantado pelos alunos, que assim referia. "Recebe o afeto que se encerra em nosso peito **varonil**...". O impasse só foi solucionado quando alunos da EPPA e alunas do Instituto de Educação concordaram que juntos cantariam "Recebe o afeto que se encerra em nosso **peito juvenil**".

Estudaram ali dois filhos do médico baiano Ângelo Dourado, médico da coluna de Gumersindo Saraiva e autor do livro **Voluntários do Martírio**, que consiste em suas memórias da grande marcha de Gumersindo.

Destes alunos ilustres destacaram-se como historiadores João Baptista Mascarenhas de Moraes, Valentim Benício, Bertoldo Klinger e Francisco de Paula Cidade, que figuram como patronos de cadeiras da Academia de História Militar Terrestre do Brasil ou como Patronos de Delegacias, caso de Bertoldo Klinger em São Paulo.

Memórias da Escola Preparatória do Rio Pardo

Dos antigos alunos da Escola do Rio Pardo deixaram memórias mais completas o hoje patrono da Delegacia da AHIMTB em São Paulo, Bertoldo Klinger, e os patronos de cadeiras na Academia de História Militar Terrestre do Brasil, os Marechais João Baptista Magalhães, Comandante da FEB, o General Francisco de Paula Cidade, que foi Juiz Militar da FEB, e mais Pantaleão Pessoa.

Bertoldo Klinger assim escreveu sobre seu tempo na Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo onde, por brilho seu, concluiu em dois o curso de três anos.

Bertoldo Klinger - Meu tempo de Cadete na Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, 1899/1900

"Quando tive de me apresentar na Escola Preparatória e Tática em Rio Pardo, em 1899, viajei sózinho desde o Rio Grande. Preocupado com minha baixa altura, levei cartas de recomendação ao Cel João Cândido Jacques, comandante da Escola e outra ao professor Cap Amphilócio de Azevedo. Felizmente eu estava dentro da bitola de 1,52m.



E no primeiro ano de bóia (alimentação) e regime militar de estudante interno cresci muito, tanto que nas férias minha mãe aumentou meio palmo as pernas das ceroulas, pois ainda não se usavam cuecas, e outro tanto nas mangas das camisas. Desconfio que boa parte da diferença foi fruto do encolhimento da fazenda, pois com pesar só atingi 1,58m de altura.

**General Bertoldo Klinger, chefe Militar Geral da Revolução de 32.
Fonte: FGV-Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro, 1ed, p.1688.**

Fui da primeira turma a matricular-se em 1899, no dia 1º de abril. Éramos 5, muito preparados em cursos preparatórios: João Batista Mascarenhas de Moraes, Manoel Alexandrino Ferreira da Cunha, Siro Vidal e Polidoro Correia Barbosa.

Dos 5 só eu cursei a Escola em 2 anos. Ao todo, a turma de 1º ano era de 60 alunos. Aos três meses de curso, no 1º exame parcial, só passaram 36. E 24 foram barrados pela Aritmética.

Os meus dois anos no Rio Pardo para mim foram folgados quanto ao estudo. A Matemática Elementar era o espantalho. Eu já a estudara, tanto que possuía os atestados de exames de Aritmética, Álgebra e Geometria, cursados fora.

A Escola não reconhecia estes exames e exigia que se cursassem eles na mesma. E também não era permitido cursar as três no mesmo ano e só duas no máximo. Não fora isto, eu poderia ter cursado a Escola Preparatória em um ano.

E além dessas 3 matérias só me faltavam Ciências Naturais (Física, Química, Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia, tudo elementar), Desenho Linear e de Aquarela. O ensino destas duas era feito com menoscabo.

Assim sobrava-me bastante tempo para as distrações. Uma delas era tomar banho nos rios Pardo e Pardinho, procurando locais que dessem pé, pois eu não sabia nadar e nem nos ensinavam, embora ali existisse professor de Ginástica e Natação. E alguns veteranos tinham a maldade de dar "caldos" nos bichos ou calouros. O caldo era uma submersão forçada.

Fazíamos passeios a pé até o povoado de Couto, junto à estação antes do rio Pardo, para quem vem de Porto Alegre e outros até o Cabral, onde antigamente funcionara uma Escola de Tiro de Artilharia (de 1885, ao tempo do comando do Ten Cel Sena Madureira).

Aí restavam, ainda, num edifício, algumas amostras de vários tipos de artilharia antiga, como Bange, Withworth e canhão-metralhadora de 6 tubos-almas.

Outra distração deliciosa eu encontrava na cata de frutas que saboreava nas matas da várzea do rio Pardinho, as esplêndidas pitangas, quase negras e os pequenos maracujás de casca finíssima.

Eu era apelidado de "Alemãozinho" uma vez que o meu alemão servia para ajudar companheiros de alojamento matriculados nas aulas de inglês. Para talvez se pouparem do uso de dicionário, perguntavam a mim, o que os ajudava, pela semelhança fonética da palavra inglesa com a alemã, ou quando isto falhasse, pela inspeção de palavra escrita.

Neste trabalho, às vezes, ao invés do alemão, nos socorriamos do francês. Pois a língua inglesa é um pequeno lastro autóctone e enorme cabedal de palavras importadas do alemão ou do francês, com resoluta naturalização, seja pela conservação da pronúncia peregrina e adaptação da grafia, ao caprichoso alfabeto inglês.

O assunto me recorda o professor de francês no Rio Pardo, o Cap Fontoura. E ele tinha o apelido de "Las oranges", por um trecho de sua preferência que a cadetada sabia de cor.

"Las oranges de la province de Bahia, sont les plus douces e plus saboreuses de Brésil".

Nesta época não chamava a atenção este fato nacional esdrúxulo de haver capitão, major, coronel e general professor de Francês, Inglês, Geografia, Desenho, etc. e toda a imensa teoria de matérias não profissionais militares.

Havia uma seção de Ginástica e Natação que não funcionava.

O 1º Ten Teófilo, instrutor de Infantaria, era de Cavalaria. E tanto permaneceu no posto que foi consagrado como Tenente Teófilo. E quando promovido a Capitão o cadete que foi cumprimentá-lo assim o saudou: "Viva o capitão, Tenente Teófilo".

Ao concluir a matrícula, na saída da Secretaria, separado do prédio da Escola, fui recebido por veteranos e encaminhado ao "Tabernáculo da

Major João Cezimbra Jacques

De Cezimbra Jacques se dizia que vez por outra armava barraca no fundo do pátio da Escola e ali passava dias com o cavalo à soga, churrasqueando e mateando. Era veterano do Paraguai, indianista e escritor, a quem se atribui a criação, em 1903, no Casarão da Várzea, do Grêmio Gaúcho, com alunos da Escola transferida de Rio Pardo e também com civis. O Grêmio Gaúcho foi a raiz do Tradicionalismo Gaúcho que, com Cezimbra, teria sido planejado em Rio Pardo. É fato a ser confirmado ou não por pesquisadores, pois o ambiente no Rio Pardo era favorável.

-Artilharia: Ten Alexandre Argolo e depois Cap Câmara, apelidado por nós de "Bateria! Lim-par!" pelo tom solene de sua voz de comando. Foi substituído pelo Cap Rafael Clemente Telles Pires (Falco).



A minha figurinha estimulava o abuso de poder praticado no trote por qualquer veterano, sempre que não se tratasse de alguma amolação inofensiva.

Houve um veterano que se impressionou com a minha inermidade (incapacidade de resistir) e minha atitude e, espontaneamente, se fez meu protetor. Era o Genesco de Oliveira Castro (N.A.: Este era irmão de Plácido de Castro, o conquistador do Acre, filho de São Gabriel, que

será estudado adiante).

Só quem padeceu sabe a que ponto chegaram os abusos, a título de trotes engraçados e espirituosos, muitas vezes vexatórios, injuriosos e o que significou para mim a proteção desse protetor espontâneo.

E isto lhe custou indispor-se com 3 ou 4 veteranos, de cujas mãos ele me libertara, sempre que o trote ultrapassasse o razoável. E ele era muito respeitado, não só por seu conceito pessoal de militar experimentado e aluno do 3º ano e, sobretudo, pela última rádio, seu valor pessoal e reputada força física, prolongável, caso necessário, pela açouteira de seu respeitável rebenque (relho) bem encabado.

Uma de minhas saliências de bicho, antes de estar sob a proteção do Genesco de Castro, era não deixar que "me pisassem no ponche".

Um veterano chamou-me por troça de burro e de haver me conhecido em Rio Grande, na minha casa. Referia-se à cocheira de uma casa de carros de praça (táxi). E lhe respondi na bucha.

– "É, mas eu nunca morei com o Sr. ali".

Certa feita, passeando com o Genesco, na volta comprei um charuto. E ele estranhou e lhe informei que era uma promessa que fizera a um veterano. E ele me disse: – "Se prometeu cumpra, mas diga a este veterano, de minha parte, que esta foi a última promessa que você lhe faz".

Veza por outra era realizado um "Caroço" (trote coletivo), entremeadado de danças, nas quais os bichos faziam o papel de belo sexo. E para se dançar na Escola não era necessário haver "Caroço".

Naquele tempo o toque da Revista de Recolher era executado em 3 lances ou em 3 toques de corneta bem espaçados.

E nos intervalos tocavam a banda de corneteiros e tambores e a banda de música. E se uma música se prestasse para a dança, os cadetes dançavam uns com os outros. Dentre os corneteiros merecia destaque o João que, quando de serviço, se aproximava dos cadetes para conversar. (Na EPPA do meu tempo era o cabo Lagarto).

O toque de Rancho era em dois toques. O primeiro era de advertência e alguns minutos depois era repetido o toque e, a seguir, o de Avançar, que traduzíamos na mesma cadência, com a expressão cantada – **"Buscar caneco para tomar café"**.

Para início das aulas, a corneta tocava – "Reunir" e para o final da mesma tocava – "Retirar".

Só com a racionalização da instrução profissional e sobretudo depois de estágio de oficiais brasileiros no Exército Alemão é que se reduziu a "Cornetocracia", substituída pelo **Horário de Instrução e Serviços** (hoje QTS – Quadro de Trabalho Semanal).

Mantiveram-se os toques gerais de Alvorada, Rancho, Parada, Visita Médica e Veterinária, Chegada de Comandante, Revista do Recolher e Silêncio.

Na Escola do Rio Pardo o almoço era muito cedo, às 8 e meia. Em seguida havia a Parada Matinal e depois o toque de Reunir para a primeira aula.

Na Parada tomavam parte as bandas de tamboreiros e corneteiros e a de música.

E o singular impressionante, era a cerimônia de marchar, na cadência do passo grave, tocada pela banda de música.

Os comandantes das guardas a 10 passos da força e voltados para ela, depois marchavam em passo grave para a frente das mesmas. A seguir, formava-se a Coluna de Marcha, a comandos e, logo a seguir, o desfile, geralmente uma volta pelo pátio da Escola e logo a seguir o toque de "Debandar". E cada um tomava o seu destino.

A Escola possuía Artilharia Krupp de retrocarga, calibre 7 cm, mas de tiro lento. (N.A.: Nesta altura, Bertoldo Klinger faz diversas considerações sobre a Artilharia na qual se tornou um expert e reformador).

Para tracionar a Artilharia, eu na minha peça, era sempre um dos "burrinhos da ponta", pois éramos ordenados pela altura. E o capitão não se cansava de gabar o empenho brioso do cadetinho (Klinger), no tirante, e dava-lhe honrosas palmadinhas de aplauso e afagos nas suas costas.

Mas um dia próximo da sua reforma, o capitão precisou fotografar a sua bateria. E para não prejudicar a estética do retrato, o gurizinho (Klinger) foi ostensivamente colocado bem para trás, de modo a não aparecer.

Em 1899 correu insistente boato de que acabaria o mundo, ao cometa Biela chocar-se com a Terra.

O pavor dominava muitos. Então o Coronel Rodolfo Brazil, vulgo, "Pau Brasil", que era meu consolo, pois possuía estatura abaixo da minha, ele fez uma conferência pública para tranqüilizar os inconformados.

E no dia em que fora anunciado o fim do mundo, a cadetada realizou uma procissão pelas principais ruas de Rio Pardo e cantando:

"Meninas donzelas! Chegai às janelas.

Pois não vem mais Bielás, e só chuva de estrelas".

O comandante da Escola, Cel Jacques, interveio ao chegar na escola deserta, ordenando que fosse dado o toque de Reunir, o que provocou debanda geral da improvisada procissão. E ao ser precedida a chamada na escola ninguém estava ausente.

Uma das características do Casarão da Escola do Rio Pardo era, ao anoitecer, as revoadas de morcegos. Em nuvens compactas deixavam seus abrigos. E muitos perdidos invadiam e penetravam na Escola. E espantá-los era um divertimento dos cadetes, até o último deixar o edifício.

Fazia parte do cotidiano na Escola de Rio Pardo, as rodas de chimarrão.

Algumas, todas as horas do dia. Eram alunos gaúchos, costume que traziam de casa, e outros por imitação, como eu (Klinger) pertenciam a essencial "roda de chimarrão". Na maioria se satisfaziam com 2 ou 3 cuias, antes ou depois das refeições, como aperitivo ou digestivo. Mas havia os

cadetes que se excediam, seduzidos pelas conversas e mateavam o dia inteiro, com prejuízo da dedicação aos estudos. (Este costume era corrente nos meus tempos de EPPA em 1951/52 e no Curso de Engenharia na AMAN em 1953/54 do qual participávamos. Na EPPA aquecíamos a água numa chaleira colocando dentro dela um aquecedor elétrico chamado "Rabo Quente" que era ligado em tomadas nas salas de aula. Mas, com este processo o oxigênio da água era retirado em parte, alterando o gosto. Curioso é saber como os alunos em Rio Pardo obtinham água para o chimarrão que, por nós na EPPA e AMAN, era abreviado para "Chima", ou "Roda de Chima").

O Cel Jacques foi substituído no comando da Escola pelo Cel Belarmino Mendonça, afamado por seu espírito militar, notadamente disciplinador.

Com ele, como coroamento do ano de Instrução Prática, realizaram-se Manobras, cujo esforço foram marchas para Santa Cruz e Cachoeira. Esta última foi uma manobra de dupla ação, pois encontramos resistência do inimigo (figurado) de Cavalaria, moradores civis de Cachoeira montados e armados de pistolas com cartuchos de festim. Formávamos um Destacamento das três armas.

Para acampar em Cachoeira, tivemos que abandonar o primeiro local marcado em razão da enorme praga de carrapatos ali existente.

A instrução prática era de Esgrima e Ginástica e das armas existentes Infantaria, Cavalaria e Artilharia. (A Engenharia só foi criada em 1908 e o seu 4º Batalhão que comandamos em Itajubá 1981/82, foi criado no prédio da Antiga Escola, quando Escola Prática de Infantaria e Cavalaria, 1905/1911, com uma Bateria do Regimento Mallet).

A prioridade na instrução de Esgrima era a de baioneta. Mas a Esgrima de Espada era rara e para poucos curiosos, bem como a de Ginástica, praticada voluntariamente na barra fixa, no trapézio e nas paralelas.

Mentalidade da época: A Ginástica de aparelhos era um privilégio dos cadetes do "muque" (musculosos e com força) e geralmente inimigos de forcejar sobre os livros.

A instrução de Infantaria, de manejo de armas e ordem unida era a mais freqüente e mais as marchas puxadas pelas bandas de música e de corneteiros pelas principais ruas de Rio Pardo.

Esta instrução de Infantaria era para todos. Algumas vezes fui posto em destaque pelo instrutor para incentivar os outros, como modelo nas posições do soldado, com arma e no manejo do fuzil. Para a Cavalaria e a Artilharia havia separação dos alunos. Eu sempre fui artilheiro condutor – trator e servente.

O uniforme típico nosso era azul turquesa, exceto a estrelinha no antebraço, o castelo na gola e o emblema do boné e do quépe (cobertura, chapéu militar).

A túnica de gala era chamada de dólmã. Ela possuía 3 ordens de 5 botões dourados na frente, unidos por linhas duplas de largos cadarços pretos costurados, também nas duas largas listas laterais da calça garance

(vermelha), na cinta do quepe e nos punhos da blusa debrum pardo e em sua gola.

O vermelho chamado garance era comum em todo o Exército desse tempo e usado nas calças, com duas listas características da arma, bem como na cinta dos quepes.

Além de uniforme azul turquesa havia o branco de linho, um de flanela azul marinho, de gorro (chapéu ou boné militar) com cinta da mesma fazenda e copa garance (vermelha) e um debrum pardo, com blusa larga, fechada na frente no terço inferior e chamada de gandola (nome que persiste).

No uniforme branco e no pardo, mudava-se a copa do gorro por branca ou parda, ou sobrepunha-se uma sobre a outra.

O uniforme do dia era escalado por seu número. E este permitia diversos números, resultados das combinações 2 a 2 de calças e túnicas.

No final do século XIX e início do século XX, estavam em voga calças largas, apertadas na boca, denominadas calças balão ou bombachas. (Consta a origem das mesmas ser militar, resultado de uma compra, da França, de bombachas para uso militar na Guerra do Paraguai: as mesmas estavam estocadas para uma guerra na Criméia que não houve. E que depois se generalizaram no Rio Grande do Sul como traje típico do gaúcho).

Conflitava com a figura dos cadetes elegantes, o sapato de salto muito alto.

O sapato era preto, inteiriço e de cordões, com as competentes listas laterais de elástico dos dois lados. Havia horror ao borzeguim (borzega ou botina) e ao sapato tido por paisanos (civis).

Não se conhecia perneira. Mas nas armas montadas era regulamentar a bota de cano alto e a Engenharia usava meia bota ou coturno.

Uma esquisitice que alcancei era o "barbicaxo" no quepe, usado nas armas montadas. Era uma borla preta com franja. Igual penduricalho era o da espada.

Espada de arrasto, pasta, barbicaxo logo desapareceram. Mas o "esporim (pequena espora) perdurou e foi aperfeiçoado com a curva de seu saliente sem roseta e com um sistema de encaixe com mola, no salto da botina.

E não mais se usava este "traste" militar à paisana. Mas em face de remanescente "miséria dourada", o governo paternalmente facilitava que se usasse em trajes civis o mesmo calçado de uniforme militar, simplesmente desencaixado o esporim.

A falta de ginástica sistemática e sem a correspondente intenção, mas como passar tempo era praticada geralmente à tarde, os jogos de "barra" e de "peteca".

A barra apresentava fases sensacionais e dava lugar a torcidas precursoras das torcidas de futebol, o qual ainda não se conhecia.

Nos alojamentos no 2º andar, sem proveito ginástico, se praticava o "Jogo de Galo" e às vezes o jogo de cartas e sobretudo a Bisca, o 7 e 1/2 e o Solo.

O Galo consistia num amarrado de uma dúzia de botões de farda e outras duas a três dúzias espalhados no chão.

Para começar o jogador lançava um punhado de botões para o alto a um palmo de altura e depressa virava a mão para apanhar o maior número nas costas dos dedos. Os aparados eram pontos ganhos. Se fosse número par ganhava-se a metade, se fosse ímpar ganhava-se só um ponto.

Não apanhando nenhum o jogador perdia a vez. Aí o amarrado de botão era jogado ao ar, para dar tempo para o jogador (o galo) apanhar o maior número de botões, até apanhar de volta o amarrado que atirara no ar.

Se não apanhasse o amarrado ou se tocasse num botão, ao apanhar outro, perdia o jogo. Caso contrário, continuava jogando até errar ou apanhar (bicar) o último botão.

Os cadetes comiam muitas laranjas e tangerinas comprando-as da Tia Josefa, uma negra idosa que morava num casebre junto a Escola. E ninguém a enganava. Nós, gaúchos, comíamos a laranja e um ou outro colega baiano as chupavam.

A Tia Josefa possuía um recalque da Escravidão e sempre com raiva de brancos. E a qualquer provocação soltava a sua meia língua, numa saraivada de palavrões, cada qual mais deslavado e cabeludo.

Para descascar a laranja, quase todos possuíam facas, segundo costume regional. As mais longas eram chamadas adagas. Algumas eram de luxo, cabo de prata e até mesmo a bainha com finos labores.

Elas eram usadas nas cintas dos cadetes, oblíqua no meio das costas, à moda regional, ou então na cava do coletes.

A ninguém passava pela mente proibir este porte de arma de defesa e ataque pessoal. Ela era usada a toda a hora para picar fumo de rolo e amaciar a palha de milho para os cigarros de palha (palheiros). (N. A.: Na EPPA do meu tempo já existia o cigarro feito ou industrial. Era então costume entre os fumantes "piruar a 20". Esta seria a bagana a ser jogada fora, do tamanho médio de 1/20 do cigarro já fumada, daí o nome de 20).

Registre-se para a honra da boa índole dos cadetes que nos meus 4 anos de internato militar (Rio Pardo e Rio), nunca houve caso de se puxar faca nos "rolos" (brigas) que não eram muito raras. As brigas de cadetes chamavam-se "touradas", talvez por que se aplicassem cabeçadas e fora destas, tapas, socos, pontapés e rasteiras.

O nosso pequeno soldo de 10 mil réis e alguns quebrados, conforme os dias do mês, não dava para larguezas, especialmente as extraordinárias, lavadeira, cigarros, material de escrever, livros, etc.

Havia em consequência o costume de se pedir livros de estudos emprestados. Eu, quando deixei a Escola deixei com um colega os meus livros do 3^a ano.

Nesse tempo desabou sobre a Escola do Rio Pardo uma chuvarada de verão. Lá havia uma droga que se dizia imunizante contra veneno de cobra. E em consequência era comum cadete possuir cobra, como é se possuir cão, gato e pássaro. (N.A.: O imunizante seria a Milhonina, inventada por um

farmacêutico de origem baiana, Glicério Boaventura, que havia servido no Hospital Militar de São Gabriel e que terminou seus dias em Canguçu como médico prático, e sem descendência).

Os cadetes que tomavam preventivos guardavam as cobras nas malas e andavam com elas nos bolsos ou nas mãos ou enroladas nos punhos, assustando os cadetes não imunizados e que não sabiam distinguir a cobra não venenosa.

Quando um cadete recebia doces de presente da família ou de amigos, se não o dividia com os colegas e era recolhido a mala dos uniformes sob chave, passava a ser considerado "Contrabando", e como tal, alvo de consumo à revelia do dono. Isso não era considerado furto ou roubo (apesar da violência contra a fechadura da mala). Pois "Contrabando" não tem direito de cidade.

Assim, apesar da camaradagem (virtude militar), a mala vivia trancada e mesmo sem encerrar "Contrabando", ela estava exposta à penetração de "sócios" desconhecidos que praticavam "o desaperto", notadamente relacionado a roupas.

O cadete do Rio Pardo podia andar a paisana (traje civil). E os mais abastados gostavam de ostentar esta condição, embora, na nossa Rio Pardo, isto nada adiantasse, pois não ocultava a qualidade de "dândi". Alguma vez fatiota novinha era estreada, sem o ser dela o dono. (N.A.: Este costume de empréstimo de roupas era muito comum na minha época de EPPA. Lembro de um sobretudo imitando pele de camelo, com um lenço de pescoço branco de seda que era muito "piruado", requisitado por colegas para determinadas ocasiões. Isto tornava possível um aluno apresentar-se com um guarda roupa bem variado, como se fora muito rico. Enfim coisas da Camaradagem castrense.)

Além dessa mala, do seu uniforme, da sua cama, da sua mesa e banco para estudar, o cadete não tinha nenhum outro móvel. Mas podia ter sob a sua cama, a sua mala paisana. A roupa de cama era do cadete, o que permitia uma variedade de colchas não padronizadas.

A mala "reiúna" (da Fazenda Nacional) era uma caixa de madeira, cujo comprimento era pouco maior que a largura da cama, por uns 30 cm de altura e 50 cm de altura (N.A.: Passou a ser denominada de "arataca", alusão a cabeça chata de cadetes nordestinos).

Além das visitas em casas de família, e amiúde com baile interno, havia passeios da cadetada pelas ruas de Rio Pardo, flanando ou se exibindo para as meninas riopardenses na janela, sobretudo aos domingos, num pequeno jardim com bar do Sr. Spelems. Aí se expandia o exibicionismo exagerado com vistas às belas e também aos ouvidos delas, mediante gracejos, não raro sem graça.

Certa feita o cadete Daltro, em demonstração de faquirismo caía em êxtase e 4 colegas o apanhavam e o colocavam na horizontal sobre os espaldares de duas cadeiras. E o Daltro era espetado com alfinete por quem o

desejasse e ficava impassível. Certa vez, os cadetes se desentenderam com o Sr. Spelems, dono do bar e passaram a boicotá-lo com o seguinte cântico:

"Seu Espelenge com você não quero graça!

Por sua causa, não vou mais lá na praça!"

Obtive ao final do curso aprovação com distinção, grau 10, em Aritmética, Álgebra, Geometria e Ciências. E plenas, grau 7, em Desenho Linear, grau 8 em Aquarela, bem como grau 7 no exame de Prática.

A 1º de março de 1901, fui excluído do Estado Efetivo da 2ª Companhia e desligado da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, para prosseguir estudos na Escola Militar da Praia Vermelha.

Nesta data fui elogiado pelo Coronel Comandante.

"Pela brilhante figura que fez em todas as aulas teóricas e práticas, deixando indelével e distinta memória de sua passagem por esta Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo e pela sua notável aplicação, pelo que mereceu o 1º prêmio destinado ao aluno que mais se distinguisse na teoria e na prática".

O meu prêmio foi um espadim de Alferes Aluno, posto que só alcançaria em dois anos na Escola Militar da Praia Vermelha, se prosseguisse no mesmo embalo e mais, os livros mais importantes para o 1º ano da Escola Militar, os quais só chegaram as minhas mãos quase ao final do 1º ano.

Tanto o espadim como os livros traziam adequada dedicatória. O espadim serviu-me pouco e os livros chegaram com atraso.

O espadim foi abolido. Ele figurou por 24 anos na parede da minha casa. Com o generalato ele foi adaptado pelo Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro que substituiu o seu prateado por dourado. Pouco o usei. Hoje ele integra o acervo do Museu Paulista, depois de doá-lo para a Campanha do Ouro, na epopéia de 32. (N.A.: Revolução Constitucionalista de 1932, da qual Klinger foi o Comandante Geral Militar da Revolução).

O presente depoimento foi adaptado, pelo autor, ao português corrente, do livro de Bertoldo Klinger: **Narrativas autobiográficas**, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1944, v.1, p. 89/109, escrito na Ortografia Simplificada Brasileira que ele inventara, singularidade literária e que só foi usada por ele e por seu cadete protetor e amigo em Rio Pardo Genesco de Castro, pelo menos na sua **História do Estado Independente do Acre**. Já havíamos padecido com esta sua Ortografia Simplificada ao "traduzir" da Revista **A Defesa Nacional** sua pesquisa sobre **Os Brummer –A Legião prussiana**, que foi contratada em 1851 pelo governo para lutar na Guerra contra Oribe e Rosas, 1851/52 e que ele havia traduzido para o português de Albert Schmidt sob o título Os resingões. A tradução foi feita para síntese nossa do assunto no capítulo II "Legionários alemães nas guerras contra Oribe e Rosas e do Paraguai", de nosso livro **Estrangeiros e descendentes na História do RGS**, 1635/1870, Porto Alegre, Graf. Edit. A Nação/IEL, 1975 (Premiado em 2º lugar no Concurso Nacional de Monografias do Biênio da Colonização e Imigração do RGS em 1975). Esta linguagem simplificada sepultou os notáveis depoimentos de Bertoldo Klinger com uso desta linguagem. Penso

haver sido um grande equívoco por ele cometido que esconde um dos mais preciosos senão o mais precioso depoimento sobre a História do Exército, que ele viveu intensamente por 33 anos. Creio que ele só não foi esquecido por havermos ressuscitado a sua vida e obra militar no artigo Centenário do General Bertoldo Klinger, co-fundador de **A Defesa Nacional**, 1884/1969. E haver criado, com o seu nome, a Delegacia da AHIMTB em São Paulo. Klinger estagiou na Alemanha, no 24º Regimento de Artilharia Montada, em Holstein, onde recebeu magnífico conceito.

Bertoldo Klinger, em suas transcritas Memórias da Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo referiu lá haver recebido a proteção do veterano Genésco de Oliveira Castro contra trotes de veteranos. Pesquisando, confirmamos tratar-se do irmão de Plácido de Castro, o conquistador do Acre e personagem de uma sofrida história que passaremos a resgatar.

Genesco de Oliveira Castro, a Escola e sua amizade com Bertoldo Klinger

Genesco foi para a Escola Militar da Praia Vermelha em 1900, e lá foi reformado como alferes-aluno, depois de haver cursado as três armas e estar cursando o 1º ano de Engenharia Militar, que foi interrompido com a Revolta da Vacina Obrigatória em 1904. Anistiado, foi inspecionado de saúde em 12 de dezembro de 1905 e julgado incapaz "por sofrer de moléstia incurável, dilatação sensível da subclávia". Concluiu o 1º ano de Engenharia e teve confirmado, em 7 de janeiro de 1907 a sua reforma. Reformado, seguiu para o Acre para trabalhar com seu irmão Plácido de Castro, cujo assassinato, em 8 de agosto de 1908, de tocaia, testemunhou, o que o obrigou, para também não ser assassinado, ir para Juiz de Fora onde cursou Odontologia, orientado por dentistas americanos contratados. Dali, foi estagiar nos Estados Unidos onde, colhido pela 1ª Guerra Mundial, alistou-se por convocado no Exército dos Estados Unidos. Foi julgado apto para o serviço militar. E de lá retornou em 1921, convencido de que fora injustiçado em sua reforma e requereu à Câmara de Deputados anulação de sua reforma, mas não a conseguiu.

Em 1954 Genesco, alegando ser sua reforma ilegal, baseada num erro de diagnóstico, publicou o trabalho **Justiça em minúsculos**. Rio de Janeiro, 1954, tendo abaixo do título a seguinte expressão, adaptada à linguagem atual:

"As ilegalidades na minha reforma do serviço ativo do Exército, por sofrer de moléstia incurável (comprovado erro de diagnóstico) e a pertinaz recusa à reparação do erro – incidentes falseados e injustiças colaterais - Anexos".

Em 1930, havia publicado, na mesma linguagem que adotara com o seu protegido em Rio Pardo, Bertoldo Klinger, a obra:

O Estado Independente do Acre – J. Plácido de Castro – Excertos históricos. Rio de Janeiro: Tip. São Benedito, 1930. As

informações sobre Genesco, colhemos com o historiador e acadêmico da AHIMTB, o gabiense Osório Santana Figueiredo que, sobre ele, nos escreveu:

"Era um homem dotado de coragem leonina. Nada lhe abatia o ânimo, de nada temia. Sua luta em defesa do irmão Plácido de Castro, assassinado no Acre, não a fez às escondidas nem entre paredes. Suas acusações reboaram pela imprensa do País e as publicou em livro, no qual apontou e acusou até generais e o próprio Presidente da República, por omissão em não mandar apurar os fatos do crime. Em defesa da sua reversão ao Exército, que provou com exames médicos sucessivos, ter havido erro de diagnóstico, foi até as últimas conseqüências. Motivo de uma obra escrita numa linguagem exótica criada por ele, onde não poupa nem o Presidente Getúlio Vargas. Se fosse hoje conseguiria essa reversão com muita facilidade.

Genesco era homem ousado, ativo, franco e atrevido, não relevando ninguém para acusar ou censurar. Era cara na cara. No Acre provou esbanjar coragem, valente e destemido, enfrentando inimigos a peito aberto em várias situações, mesmo quando cercado numa casa, obrigou seus inimigos, que foram para matá-lo, a se retirarem. A uma escolta que foi prendê-lo negou-se a se entregar. E disse de revólver em punho: "só poderá levar-me daqui o tenente Álvaro Conrado Niemeyer, que foi meu colega da Escola de Guerra". E assim aconteceu. Todos já sabiam quem era ele e como atirador todos o temiam, porque era certo e já dera provas em outras ocasiões" (Carta ao autor, 28 de maio de 2005).

Em 1944 em Curitiba, Genesco, a pedido de Bertoldo Klinger, seu grande amigo, escreveu o seguinte artigo, intitulado "O Bichinho que captou um veterano", **O Sul**, Curitiba, 16 Mar 1944, no qual assim fala sobre a Escola Preparatória de Rio Pardo e de seu amigo Bertoldo Klinger:

"No ano que se alarmou o mundo com as ameaças do cometa Biela matriculou-se na Escola Preparatória um menino de 15 anos, fisicamente pouco desenvolvido, mas de rara preciosidade intelectual.

Era o menor de todos os bichos, mas não era franzino. Sua tez, olhos e cabelos denunciavam sangue alemão.

Não era feio, mas algumas sardas no rosto, uma berruquinha no ápice do nariz e o seu larguíssimo costume de brim pardo amarrotado, que lhe haviam vestido quando da primeira vez que o vi, o tornavam único na sua pequenez e modéstia.

Encontrei-o cercado de veteranos que lhe perguntavam sobre História e Geografia. As suas respostas eram lacônicas e precisas.

Foi aí que o requisitei para meu "de rancho" e ele veio a ser aluno que mais se distinguiu na Escola. Dotado de extraordinária lucidez e de um poder de síntese insuperável, suas provas escritas eram feitas na metade do tempo exigido para completá-las.

Na Praia Vermelha ele era o primeiro em todas as matérias, exceto em Física.

Sua prova escrita teve grau 10 e seu professor comentou para todos os alunos:

Sua prova escrita tem grau 10. É uma síntese admirável escrita em português elevadíssimo. Só lamento que sua média 9, não lhe permitia a aprovação com distinção”.

Genesco conta que em 1903 e 1904 morou com Bertoldo Klinger na Rua Bambina, 26, no bairro de Botafogo, juntamente com os seguintes alunos, os quais conquistaram, no mínimo, os títulos de Engenheiro Civil e Militar e de bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas:

João Carlos Bordini (escrevemos sobre ele na História da 3ª RM, v.2. Foi comandante na Revolução de 30 onde teve participação destacada como comandante da Unidade de Infantaria de Caxias do Sul, destacada em Porto Alegre), Airtton Virgílio di Primio, José Antônio Coelho Neto, J. P. Pires de Albuquerque, Acácio de Faria Correia, Antônio Mena Gonçalves, Djalma Ulrich de Oliveira, Djalma Cunha, Felisberto do Amaral Peixoto, Alberto de Faria, Antônio Fonseca (Fonsequinha), Rosendo Carpes, Ildefonso Soares Pinto, Oscar Lisboa de Souza, Firmo Dutra e Victor F. Lapageni.

Em 14 de novembro de 1904 esta República desapareceu, pela Revolta da Vacina Obrigatória na Escola Militar, a qual foi transformada em presídio, onde funcionaram os Conselhos de Guerra e Investigação que a citada República respondeu. A Anistia de 1905 os separou novamente. E prossegue:

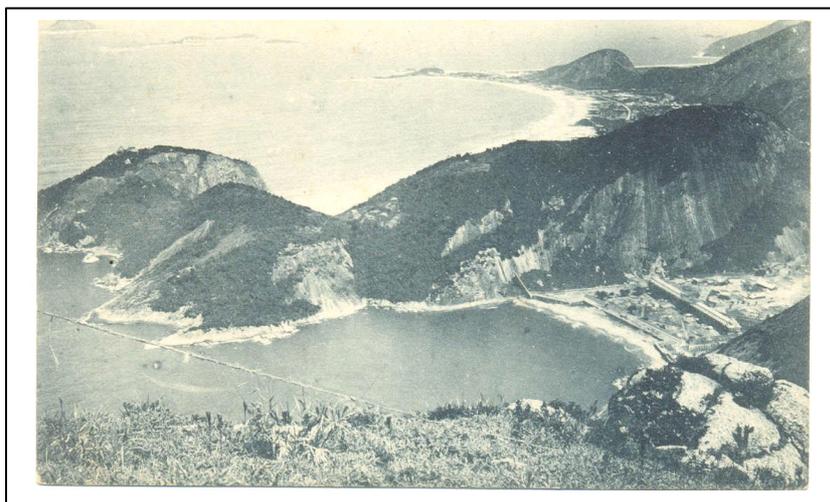
“Me encontrei anos depois com o 1º Ten Klinger, perseguido pelos que desestimavam seus artigos na Revista **A Defesa Nacional**.

Conversamos em Porto Alegre, e lhe perguntei – Porque não mudas de profissão? Esta gente não te compreende! Não deves ter dúvidas de teu sucesso em qualquer profissão. E meu amigo me fechou a boca com as seguintes palavras:

- Estou convencido de que é como militar que poderei servir melhor a minha pátria. Ainda sou muito moço...”

E continuou a sua batalha até ser afastado do mundo dos patriotas”.

Genesco era de origem humilde, como o seu irmão Plácido de Castro que, proveniente do Regimento Mallet, também estudou em Rio Pardo em 1890, 1891 e 1892, na Escola Prática do Rio Grande do Sul, onde atingiu a graduação de 2º Sargento. Genesco também estudou na Escola Prática do Rio Grande do Sul 5 anos depois de Plácido. Eram filhos, sobrinhos, netos e bisnetos de militares que lutaram de 1801 a 1870 em defesa da Soberania e Integridade do Brasil.



A Escola da Praia Vermelha, à direita, cerca de 1908, pouco depois da revolta, no local, da Vacina Obrigatória em 1904, seguida de seu fechamento e depois a extinção, em 1905. Nela Genesco, Klinger e seus colegas ficaram presos e responderam a Conselho de Guerra e de Investigação até serem anistiados ainda em 1905 (Fonte- Foto Arquivo do acadêmico Cel José Spangemberg Chaves).

A casa paterna de Plácido era ponto de encontro de veteranos da Guerra do Paraguai, até seu pai falecer quando ele tinha de 6 para 7 anos, quando ficou com seis irmãos menores para sustentar. Evocamos Plácido em artigo "Centenário do Libertador do Acre". **Revista Militar Brasileira**. v. 103, 1973, em plaqueta, sob o mesmo título, em 1973, editada pela SUDAM e distribuído na Amazônia no Centenário dele e, ainda, em **Amazônia Brasileira – Conquista – Consolidação - História Militar Terrestre da Amazônia, 1616-2004**. Porto Alegre: AHIMTB, 2004, elaborado por solicitação da ECEME através de seu então comandante Gen Bda Paulo César de Castro

No ano de seu centenário, visitamos o Acre, em missão do Estado-Maior do Exército. Efetuamos pesquisas sobre a conquista do Acre, inclusive no local onde Plácido foi tocado, local que é balizado por um monumento.

O que nos levou a evocar Genesco foi a generosidade que revelou em relação ao bicho Bertoldo Klinger, protegendo-o e convidando-o para ser seu "de rancho", salvando-o dos trotes preconceituosos, por sua pequenez, origem alemã e inteligência marcantes.

João Baptista Mascarenhas de Moraes

O Marechal Mascarenhas de Moraes assim se referiu à Escola, em suas **Memórias**, v. 1, p. 19.

“Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo - As Escolas Preparatórias e de Tática destinavam-se a preparar os cadetes para a matrícula na Escola Militar do Brasil, situada na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, onde funcionavam o Curso de Formação de Oficiais das Armas e o Curso de Estado-Maior e Engenharia.

As Escolas Preparatórias ministravam o ensino de humanidades e um sofrível preparo militar, à semelhança do que fazia o Colégio Militar do Rio de Janeiro, outra fonte de candidatos para a Escola Militar do Brasil.

A Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo era sediada na pequena cidade do mesmo nome, no Estado do Rio Grande do Sul. Ali assentei praça e efetuei matrícula em 1º de abril de 1899, com 15 anos de idade, fazendo parte de uma turma de civis, em que se destacava a figura minúscula de Bertoldo Klinger, que regulava comigo em tamanho e idade.

Ainda no limiar da adolescência, ambos enfrentávamos, com certo temor, aquele meio de moços maduros e barbados, provindos, na sua maioria, dos corpos de tropa.

O Curso de Humanidades era ali ministrado por uma plêiade de professores capazes e austeros, verdadeiros magistrados do ensino, que souberam, com dignidade e competência, influir de modo notável na formação do caráter e espírito daqueles moços.

O ensino de Matemática elementar, bem cuidado e preciso, proporcionava ao cadete preparatoriano base segura para ingressar com sucesso na Escola Militar do Brasil. O mesmo não se pode dizer da Instrução Militar, pouco cuidada e precária, refletindo mal na disciplina da Escola, perturbada por freqüentes atos de desobediência coletiva.

Instrutores velhos e incompetentes perpetuavam-se nos cargos, causando grandes prejuízos à Instrução Militar e à boa ordem do estabelecimento.

As normas disciplinares, na época, ainda eram calcadas no espírito rebarbativo do Conde de Lippe, velho legado português.

A Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo constituía para mim o vestibulofascinante da carreira militar. Meu caráter sofreu ali os embates do meio estranho e rude, adquirindo a forma e a têmpera com que realizaria as aspirações de minha nascente.

Naquela Escola, convivi intimamente com o cadete Bertoldo Klinger, que me impressionava com sua inteligência e nobre caráter, revelados, mais tarde, nos diversos postos da carreira, através de brilhantes qualidades de chefe culto e bravo.

Foi meu calouro o cadete Getúlio Vargas, senhor daquele sorriso que nunca o abandonou, nem mesmo nos instantes trágicos de seu desassombro cívico.

No começo de 1902 terminei o curso da Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo como um dos melhores alunos de minha turma”.

Na legenda da foto da Escola Preparatória de Rio Pardo que ele publicou em sua **Memória** constam estes dizeres:

"Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, Rio Grande do Sul, onde passei 3 anos, sendo ali contemporâneo dos futuros presidentes da República Getúlio Vargas e Eurico Dutra, bem como do General Bertoldo Klingler, um excepcional estudante e grande soldado. Os três chefiaram revoluções em 1930, 1945 e 1932, respectivamente. Hoje é um educandário mantido por freiras".

Por ocasião da Revolta de Alunos, em 3 e 4 de maio de 1902, Mascarenhas de Moraes e Bertoldo Klingler já se encontravam na Escola Militar da Praia Vermelha. Ele, Klingler e Getúlio Vargas eram de baixa estatura

Eurico Dutra foi bicho ou calouro de Getúlio Vargas em Rio Pardo e ali não conviveu com Mascarenhas de Moraes.

Como se conclui de Mascarenhas de Moraes, a instrução militar, ao contrário das Humanidades era feita por "instrutores velhos e incompetentes que perpetuavam-se nos cargos causando grandes prejuízos a instrução militar e à boa ordem do estabelecimento"! E isto é importante para se entender a Revolta de 3 de maio de 1902, adiante.

Pantaleão Pessoa.

"Em 25 de março de 1901, cheguei a Rio Pardo e fui acolhido na residência de D. Adelaide Neves Meireles, filha do Barão do Triunfo e mãe do General Eurico de Andrade Neves, então Major de Cavalaria. No exame de saúde, fui considerado um dos candidatos de melhor compleição física; nas provas, escrita e oral, fui aprovado e, a 28 de março, tornei-me o cadete - "bicho" - que o Coronel Belarmino de Mendonça projetara.

D. Adelaide Meireles era uma grande dama; desfrutava do prestígio herdado de seu pai e conservado por sua inteligência. Era também grande amiga de Gaspar da Silveira Martins, cuja política chefiava pessoalmente, em Rio Pardo e circunvizinhanças. Pelas qualidades de coração, hábitos de hospitalidade, grande simpatia e seu grande interesse no atender os amigos, sua casa tomou-se um centro de atração, onde se vislumbrava um passado de grandeza. Recomendou-me a alguns alunos dos 2º e 3º anos, para que me abrandassem os trotes inevitáveis.

A Escola era um velho casarão de dois pisos, edificado para hospital e muito mal adaptado para um internato de 400 alunos. Para mim o contraste da vivência e o horror aos trotes, eram indescritíveis. O ambiente escolar, mesmo para quem não viesse de morada pacífica e familiar, era pouco acolhedor, e o formalismo militar ficava abaixo de qualquer crítica. Depois dos exames, fui chamado à Secretaria, onde conheci o Major Felipe Câmara, sub-comandante da Escola, e o Tenente Gonzaga, secretário prático vitalício e aí,

com o meu colega Eurico Laranja, ouvi ler, rapidamente, uma coisa a que tive ordem de responder: - Assim o prometo! Nenhuma explicação. Dias depois os meus novos amigos, veteranos honorários, por terem feito a campanha de Canudos, Tancredo Vieira da Cunha e João Ferreira Johnson, explicaram-me o que eu tinha prometido e quanto às amarras que tal promessa significava. As reuniões, após o jantar, alargavam o círculo de relações. Nelas conheci Manoel Florenciano da Silva, Ibanez Cardozo, Evaristo Marques, Getúlio Vargas, Jayme Poggi de Figueiredo, Braz do Revoredo Barros, João Guedes da Fontoura, Lisímaco Costa, Arnaldo Soares e outros. O meu refúgio, o lugar em que me sentia bem, era a casa da boníssima amiga D. Adelaide, a única pessoa que me dava a convicção de não ter mudado de mundo.



O antigo e distinto aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, o 2º à frente, da esquerda para a direita, em 4 de maio de 1945, 43 anos depois, posando como comandante da Força Expedicionária Brasileira e 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, por ocasião do Almoço da Vitória, em Verona. Presentes o Comandante do V Exército dos EUA e comandantes dos Corpos de Exército e Divisões integrantes. Ele era o único comandante de Divisão que não pertencia ao Exército dos EUA (Fonte: MASCARENHAS DE MORAIS. Memórias, v.2, p. 346).

Afinal, começaram as aulas e o medo se dividiu em relação aos professores e aos veteranos. Com os defeitos inevitáveis, o corpo docente da Escola era digno de respeito e se fazia respeitar. As aulas eram silenciosas e

as explicações razoáveis. Os professores de Matemática eram Amphilóquio de Azevedo, Francisco Sérgio de Oliveira e Hipólito das Chagas Pereira, todos competentes e dedicados ao ensino. Em Português pontificava Oscar Miranda; em Francês, Marques de Sousa; em Inglês, Barreto Viana; em Desenho, Joaquim de Andrade Vasconcelos; em Aquarela, Marques Guimarães; em Física e Química, José Rafael de Azambuja; em Geografia, Marcolino de Souza; e em História, Honório de Aguiar.

Pelo regulamento em vigor, três meses depois da matrícula, haveria um primeiro exame parcial para julgar se o progresso alcançado pelo aluno o habilitava a continuar os seus estudos. Com grau 4 em **Aritmética**, na primeira sabatina, procurei quem me esclarecesse nos mistérios das quantidades literais e encontrei em Lisímaco Ferreira da Costa um bondoso e hábil professor. O bom resultado veio logo. Depois do primeiro exame parcial, visitei a família em Cachoeira e voltei como veterano, podendo conversar livremente, fazer amigos e **até comentar a influência de Auguste Comte no ensino que recebíamos**. Dentro em pouco chegávamos à rotina.

O Coronel Belarmino de Mendonça pertencia à arma de Engenharia (como a arma ainda não fora criada, ele era oficial de Engenheiros), alcançara promoções por bravura nos campos do Paraguai e fora membro da primeira Constituinte republicana. Desempenhou importantes comissões. Logo depois da sua promoção a General, foi nomeado Governador do Acre, onde, com sacrifício da saúde, já precária, muito contribuiu para a organização desse território.

A substituição ao Coronel Belarmino foi um caso triste, injusto e até pouco compreensível. Por muitos motivos, a administração militar devia ter evitado que isso chegasse ao conhecimento de moços que estavam sendo educados para exercerem autoridade e cumprirem, sem tergiversações, as ordens recebidas de seus superiores.

Ao aproximar-se o dia 29 de junho, dois oficiais foram ao Comandante da Escola e pediram uma sala de aula para realizar sessão cívica em exaltação à figura respeitável de Floriano Peixoto, enaltecendo os seus serviços à República. O Coronel Belarmino, depois de ouvi-los, pediu-lhes que realizassem tal sessão fora da Escola. Disse-lhes que tal comemoração, embora justa, não poderia fugir a uma interpretação política e desejava manter a Escola fora dessas preocupações. Aduziu que, diante das paixões ainda reinantes no Rio Grande do Sul, não seria difícil que os partidários de Saldanha da Gama e Gaspar Martins, viessem, depois, invocando precedente, pedir concessões idênticas. Desejava que não o levassem a uma negativa formal.

O Ministro da Guerra foi, imediatamente, informado sobre esse diálogo, já sob a forma de pressão contra o **florianismo** e, como conseqüência, passaram, os promotores da homenagem a Floriano, a anunciar a substituição do Coronel Belarmino de Mendonça. Não tardou que chegasse a Rio Pardo um Coronel para fazer investigações, às quais não tiveram acesso os elementos apolíticos da Escola. O investigador acabou

comunicando a substituição alardeada, que já trouxera no bolso do colete! Os alunos fizeram a única coisa que estava a seu alcance: foram ao fotógrafo da localidade e, com licença ou sem ela, organizaram um álbum com seus retratos, para oferecer ao Cel Belarmino, como prova de sua estima e admiração (Extraído de seu livro **Reminiscências e imposições de uma vida**).

Francisco de Paula Cidade



Paula Cidade, no artigo "Um começo de vida", que publicou em 1934 na **Revista Militar do Realengo**, quando nela foi professor de História e Geografia Militar, no comando do Cel José Pessoa, registrou o seguinte:

Francisco de Paula Cidade, ao tempo que foi juiz militar na FEB. Foi um profissional militar dedicado e escritor fecundo sobre História Militar Terrestre do Brasil e Geografia Militar do Brasil, assunto este em que foi pioneiro na Escola Militar do Realengo e depois na Escola de Estado-Maior. Foi também

um sociólogo militar. Biografamos Paula Cidade como nosso patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil no artigo "Paula Cidade, um soldado e escritor a serviço do progresso do Exército" em A Defesa Nacional, nº 709, 1983 (Fonte: foto História do Exército, 1972, v.3, p. 1062). Deixou memórias inéditas com sua filha mais moça.

"Como passa vertiginosamente a nossa curta existência! Quando se alonga o olhar para o passado, que discordância se nota entre as duas coordenadas da vida, entre o tempo e o espaço! No entanto, isso só se conclui, sem ser por absurdo, quando as invernias da velhice nos batem às portas. Então, as grandezas contadas sobre o eixo dos tempos representam quase nada, ao passo que as que se apreciam em relação ao espaço chegam a ser imensamente grandes...

Parece que foi ontem e no entanto foi em 1902, isto é, há 32 anos bem contados, que deixei a pacata casa paterna, para mergulhar no turbilhão da vida militar daquela época. Aos 17 anos, um jovem provinciano apenas começava a abrir os olhos para a vida mundana e essa é talvez a razão pela qual todas as coisas que me foi dado presenciar se gravaram de tal forma em minha memória, que não há como apagá-las.

A saída de casa, a viagem num pequeno vapor até a Margem do Taquari, o trem que dali me levou a Rio Pardo, cidade onde até o pó das ruas fala de nossa epopéia colonial, as apreensões que me trouxeram as informações que durante a viagem me foram prestadas por um velho tenente comissionado, a chegada à Escola Preparatória e de Tática, a recepção pouco cordial que ali me foi feita – tudo isso ainda se acha escrito em minha mente, como se houvesse sido ontem. O doce amargo dessas reminiscências para um grosso volume, de centenas de páginas.

Ao atravessar a soleira do largo portão da Escola, tinha-se a impressão perfeita de haver penetrado numa casa de doidos: "veteranos" saltavam sobre os recém-chegados como um bando de tigres bravios; e tal força tinha essa tradição coimbrã (NA: de Coimbra, Portugal) em nossa vida acadêmica, que os próprios parentes, separados em castas de veteranos e bichos, em regra se desconheciam. Havia bandos do trote bruto e bandos do trote leve, conforme o temperamento e mesmo a educação de cada um. O Álvaro Lisboa, uma das maiores inteligências que passou pela Escola de Rio Pardo, mas que havia de fracassar pela sua repugnância pelos estudos da matemática, era destes últimos. Fino, elegante, educado e absolutamente massador (trotista) da bicharada, inventava sempre números novos para torturar o triste rebanho dos que chegavam.

O que me sucedeu, ao entrar pela primeira vez na Escola, foi realmente muito além do que me era dado esperar. Os minutos pareciam séculos. Uma hora, ou um milênio mais tarde (perdi a noção do tempo, porque o meu relógio foi temporariamente confiscado e me achava mais morto do que vivo), surgiu-me pela frente um veterano, rapazola como eu, que de meus verdugos reclamou a minha entrega, demonstrando pelas suas palavras que não me considerava um pedaço de argila batida pelo hálito divino, mas como simples irracional. Acompanhei-o, ou melhor, arrastei-me atrás dele, a pensar comigo mesmo e não com meus botões, porque estes haviam em parte sido arrancados, na ingratidão da sorte que me havia sido reservada. Chegados à porta da Escola, disse-me: "Vista as calças e desinverta o casaco, que está do avesso". Advirto que já se haviam inventado as ceroulas, cuecas de perna longas, com uns cordões para amarrar em baixo e que hoje ainda se vêem pelos museus. Felizmente, esse complemento da indumentária fazia parte do meu enxoval, afirmativa que é perigoso generalizar para todos os meus companheiros de infortúnio.

Mais tarde, vim a saber que esse benemérito, que me mandou em paz, se chamava Penedo Pedra e pela leitura dessa Bíblia que é o "Almanaque da Guerra", acabo de verificar que se trata de pessoa que, como eu, é hoje

oficial do Exército, pelo que aproveite a oportunidade para enviar-lhe, por meio destas linhas, os mais veementes agradecimentos por este serviço longínquo, porém não esquecido.

Depois de tudo isso (que, aliás, se reproduziu nos dias seguintes, quando tive necessidade de ir à Escola), não obtive matrícula, ficando, com mais uns 150 candidatos aprovados no fácil exame de admissão, fora do número correspondente às vagas existentes. Como ficha de consolação, permitiram-nos que ficássemos como "ouvintes", verdadeiros anfíbios, obrigados a frequentar a Escola, como se fôssemos alunos e o quartel, como soldados que éramos. Coube-me, como praça da 4ª companhia do 25º Batalhão de Infantaria, o número 165. Não era mais gente, era coisa...

A mais grave consequência disso foi que não recebi o ambicionado uniforme da Escola, mas enverguei a farda da nossa gloriosa infantaria de linha, com o detestado gorro de dois bicos e o gravatão de couro. Achei-me ridículo e nos primeiros dias evitava andar na rua. Para cúmulo, a senhora de um tenente pretendeu certa vez obrigar-me a levar à cabeça um balaio de gêneros alimentícios.

Três meses depois, o núcleo de ouvintes foi dizimado, ficando reduzido a uns oito, com os exames de habilitação; de cento e poucos reprovados foram fazer companhia a outros tantos alunos matriculados, como eles vítimas do fatídico "carro de fogo".

A impressão que me ficou desses dias de soldado do 25º de Infantaria foi de aspereza e de inflexibilidade regulamentar, de execução mecânica do que estava prescrito: um coronel, por dá cá aquela palha; abria mão do R.I.S.G. (Regulamento Interno dos Serviços Gerais) que é uma invenção recente, mas os massudos "consultores", repertórios de avisos e ordens de serviço.

Jurei bandeira à moda da época, porém na secretaria da Escola, onde funcionava o comando da guarnição e à tarde do mesmo dia já me achava alojado no Quartel do Contingente, velhíssimo edifício em que os soldados antigos, em noites de inverno ou de chuva, viam espíritos de generais barbudos em estranhos **footings**. Às nove horas da noite, após demorados toques da banda de corneteiros, entrei em forma, para responder a primeira revista de minha vida. Feita a chamada, o comandante daquele Destacamento ordenou "quatro passos à retaguarda", deixando largo espaço vazio à frente da força. Foram trazidas primeiramente algumas varas de marmeleiro e logo depois, dois soldados para serem surrados. Confesso que para min o espetáculo não era inteiramente novo, posto que na casa paterna constituía ultima ratio, de acordo com os métodos da puericultura gaúcha... O que me surpreendeu foi a violência da aplicação e o tamanho da dose. O castigo terminou com o emprego de um saco de aniagem, embebido em salmoura, às costas dos dois principais personagens desta cena.

Horas depois, esticado na barra de madeira que me servia de cama, pensava, cheio de apreensões, que aquilo bem podia ser comigo, hipótese que me parecia pouco agradável. Adormeci e sonhei com o corneteiro

chamado Bonito, tipo impressionante de mulato agigantado, que tinha um jeito especial para surrar seus semelhantes.

Mais tarde, quando oficiais, todos nós havíamos de recorrer ao mesmo método persuasivo, que na antiguidade fez o legionário romano palmilhar, sem recalitrações, o chão de todo o mundo conhecido e que entre nós soube fazer com que um ente humano, vergado ao peso da desmedida carga regulamentar, caminhasse, sem protestar, de Santos, por Uberaba, ao território paraguaio.

Entre um batalhão e a Escola, chegam o exame de habilitação e o dia do "caroço", festança com que os veteranos, à custa dos próprios bichos, consagravam a elevação destes a honorários. Após grandioso "trote geral", cujas minúcias seria longo descrever, caíam todos não no samba, porque isso é cousa nova, mas no mais desbragado maxixe. O Lisboa, o Seroa e outros mestres no difícil gênero que é o "bestialógico" - os únicos discursos permitidos, proferiram oração oficial.

No dia seguinte, tanto valia a velha tradição coimbrã, o ambiente da Escola mudou, dando a impressão de uma casa de gente de juízo e de trabalho, como se o bicho nunca tivesse existido.

A Escola Preparatória de Rio Pardo passou, com a sua tradição de centro cultural e ponto de concentração de professores competentes e inflexíveis. Ninguém erguia a voz para reclamar contra as enormes exigências regulamentares, uma vez que ao matricular-se ali não podia ignorar o que o esperava. Efetivamente, era de rachar. Ou dormíamos tarde e saíamos da cama às quatro ou cinco horas para estudar, ou desistíamos do curso. E foi assim que as escolas superiores civis se encheram de alunos passados pela "Prepa" do Rio Pardo.

Especialmente aritmética, álgebra, geometria, trigonometria e ciências naturais, das quais as quatro primeiras matérias obrigatoriamente deviam ser estudadas na Escola, constituíam escolhos difíceis de transpor. Os velhos professores não tinham coração e, não obstante, qualquer deles conquistou a nossa imorredoura admiração pela sua lisura e competência: Amphilócio, Sérgio de Oliveira, Chaguinhas, José Rafael, Julien, Oscar de Miranda, Moura e Cunha e vários outros, que se celebrizaram para as velhas gerações militares deixando saudades que se não apagam com o tempo. Ninguém se animava a tentar exame vago dessas matérias e quando aparecia um Lemos Farias para enfrentá-lo, era um "fenômeno"; dado a este termo a significação popular.

O rapaz de cor preta em regra não conseguia penetrar naquele meio e os poucos que a tal se atiraram e conseguiram vencer foram realmente homens superiores. No entanto, isso não era cousa que dissesse respeito exclusivamente à Escola, mas uma injunção do meio sul-riograndense de então.

Um engano em que se cai geralmente consiste em pensar que a instrução prática fosse descurada em Rio Pardo. O que há de verdade é que tudo corre de acordo com a sua época: estávamos em tática pelos modelos

da guerra do Paraguai, onde nossos instrutores iam encontrar seus esquemas e as suas cargas de baionetas; no entanto, trabalhava-se muito, exercitando velharias que já em Canudos nos haviam custado caro.

A comida...era farta, mas nos devíamos contentar com duas únicas refeições diárias: o almoço e o jantar. Estômago de cadete já era uma tradição de galhardia. Comíamos muito e por mais que "trepássemos na bóia", quando alguém deixava resto nos pratos é que estava muito doente. Andávamos sempre gordos e de pele luzidia. Havia gente de muque; alguns se dedicavam ao esporte de medir força com a polícia municipal, em noites de luar e violão.

Ao contar aos cadetes de 1934 os primeiros passos na vida militar, que saudades me assaltam e me torturam! Por que Deus não nos permite começar de novo? Eu voltaria direto para Rio Pardo, entraria na secretaria da Escola e, sem errar os passos, tão vivos me ficaram na memória os acontecimentos de 1902, diria ao secretário, remocado e com o meu chapeuzinho na mão: vim outra vez assentar praça com destino à Escola... Que bom que isso fosse possível!"

Paula Cidade, neste seu relato, revela os castigos físicos dados aos soldados em 1902, com varas de marmelo, o que ele presenciara ao servir em Rio Grande como oficial. Revela a existência do trote leve e pesado pelos quais, antes dele, padeceram Getúlio Vargas, Eurico Dutra, Mascarenhas de Moraes, Bertoldo Klinger. Estes três últimos mais sacrificados, por terem entrado na Escola como civis.

O desligamento do Sargento Getúlio Vargas, junto com mais 30 colegas

Este episódio foi estudado pelo notável historiador pedritense Laudelino Medeiros na **RIHGRGS** nº 123, 1998, p. 21/28 sob o título "Getúlio Vargas na Escola do Rio Pardo", que assim sintetizamos:

"Na noite de 3 de maio de 1902, alunos revelaram animosidades contra o Capitão Marcos Telles Teixeira (personagem que, em suas Memórias, o Marechal Pantaleão Pessoa, citado, que não presenciou os fatos, já que só envolveram a 1ª Companhia e não a sua, a 2ª Companhia, informou tratar-se de "oficial áspero no trato e pouco conciliador, bom soldado, mas que nunca deveria ser designado para servir em Escola Militar).

Ao ser realizada a chamada, alguns alunos responderam por colegas ausentes. Aí o oficial determinou nova chamada, observando-se barulho provocado por batidas de alunos com suas botas no assoalho do 2º piso, o que foi interpretado pelo oficial como desconsideração.

Depois do toque de silêncio, um grupo de alunos munidos de copos e canecas, desceram as escadas, reclamando água para beber por estarem vazias as talhas junto ao alojamento. E gritavam: água! água! Atendida a

reclamação, depois de ser buscada a água em casa vizinha (casa de D. Adelaide, filha de Andrade Neves) os gritos de "água"! continuaram.

O aluno Paulo Alves dos Santos Júnior dirigiu-se ao oficial para ponderar sobre a falta de água. E aí foi chamado de cínico. E o aluno Paulo Alves respondeu "- Cínico é você, seu bandido"! O oficial, ao tentar empurrá-lo para que se afastasse, notou que o aluno Paulo Alves levou a mão à cintura, como quem procura uma arma.

Na manhã do dia 3, o Capitão Marcos Telles deixou a Escola em companhia do Major Ajudante e foram ouvidos gritos, assobios e algazarras, não se tendo descoberto os participantes desta manifestação de indisciplina. Isto foi o que concluiu o Subcomandante da Escola.

Foi instaurado um inquérito, o qual foi presidido pelo Capitão Honório Vieira de Aguiar, cujo relatório foi encaminhado ao comandante da Escola. Este decidiu, conforme sua Ordem do Dia de 15 de maio de 1902:

1- Que havia desacato premeditado na manifestação dos alunos.

2- Determinar o desligamento de 4 alunos mencionados na parte do Oficial de Dia, indicados como os responsáveis pelo ocorrido nos dias 3 e 4 de maio.

3- Prisão, por 6 dias, de 16 alunos da 2ª Companhia que se encontravam de serviço nos dias 3 e 4 de maio, por deixarem de cumprir os seus deveres, não tomando nota dos alunos (da 1ª Companhia) que perturbaram a ordem.

4- Prisão, por 3 dias, de 3 alunos por transgressão disciplinar de irem a residência do comandante, em Comissão, sem prévio conhecimento do Major Ajudante de Pessoal.

5- Censura ao Capitão Marcos Telles pelo "**emprego de palavras injuriosas em emergência melindrosa**"!

No dia 17 de maio de 1902 foram desligados mais 7 alunos:

1 (um) por haver ameaçado alunos que depuseram contra os alunos indiciados no inquérito.

1 (um) por promover reuniões com o fim de estimular pedidos de desligamento.

5 (cinco) por declararem haver tomado parte no desacato do Capitão Marcos Telles.

Estas punições não acalmaram os ânimos do Corpo de Alunos.

Em 19 de maio de 1902, em razão de reuniões e manifestações de solidariedade a colegas presos ou desligados, o comandante decidiu, em sua Ordem do Dia:

Desligar 20 (vinte) alunos que declararam haver tomado parte no desacato ao capitão Marcos Teixeira e serem solidários aos colegas punidos.

Punição de 50 (cinquenta) alunos por 15 dias de prisão pelos seguintes motivos:

. Por irem incorporados a casa do comandante para tratar do assunto.

- . Outros por terem ido à casa do comandante e pedido trancamento de matrícula.

- . Outros por terem assinado a lista de solidariedade.

Nesta altura, as punições haviam atingido 129 alunos (mais da metade do efetivo escolar, que beirava 220), dos quais 31 desligados e 98 punidos. O responsável, o Capitão Marcos Telles foi somente censurado, por "haver usado palavras injuriosas aos alunos em emergência melindrosa".

Injúria que motivou o desacato e todas as suas lamentáveis conseqüências.

Dos punidos que se destacaram no Exército e no Brasil registre-se o aluno Getúlio Vargas, desligado junto com outros 19 alunos que declararam haver tomado parte, em apoio contra o desacato do Capitão Marcos Telles, em 3 e 4 de maio.

Entre os punidos com 10 dias de prisão encontrava-se o aluno Salvador César Obino, o idealizador, no futuro, da Escola Superior de Guerra e Outubriano Antunes da Graça, que comandaria a Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre. Entre os punidos com 6 dias de prisão, o aluno Valentim Benício da Silva, futuro presidente da Biblioteca do Exército Editora, por haver assinado lista de solidariedade a colegas punidos.

Os nomes dos desligados e punidos constam do artigo, já citado, de Laudelino Medeiros e por ele obtidos com a nossa ajuda, quando dirigíamos o Arquivo Histórico do Exército nas constantes visitas que lá nos fez.

A revolta que provocou os 24 lamentáveis desligamentos, resultou de uma falta de habilidade do Capitão Marcos Telles e da Administração da Escola, que descuidou do abastecimento de água para beber, o que motivou o início da revolta e que motivou ainda o desacato geral ao Capitão Telles Marcos, "por usar palavras injuriosas aos alunos em emergência melindrosa".

Este episódio, diríamos hoje, de "falta de inteligência emocional" faz lembrar a revolta, em 1828, dos soldados mercenários da guarnição do Rio de Janeiro, iniciada pelo espancamento público de um deles, por iniciativa do Major Drago. Circunstância que gerou uma enorme revolta deles no Rio, ora reproduzida pelas revistas Nossa História, nº 18, p. 62/66, sob o título "Cego furor homicida" de Christopher Burclen. Episódio que interpretamos no original de nosso último livro Quartéis-Generais das Forças Armadas do Brasil, publicado pela FHE-POUPEX em 1988, sem a parte correspondente a "A Revolta do Batalhão de Granadeiros" (revolta de estrangeiros, que dominou o Quartel do Campo de Santana, p. 31/34 do original, e obrigou o comandante das Armas a deixar o Quartel pulando uma janela. Era o 2º Conde de Rio Pardo, o Marechal Joaquim Pereira Valente, que antecederia Caxias no combate à Revolução Farroupilha).

Mas, vale registrar que no citado artigo "Cego furor homicida", constam duas iconografias de nosso citado trabalho "Quartéis-Generais das Forças Armadas" sem crédito a este autor, e ao pintor Newton Figueiredo, executor das pinturas, sob nossa orientação, embora tenhamos sido contatados. Pediram, primeiro, para publicá-las, o que foi permitido, desde

que fosse dado o crédito às mesmas, como respeito à propriedade intelectual, o que não foi feito.

E o citado incidente teve lugar quando o Major Pedro Francisco Guerreiro Drago determinou que na manhã de 9 de junho de 1828 fosse castigado, com 100 pranchadas, um soldado mercenário. Este se recusou. O Major Drago dobrou a pena para 200 pranchadas e mandou amarrá-lo.

E isto foi o estopim daquela histórica revolta, que só foi dominada ao custo de 26 mortos e 50 feridos, atestado da falta de inteligência emocional do Major Drago, o que supomos tenha havido em Rio Pardo, revolta que só foi controlada com as, talvez injustas, punições de 100 alunos. Foi lamentável!

Desligados e punidos com Getúlio Vargas

Em Rio Pardo foram desligados e punidos, em decorrência dos incidentes na Escola Preparatória, 129 alunos, dos quais 31 desligados da Escola, 9 punidos com 15 dias de prisão, 44 com 10 dias de prisão, 38 com 6 dias de prisão e 6 com 3 dias. Este número era superior à metade dos matriculados, que era de 220. Segundo se conclui do Marechal Pantaleão Pessoa, as punições só atingiram os alunos da 2ª Companhia e mais 16 de sua 1ª Companhia, que estavam de serviço na 2ª Companhia, na qual ocorreram as manifestações contra o Capitão Marcos Telles. Sobre este, Pantaleão informou "que ele não possuía temperamento para aquela função, para trabalhar com alunos, não tendo conseguido contornar a situação e saído dela com uma censura: **"Pelo emprego de palavras injuriosas em emergência melindrosa"**. Segundo o Marechal Mascarenhas de Moraes, que comandou a Escola Militar do Realengo no final da década de 30, ao se referir aos instrutores da Escola Preparatória do Rio Pardo em suas Memórias: "Os instrutores da Escola em Rio Pardo eram velhos e incompetentes e perpetuavam-se nos cargos, causando grandes prejuízos à Instrução Militar e à boa ordem do estabelecimento". Por ocasião das punições, Mascarenhas já estava no Rio.

Foram desligados, em 19 de maio de 1902, a bem da disciplina, por estarem diretamente ligados ao incidente com o Capitão Marcos Telles, quatro alunos:

Paulo Alves dos Santos Júnior, Luiz Coelho da Silva, Ulisses Falcão Vieira e Antônio Paraguaçu.

Foram desligados mais tarde, pela Ordem do Dia 161, por haverem declarado tomar parte nas manifestações contra o Capitão Marcos Telles os seguintes alunos:

ALEXANDRE SOARES DE ALMEIDA, ALFREDO PALMEIRO DA FONTOURA, ALVIN MARQUES SALGADO, ANTÔNIO ESTEVES DE FREITAS,

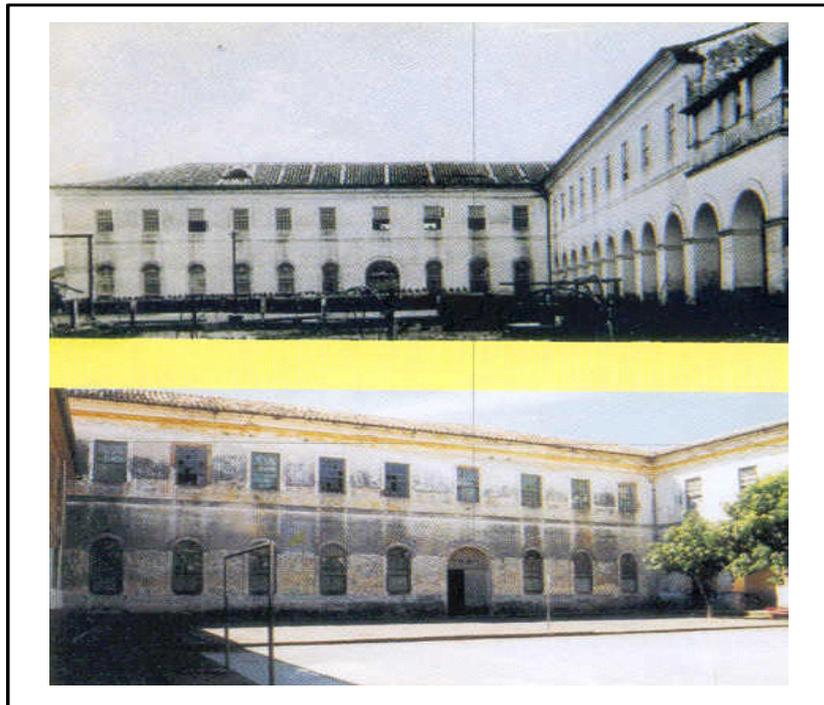
ARTUR LEITE, CÍCERO DE PAULA MOREIRA MATOS, DEMÉTRIO SOLEDADE, FERNANDO FERREIRA DA SILVA, GABRIEL PAIVA DA LUZ, **GETÚLIO DORNELLES VARGAS**, GUILHERME DE FRANÇA ALMEIDA E SÁ, JOÃO GUILHERME DO AMORIM, MANOEL DE ARAÚJO ARAGÃO BULCÃO, MANOEL RIBEIRO, MANOEL RIBEIRO DA CUNHA LOUZADA, OSVALDO TERÊNCIO DE SANT'ANA, PEDRO MARTINS FERNADO, SEVERINO RIBEIRO FRANCO e SÍLVIO RANGEL.

A nossa curiosidade seria saber qual o destino destes companheiros de Getúlio, que não se furtaram a declarar que haviam participado das manifestações contra o Capitão Marcos Telles.

Deles, foi encontrado no **Dicionário Bibliográfico Gaúcho**, de Pedro Villas-Boas, somente Getúlio Vargas, na sua página 255. Houve mais sete desligados cujos nomes não conseguimos obter.

Em 1904 teria lugar a Revolta da Vacina Obrigatória, na Escola Militar da Praia Vermelha e, em 1922, a Revolta da Escola Militar do Realengo. Nas duas revoltas, os alunos envolvidos, por manipulações externas de seus romantismos cívicos, pagaram pesadíssimo tributo. Lembro, quando cadete na AMAN, que um oficial muito agressivo no trato, e autoritário, assim tratou o Corpo de Cadetes numa formatura para o Rancho, não sendo, como reação, obedecido pelos mesmos. Disto resultou, não punição para os cadetes, mas o pronto afastamento do referido oficial da AMAN, por falta do que hoje se denomina inteligência emocional.

Nas fotos, aspectos do pátio da Escola do seu lado esquerdo de quem entra no edifício. A sua direita é ocupada pela Igreja Nosso Senhor Jesus dos Passos. Na parte inferior, o estado em que ficou a antiga Escola Militar até ter início a sua restauração e reciclagem (Fonte: Assembléia Legislativa do RGS, Getúlio Vargas do Brasil, reabre as portas da Escola Militar de Rio Pardo, 2004).



Não foi aprofundada a razão do aluno de Rio Pardo ter chamado o capitão Telles de cínico e este em reposta o haver chamado de bandido. O inquérito abordou só a reação dos alunos, mas não abordou o que motivou a reação dos mesmos, muitos dos quais o futuro revelou serem homens briosos e de valor. Sabe-se lá quantos dos desligados teriam feito brilhante carreira no Exército.

Por ocasião da Revolta da Escola de Rio Pardo, em 3 e 4 de maio já haviam deixado a Escola, com destino à Praia Vermelha, os alunos antes citados Daltro Filho, Mascarenhas de Moraes e Bertoldo Klinger.

Cursavam o 2º ano: Getúlio Vargas, Salvador César Obino, Valentim Benício, Pantaleão Pessoa, Emílio Lúcio Esteves, Raul Silveira de Mello e Outubrino da Graça. Frequentavam o primeiro ano, e eram bichos, os alunos Eurico Dutra e Paula Cidade.

A tradição em Rio Pardo, registrada por Marina de Quadros Resende, mencionou o seguinte fato:

"Que por ocasião do desligamento de Getúlio Vargas e mais seus companheiros, a Escola formou e os desligados, a caminho da estação ferroviária que os levaria presos para Porto Alegre, desfilou frente aos que ali permaneciam, e que Getúlio, ao passar defronte ao delator de seus colegas, jogou-lhe com um pé uma de suas botinas, razão de haver chegado a Porto Alegre com um dos pés descalços".

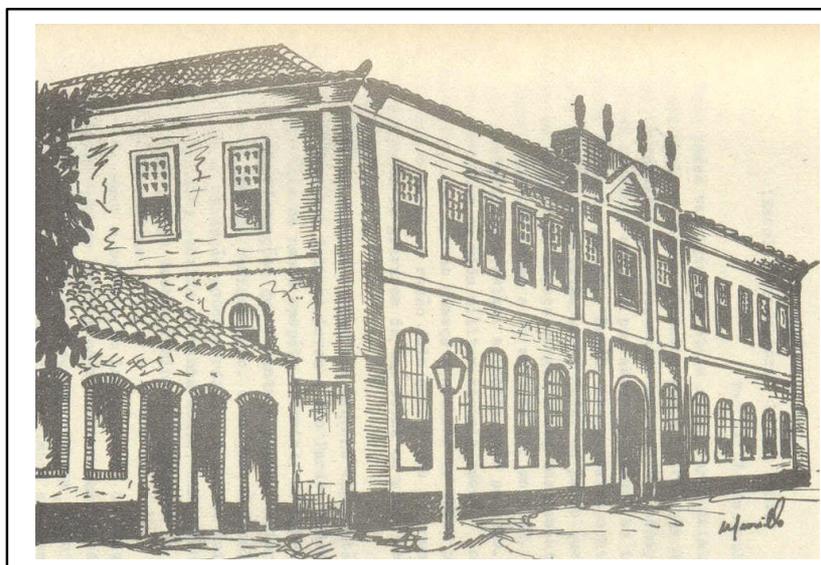
Testemunhei circular uma versão de que o desligamento que havia ocorrido era por ele haver deixado a Escola, à noite, para assistir a uma palestra sobre o Marechal Floriano Peixoto, que fora proibida aos alunos pelo Coronel Belarmino, que não era admirador de Floriano Peixoto. E isto era verdade!

A versão do Marechal Pantaleão Pessoa é que o Cel Belarmino não concordou que fosse feita uma palestra sobre o Marechal Floriano na Escola, em razão de que seus adversários políticos federalistas, inclusive a sua líder em Rio Pardo, Maria Adelaide, filha de Andrade Neves, se sentiriam com o mesmo direito a fazer palestra na Escola para os alunos. E finalmente, que isto repercutiu nos altos escalões, como uma desconsideração do Cel Belarmino ao Marechal Floriano e ao florianismo, disto resultando uma investigação que terminou por afastar o Cel Belarmino do comando da Escola (Relato na revista *Realidade*, em 1978, nos 90 anos do Marechal Dutra).

A Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria do Rio Pardo 1905-1911

Em decorrência da Revolta da Vacina Obrigatória na Escola Militar da Praia Vermelha, em 1904, a Escola foi fechada e a seguir extinta em função do Regulamento de Ensino em 1905, ponto de inflexão do bacharelismo militar (1874/1905) para o profissionalismo militar que até hoje perdura, repetimos, por relevante.

Em conseqüência, foi criada a Escola de Guerra em Porto Alegre e, para complementar a formação de oficiais nela formados, foi criada em Rio Pardo, no local da antiga Escola e Preparatória e de Tática, a Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria de Rio Pardo. O Regulamento, aprovado pelo Decreto nº 5698, de 02 Out 1905, assinado pelo General Francisco de Paula Argollo, Ajudante-General, dizia o seguinte, em seu artigo 21:



Uma visão da Escola de Aplicação de Infantaria e Cavalaria, em bico de pena, na obra CIDADE, Cadetes e alunos militares através dos tempos. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1961 (Publicada no sesquicentenário da AMAN).

*"CAPÍTULO IV
DA ESCOLA DE APLICAÇÃO DE INFANTARIA E CAVALARIA*

Art. 21. Esta escola terá por fim completar e aperfeiçoar a instrução dada na escola de guerra às praças de pret; nella se ministrará o ensino prático mencionado no artigo seguinte, obrigatório para todos os alumnos, e funcionará na cidade do Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul.

Paragrapho único. O seu curso será de 10 meses, incluindo os de exames, não podendo nenhum aluno frequentar-a por mais de uma vez."

Ela se destinava, por um período de 10 meses, a ministrar conhecimentos necessários aos formandos da Escola de Guerra em Porto Alegre para o exercício do primeiro posto.

Somente com este curso os alunos formados na Escola de Guerra recebiam o novo título, recém criado, de Aspirante a Oficial, que substituiu o de Alferes, então eliminado. E que se tornara, o de Alferes, símbolo do bacharelismo triunfante!

Esta Escola funcionou no Rio Pardo de 1905 a 1911. Junto com a Escola de Guerra foram ambas transferidas para o Realengo, em 1911. Todas as Escolas de Aplicação foram reunidas na Escola Militar do Realengo, criada

em 1913, e que lá funcionou por cerca de 31 anos, até ser inaugurada, em 1944, a Escola Militar de Resende, transformada em 1951 em Academia Militar das Agulhas Negras.

Em realidade, com a extinção da Escola Militar da Praia Vermelha em 1904, e com a criação da Escola Militar do Realengo em 1913, os oficiais foram formados pelas Escolas de Guerra de Porto Alegre e pela Escola de Aplicações de Infantaria e Cavalaria de Rio Pardo.

Mas este fato não tem sido considerado nas exposições sobre o assunto, no qual são omitidos 8 anos da formação de oficiais do Exército, os quais executaram a verdadeira profissionalização militar do Exército como se verá.

Em defesa da memória da Escola de Guerra de Porto Alegre, 1906/11, produzimos o artigo "A esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre" na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Mas até hoje ela continua esquecida, como se não fosse elo de formação dos oficiais do Exército. Da mesma forma, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, que formou oficiais brasileiros de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia de 1792 a 1811, até ser substituída pela Academia Real Militar, a qual tinha amplitude para a formação de oficiais do Reino de Portugal com sede no Brasil.

Mas isto acontece quando o trabalho não é confiado ou submetido à conferência e revisão por historiadores, e apoiado em fontes primárias.

Entre os destacados oficiais do Exército que passaram pela Escola Prática de Infantaria e Cavalaria do Rio Pardo, 1905/1911, assinalo, conforme registramos ao abordar a "Escola de Guerra de Porto Alegre, no Casarão da Várzea", na obra Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil.

Assim, passaram por Rio Pardo:

- Eurico Gaspar Dutra, que foi Presidente do Brasil de 1945 a 1950;
- José Pessoa, o Marechal idealizador da AMAN, e que presidiu comissão para transferir a nova capital para Brasília, conseguindo que a área fosse desapropriada pelo Governo de Goiás;
- Mário Travassos, grande geopolítico, idealizador dos corredores de exportação, e que foi o primeiro comandante da AMAN;
- J. B. Magalhães, pensador militar dos mais fecundos;
- Paula Cidade, um dos idealizadores da Revista dos Militares de Porto Alegre, 1910/20, na 3ª Região Militar;
- Pedro Aurélio Góis Monteiro, chefe militar e ideólogo da Revolução de 30;

Esta lista não se esgota aqui, basta consultar os Almanques do Exército de 1905 a 1911 sobre os alunos que passaram por Rio Pardo e foram apóstolos da cruzada profissionalizante militar do Exército.

Ao serem transferidos os encargos da Escola de Guerra e os da de Aplicações de Infantaria e Cavalaria de Rio Pardo para o Realengo, o Casarão da Várzea se tornou Colégio Militar de Porto Alegre. E nele estudaram os futuros

presidentes Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva e Emílio Garrastazú Médici, além de outros personagens ilustres da vida nacional. O Colégio Militar de Porto Alegre foi substituído, de 1939 a 1962, no Casarão da Várzea, pela nossa saudosa Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA), onde estudamos em 1951 e 1952.

Em 1962, o Colégio Militar de Porto Alegre foi retomado e as Escolas Preparatórias de São Paulo, Fortaleza e Porto Alegre foram reunidas em Campinas-SP, onde a Escola Preparatória, no terceiro ano colegial, prepara seus alunos para a AMAN.

Como se vê, foram intensas as transformações no Ensino Militar do Exército no Rio Grande do Sul de 1851 até o presente.

Em Rio Pardo, a origem do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, de Itajubá

Foi na antiga caserna ocupada pela Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo que foi organizado, em 25 de janeiro de 1910, o 4º Batalhão de Engenharia, com oficiais de diversas armas e um contingente de cerca de 100 homens, fornecidos pelo 4º RAM, raiz do atual e heróico Regimento Mallet, sediado em Santa Maria. O contingente deste Regimento se explica, pois até então a Engenharia era subordinada à Arma de Artilharia.

O 4º Batalhão de Engenharia permaneceu dois anos em Rio Pardo, no prédio da Escola, conforme registrou o seu Capitão Ajudante Alfredo Malan D'Angrogne, segundo o livro "Uma escolha um destino", Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1977, de autoria de seu filho, General do Exército Alfredo Souto Malan, patrono de cadeira na AHIMTB, sobre o pai que, em breve, seria adido militar do Brasil na França durante a 1ª Guerra Mundial, cabendo-lhe as negociações que resultaram no contrato da Missão Militar Francesa para o Exército Brasileiro.

Depois, o 4º Batalhão estacionou, de 1911 a 15 na antiga estação ferroviária de General Câmara, local onde, mais tarde, seria instalado o Arsenal de Guerra.

Dissolvido em 1915, foi reorganizado em 1918 em Lorena, onde permaneceu por dois anos. Depois, foi instalado definitivamente em Itajubá, onde o comandamos em 1981/82, conforme historiamos no artigo "4º Batalhão de Engenharia de Combate", Revista do Exército, vol. 119, Out/Dez 1982, p. 45/60, ilustrado, tendo na capa uma vista aérea do quartel.

Memórias do Major Setembrino de Carvalho, da época da Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo

Promovido a major, Setembrino de Carvalho, consagrar-se-ia como o pacificador do século XX, por haver pacificado o Ceará em 1910, depois o



Contestado e finalmente a Revolução de 23 no Rio Grande do Sul. Ele se apresentou em Rio Pardo para o exercício da função de Fiscal do 2º Batalhão de Engenheiros, originário da Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros. **Portão Monumental do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, que o autor comandou em 1981/82, e fez colocar placas correspondentes aos locais onde a OM teve suas paradas, inclusive Rio Pardo, no canto esquerdo superior (Fonte: Capa da Síntese histórica do 4º BE de Combate, 1910/1982).**

Encontrou o Batalhão mal instalado, sem higiene, com reduzido número de oficiais, sem disciplina, sem instrução e com falta absoluta de material para a instrução. Batalhão que havia participado com contingentes no combate à Guerra Civil de 1893/95, conhecida como Revolução Federalista de 93, em Bagé e em Rio Grande. Em Bagé, porque estava sitiada por federalistas. Em Rio Grande, no combate a ataque de parte da Armada, ao comando do Almirante Custódio de Melo. Além da guarda do quartel, as praças do Batalhão ocupavam-se da faxina da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo.

Daí dizer-se, com humor, segundo o Major Setembrino, "que o 2º Batalhão de Engenheiros fazia parte do material de limpeza da Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo". O comandante era o Ten Cel João de Deus Martins, avançado em anos, excelente homem, torturado pela surdez em elevado grau, atenuada por um tubo acústico, sempre que tinha que ouvir

alguém. Seu posto de comando e Secretaria do Batalhão distava 500 metros deste, mais ou menos, e ele aparecia no Batalhão de 15 em 15 dias.

Ao comandante entrar em licença para tratar de interesses em Livramento, em pouco tempo o aspecto do Batalhão era outro. Tudo havia melhorado. Mas não foi possível retirá-lo dos serviços da Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo. O comandante da Escola o era também da Guarnição do Rio Pardo e o que ele ordenava cumpríamos. Contudo, aos domingos, as

suas praças recebiam instrução ministrada pelo Ajudante do Batalhão.



General Setembrino de Carvalho, o pacificador do século XX, do Ceará, do Contestado e do Rio Grande do Sul, que comandou o 2º Batalhão de Engenheiros em Rio Pardo, deixando impressões sobre a Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, da qual o Batalhão era responsável pela faxina (Fonte: EME, História do Exército, 1992).

E não posso deixar de mencionar um caso interessante: apresentou-se um Capitão de Engenheiros para ser o Ajudante. Ao relatar-lhe o lamentável estado em que havia encontrado o Batalhão, e do necessário apoio que vinha encontrando dos oficiais para modificar a situação, disse-lhe da incumbência do Ajudante, relativa à instrução aos domingos. E como resposta dele: - Olhe Comandante, isso não é para nós, oficiais do Corpo de Engenheiros! Surpreende-me com tal disparate!

Na época, um bacharel não era feito para estudar tática ou estratégia, e somente os trabalhos de Engenharia deveriam ser objeto de sua atividade e cultura.

O tratamento de doutor era de seu agrado. Não gostavam de ser tratados pelo posto militar. Ao concluírem os cursos na Escola Militar, procuravam o Magistério Militar, porque era o meio de fugir à caserna. Tive um colega que ao sair da Escola foi professor de inglês de Curso Preparatório à Escola Militar do Rio Grande. Conhecia rudimentos da língua. Para ensinar

inglês, contratou professor particular e no dia seguinte repetia a lição para seus alunos. Escrupulos, consciência não existiam.

Manda a justiça declarar que o citado Ajudante tornou-se mais tarde distinto oficial de tropa, como já o era brilhante engenheiro". (Nota do autor: Neste tempo vigorava, desde 1874, o Regulamento de Ensino de espírito bacharelesco e não profissional, que foi reforçado ainda mais em 1890, e só abandonada pelo Regulamento do Ensino em 1905, inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar, por pressão de oficiais veteranos do Paraguai, ou filhos destes).

Nesta época, o Major Setembrino concebeu empregar o 2º Batalhão de Engenheiros (depois 1º Batalhão Ferroviário), na construção da estrada estratégica ferroviária de Porto Alegre a Uruguaiana. E foi atendido.

E registrou em suas Memórias:

"Foi um momento de intenso júbilo. O 2º Batalhão de Engenheiros iria deixar a humilhante situação em que o encontrara. Seriam satisfeitas as suas aspirações de serviços úteis ao Brasil, alimentadas por seus oficiais. O patrono desta causa foi o Ministro da Guerra Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet. A ele todo o reconhecimento e simpatia".

Setembrino de Carvalho fora deputado constituinte gaúcho em 1891, e comandou a Artilharia legal no combate de Inhanduí. Foi um grande líder da profissionalização militar e também um Pacificador. Era natural de Uruguaiana. E suas Memórias são preciosas para se entender o erro em que o Exército incorreu de 1874 a 1905, durante cerca de 30 anos, com a adoção do bacharelismo militar, desviado de sua real proposição, ao ser adotado em 1874, no duplo sentido de valorização social do oficial e desenvolvimento da capacidade operacional do Exército.

A última hipótese não ocorreu. A sua falta, tribute-se às dificuldades enfrentadas pelo Exército no combate à Guerra Civil na Região Sul, 1893/95, e em Canudos em 1897, nas quais os bacharéis se fizeram, em maioria, ausentes, e as campanhas foram conduzidas por profissionais militares tratados preconceituosamente de tarimbeiros. Não tinham influência nos destinos do Exército. Estas observações foram retiradas de suas **Memórias**.

No combate a Revolução Federalista, Setembrino de Carvalho atuou como Tenente-Coronel em Comissão, comandando um Corpo Provisório de Infantaria e Cavalaria da Divisão do Oeste. Esta Divisão estava ao comando do canguçuense General Hipólito Pinto Ribeiro que, na Guerra do Paraguai, havia combatido sob as ordens de Andrade Neves, na Vanguarda deste heróico Vanguardeiro.

Sobre o bom desempenho do General Setembrino em 1923, como seu Pacificador, mereceu análise elogiosa de parte de Sérgio da Costa Franco em seu livro **A Pacificação da Revolução de 23 – As negociações em Bagé**, Porto Alegre: EST/Ed. UFRGS, 1996. Aliás, confirmou conceito sobre seu correto, e diríamos, modelar desempenho, nosso tio José Monteiro Bento que, adolescente, estava presente, ao lado do pai, numa recepção ao General

Setembrino em Porto Alegre, que foi tumultuada por incidente no qual houve tiros. Disse-me meu tio, que ouvira de meu avô, o Coronel Genes Gentil Bento, que o General Setembrino havia tido um comportamento modelar, por isento, como ele havia tido ao pacificar, em Jaguarão, uma complexa e prolongada divergência local entre republicanos ligados a Carlos Barbosa e outra corrente local, que ele conseguira harmonizar. Em data recente, o citado historiador, Dr. Sérgio, veio confirmar esta atuação pacificadora de Gomes Gentil Bento em Jaguarão no texto "O dissídio entre chimangos carlistas e zeferinistas", de seu livro **Gente e Coisas da Fronteira**, Porto Alegre: Sulina, 2001, p.131/174. Meu avô foi sub-chefe e Chefe de Polícia do Estado e, ainda, Secretário do Presidente Borges de Medeiros, de 1917 a 1922.

O General Setembrino era sogro do General Francisco Ramos de Andrade Neves, neto do General Andrade Neves, Barão do Triunfo. Como escritor destaque-se, por sua relevância, suas Memórias - dados para a História do Brasil, Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1950, de onde retiramos dados de sua passagem por Rio Pardo.

Foi ele que, como Ministro da Guerra, instituiu em 25 de Agosto de 1924, o Dia do Soldado, em homenagem ao Duque de Caxias. Vez por outra ele é criticado por haver mandado fechar a Biblioteca do Exército, o que ele teria feito por ela não ter sido, também, de cunho profissional, e só possuir livros dos tipos romances e poesias, que não contribuíam para o desenvolvimento profissional do militar. Fato que teria concluído na Guerra do Contestado, onde seus oficiais haviam trocado os livros de romances e poesias pela cultura bacharelesca. Eis um fato a aprofundar. Caberia a seu conterrâneo, General Valentim Benício, refazer a antiga biblioteca e criar a Biblioteca do Exército Editora, inspirado que foi na "Biblioteca del Oficial" do Exército da Argentina.

E foi o General Setembrino que recolocou o 2º Batalhão de Engenheiros no caminho das atividades de construção, com adestramento, e que viria, como 1º Batalhão Ferroviário, construir uma rede de ferrovias no Rio Grande do Sul. Rede que atingiu 1.000 Km, quando nessa unidade servíamos, como seu Ajudante Secretário, em 1964/65, no Comando do Cel Délio Barbosa Leite.

Homenagem ao mestre Dante de Laytano, o maior historiador de Rio Pardo

Foi vastíssima a produção literária de Dante de Laytano, relacionada no **Dicionário Bibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros** (Rio de Janeiro: IHGB, 1991, p. 93/94, v. 1). Fizemos o seu necrológico no artigo "Dante de Laytano (1908-2000) e a Cultura Gaúcha" na **RIHGRGS**, nº 135, 2000, p. 240/243, ilustrada. Pedro

Leite Villas-Boas também focaliza sua monumental obra literária nas p. 125/126 de seu, também, monumental **Dicionário Bibliográfico Gaúcho**. Porto Alegre: EST/EDIGAL, 1991.

Ele foi personalidade singular, marcante e muito querida no meio intelectual gaúcho, como o maior folclorista, além de historiador, escritor fecundo e conferencista disputado.

Definia o Rio Grande do Sul como uma civilização, a qual denominava de castrense, em razão de suas cidades terem sido fundadas no contexto de imperativos estratégicos militares, e que tiveram seu início com fortificações, acampamentos militares e postos de vigilância de fronteiras. E ainda, que seus habitantes eram um misto de soldado e fazendeiro, ou agricultor.

Neste particular possuía fascínio especial por Rio Pardo – A Tranqueira Invicta, sobre a qual escreveu vários trabalhos, onde se destacava a obra maior sobre Rio Pardo: o **Guia Histórico de Rio Pardo – cidade tradicional do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Prefeitura de Rio Pardo, 1979. 2ª ed.

Obra prefaciada por Gilberto Freyre, que aborda os mais variados aspectos de Rio Pardo, os quais complementam aqueles aqui abordados por este autor, com lente de aumento, em torno das cinco escolas que o Exército possuiu em Rio Pardo.

A obra resgata os cemitérios, as igrejas, edifícios públicos, ruas, lugares históricos, fazendas, folclore, receitas, sesmarias, cronologia, conquista das Missões, os militares no povoamento de Rio Pardo, titulares do Império, roteiro turístico, etc. E também as residências de personagens importantes, inclusive as que hospedaram D. Pedro II e Dona Tereza Cristina, em 1846 e 1865 e mais o Conde D'Eu e a Princesa Isabel em 1885.

Assume destaque seu pequeno Dicionário de Biografias Ilustres nascidas em Rio Pardo, constante de 200 verbetes. Além desse livro, a sua bibliografia sobre Rio Pardo abrange mais 15 artigos e um filme, tudo constante no início deste livro.

Dante de Laytano, Pedro Calmon e o General Jonas Correia, com os quais convivi e muito aprendi, como líderes culturais de instituições como a Academia Brasileira de História, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, eram líderes carismáticos e incontestáveis dessas instituições.

Fui acolhido por Dante de Laytano com grande afeto em 1975, quando fomos premiados no Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul, com os livros **O Negro na Sociedade do RGS** (Porto Alegre: IEL/GRAFOSUL, 1975) e **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS** (Porto Alegre: IEL/A NAÇÃO, 1975), livros dos quais ele promoveu os lançamentos, na UFRGS, como Diretor da Faculdade de História. E a partir daí formou-se sólida amizade.

Em 18 de novembro de 1976, quando servíamos no Comando do 2º Exército em São Paulo, tomamos posse na cadeira 12, cadeira General Augusto Tasso Fragoso, da Academia Brasileira de História, que ele presidia.

Esta posse solene teve lugar no auditório do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, e contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do 2º Exército, Gen Bda Carlos Xavier de Miranda e vários oficiais daquele comando, inclusive o hoje acadêmico e Delegado da Delegacia General Bertoldo Klinger de São Paulo, o Cel Walter Albano Fressatti, presidente da SASDE e editor de sua bela revista.

Nosso discurso de posse foi publicado sob o título de "Gen Div Augusto Tasso Fragoso, 1867/1945" – biografia, na Revista **A Defesa Nacional** nº 750, 1990.

Quando presidente da Academia Rio-Grandense no fez dela seu sócio correspondente, tendo publicado nosso artigo "Significação histórica do Duque de Caxias" na **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**, nº 1.

Ao visitar Rio Pardo e ler seu livro, concluo que a arquitetura da Tranqueira Invicta desapareceu sob a atual.



Seria ideal que, com apoio em suas indicações que, sobre os mapas das ruas atuais fossem colocados, ao lado do nome de cada rua, os nomes anteriores que elas possuíam. E ainda, localizadas nessa planta, os locais das residências, edifícios públicos e quartéis que existiram no passado.

Dante de Laytano com o autor, em 18 de novembro de 1976, em São Paulo, por ocasião da sessão da Academia

Brasileira de História, em que o mestre nos recebeu na cadeira 12, General Augusto Tasso Fragoso, fazendo notáveis revelações da História de Canguçu, minha terra natal. Revelações que estavam cobertas por espessa camada da pátina dos tempos (Fonte: Arquivo do autor sobre a referida sessão da ABH).

Seria uma notável medida, para preservar a memória da gloriosa Rio Pardo que em 1819/20 mereceu estas observações de Saint-Hilaire em sua **Viagem ao Rio Grande do Sul 1819-20** (Rio de Janeiro: 1935).

"A rua principal é, em parte, calçada, e as demais ainda não o são. Todas as casas de Rio Pardo são cobertas de telhas. Várias casas são grandes e bem construídas. Contam-se em grande número as assobradadas, de um e mesmo dois andares. Quase todas as que anunciam abundância têm sacadas envidraçadas".

É na rua principal que se vêem lojas e armazéns de comestíveis, uns e outros bem sortidos. Embora seja Rio Pardo uma localidade rica e comercial, nada se fez, até agora, para facilitar o desembarque de mercadorias.

Depois de 10 anos é que Martin Buff levantaria a planta de Rio Pardo.

Dante de Laytano, em 1987, prefaciaria o belo livro **Rio Pardo - História, Recordações e Lendas**, da Professora Marina de Quadros Resende, autora da letra do Hino de Rio Pardo, do qual guardo exemplar que ela me dedicou em 30 de abril de 1988, como Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, quando lá estivemos para lançar nosso livro **O Sesquicentenário do Combate do Rio Pardo**, lançado naquela data.

Creio que ninguém poderá escrever sobre Rio Pardo sem recorrer ao seu historiador maior, Dante de Laytano, meu sábio conselheiro de folclore no Instituto de História e Tradição do Rio Grande do Sul.

3ª Parte

Fontes consultadas e indicadas - Bibliografia

A presente interpretação buscou apoio nas fontes indicadas a seguir, cabendo ressaltar, quanto à legislação que regulava o ensino militar em Rio Pardo, a preciosa obra do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, nosso parceiro neste resgate, em Cronologia da Legislação Oficial Original do Colégio Militar de Porto Alegre (Denominações históricas, transformações e outros dados cronológicos. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2001). Neste trabalho citamos muitas fontes, por nós produzidas, que reúnem fragmentos diversos, relativos ao tema nele abordado, espalhados por municípios originários de Rio Pardo, ou sob a sua influência quando, segundo Dante de Laytano, por volta de 1809, o município possuía uma área estimada em 156.800 Km², sendo maior que os atuais países: Bélgica, Grécia, Suíça, Holanda, Áustria, Bulgária, Hungria, Dinamarca, Guatemala, Israel, Jordânia, Líbano, etc.

ABRÃO, Nicolau Silveira. **História do Município de Caçapava do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

ALMEIDA, Davi. **História do Município de Piratini**. Piratini: Graf. CDAJ, 1990, 2ª ed.

ANTUNES, Deoclécio de Paranhos, Cel. **História de Rio Pardo**. Porto Alegre: Liv. Globo, 1933, p. 52/55.

(____) **Andrade Neves , o vanguardeiro**: Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1943.

(____) **Os Dragões do Rio Pardo**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1954.

(____) **O combate do Rio Pardo de 30 de agosto de 1838**. RIHGRGS, nº 64, 1936.

ARAÚJO, Leonardo. **João Cezimbra Jacques-Patrono do MTG**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2003 (Foi instrutor de cavalaria na Escola Preparatória do Rio Pardo).

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. O Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1939, p.149 (Fonte sobre as unidades que aquartelaram em Rio Pardo).

AVELLAR, Jardro Alcântara. **Cel Antônio Senna Madureira**. In: Páginas da História do Brasil. Rio de Janeiro: AHIMTB/Graf. Villeth, 2004.

AZEVEDO, Marinho de et Prado, Alberto. **Os colegas do velho Marechal Dutra**. Revista Realidade, maio/abril 1978 (Entrevistas com os antigos alunos da Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, 1900/1903, Salvador César Obino, Pantaleão Pessoa, Raul Silveira de Mello, Leopoldo Nery da Fonseca, a propósito dos 90 anos do Marechal Dutra).

BARRETO, Abeillard. **Bibliografia Sul Rio Grandense**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura. v. 1, p. 211ss. (Dados sobre Martinho Buff).

BENTO, Cláudio Moreira. **Inspirações geopolíticas das ações de Portugal e do Brasil no Prata e suas projeções no Rio Grande do Sul, 1680-1900**. Resende: AHIMTB, 2002.

(____) **A Revolta do Batalhão de Granadeiros em 1829, que dominou o Quartel do Campo de Santana** in: Quartéis Gerais das Forças Armadas. Original no Arquivo Histórico do Exército, p. 31/34.

(____) Cel. **As presenças dos viscondes de Pelotas e Maracajú na Assembléia de Fundação do Clube Militar.** Revista do Clube Militar (do centenário) nº 280, 1987, p. 18/19.

(____) **O 1º Secretário do Clube Militar – O Cel José Simeão de Oliveira na fundação do Clube Militar e seus escritos.** Revista do Clube Militar (do centenário) nº 280, 1987, p. 26/27.

(____) **Marechal Gastão de Orleans, 1842/1922** in: Artilharia da 6ª Divisão de Exército – AD Marechal Gastão de Orleans. Porto Alegre: PromoArte/AHIMTB, 2003 (Obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis).

(____) **O Exército Farrapo e os seus chefes.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992. 2v.

(____) **A projeção do Governo do Presidente Getúlio Vargas, 1930-1945, no desenvolvimento da Doutrina do Exército.** Era Vargas. Porto Alegre: CIPEL, 2004.

(____) **Marechal Mascarenhas de Moraes – Significação Histórica.** Revista do Clube Militar, Nov/Dez 1983.

(____) **Marechal Mascarenhas de Moraes, conferência no IHGB, no seu centenário,** Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 344, Jul/Set, 1983.

(____) **Autoria dos símbolos do Rio Grande do Sul – subsídios para sua revisão tradicionalista e legal.** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1972.

(____) **Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da Administração de Caxias:** Brasília: EGGCF, 1989 (Contém síntese biográfica de Chico Pedro ou Moringue).

(____) **Paula Cidade, um soldado a serviço do Exército.** A Defesa Nacional, nº 709, 1983, Set/Out, p. 13/33 (Biografia).

(____) **Centenário de nascimento de Bertoldo Klinger.** A Defesa Nacional, nº 711, 1984, Jan/Fev, p. 16 (Síntese biográfica).

(____) **A Escola de Guerra de Porto Alegre** in: História da 3ª RM. Porto Alegre: Pallotti, 1995, v. 2, p. 179/185.

(____) **A 3ª RM na Revolução de 1893/95 in: História da 3ª RM.** Capítulo 7, Porto Alegre: Pallotti, 1995, v. 2, p. 75/174 (Resgate à História da Guerra Civil, 1893/95 do ponto de vista do Exército).

(____). **O massacre federalista de Rio Negro em Bagé em 28 Nov 1893.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 159, nº 378, Jan/Mar 1993, p. 55/88 (importante fonte).

(____) **Sesquicentenário do Combate do Rio Pardo na Revolução Farroupilha.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. v. 149, 1988, p. 92 (síntese) e em plaqueta lançada em Rio Pardo nos 150 anos deste combate e também no volume 2 de O Exército Farrapo e os seus chefes.

(____) **O Forte do Rio Pardo in: A História do Brasil através dos seus fortes.** Porto Alegre: GBOEX, 1982.

(____) **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil.** Rio de Janeiro: FHE-POUPEX, 1987.

(____) **Síntese histórica do 4º B E Cmb, 1910-1982.** Itajubá: 4º B E Cmb, 1982.

(____) **O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: IEL/GRAFOSUL, 1975.

(____) **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Porto Alegre: IEL/A Nação, 1975.

(____) **Canguçu, reencontro com a História - um exemplo de reconstituição de memória comunitária.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1983.

(____) **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996 (Aborda a expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul em 1776).

(____) **Hipólito da Costa – fundador da Imprensa Brasileira:** Porto Alegre: AHIMTB/ IHRGS/Metrópole, 2004.

(____) **História da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Patrício Corrêa da Câmara.** Porto Alegre: AHIMTB/Pallotti, 2002 (Obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis).

(____) **Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, o 1º oficial general nascido na área do Comando Militar do Sul,** in: Comando Militar do Sul – 4

décadas de História 1953-95. Porto Alegre: IHTRGS/CMS, 1995. P. 37/52 (ilustrado).

(____) **Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário.** Porto Alegre: AHIMTB/Metrópole, 2002.

(____) **Amazônia Brasileira. Conquista-Consolidação-Manutenção – História Militar Terrestre da Amazônia.** Porto Alegre: AHIMTB/Metrópole, 2004 (Focaliza Plácido de Castro, que foi aluno da Escola Prática do Exército em Rio Pardo, 1890 a 1892).

(____). **A Revolução Farroupilha in: Brasil-lutas internas até 1889.** R. de Janeiro: AHIMTB, 2002 (Feito para a ECEME. Disponível no site da AHIMTB na Internet).

(____) **A Guerra do Paraguai in: Brasil Lutas externas.** Rio de Janeiro: AHIMTB, 2002 (Elaborado para a ECEME, disponível no site da AHIMTB).

(____) **Resende - História Militar, 1744-2001. Resende:** AHIMTB, 2001 (aborda fontes sobre regulamentação de Ensino no Exército e projeta ações, na AMAN, dos antigos alunos em Rio Pardo: Getúlio Vargas, Eurico Dutra e Mascarenhas de Moraes).

(____) **Os 60 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende.** Resende: AHIMTB, 2004 (projeta ações, na AMAN, dos antigos alunos em Rio Pardo da Escola Preparatória: Getúlio Vargas, Eurico Dutra e Mascarenhas de Moraes e também de José Pessoa, antigo aluno da Escola Prática de Infantaria e Cavalaria em Rio Pardo, neste caso aspectos ligados à construção da AMAN).

BRAZ, Evaldo Munhoz. **Retrato do gaúcho antigo-a gênese de uma cultura.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002 (Bom trabalho).

CAGGIANI, Ivo Leites. **Sant'ana do Livramento-150 anos de História.** Santana do Livramento: Museu Folha Popular, 1986. 3v.

CALDEIRA, Manoel Alves da Silva. **Apontamentos sobre a Revolução Farroupilha.** RIHGRGS, nº 27, 1927 (Trata-se de veterano que traça o perfil de todos o chefes militares farrapos; escrito em Canguçu).

CÂMARA, Rinaldo Pereira da. **O Marechal Câmara e sua vida política.** Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1979. v. 3, p. 85/87 e 129 (coordenado pelo General Riograndino Costa e Silva).

CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Memórias-dados para a História do Brasil**. Porto Alegre: Liv Globo, 1950. 1 ed.

CASSOL, Arnaldo et ABRÃO. **Caçapava capital farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul - período colonial**. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1970.

CIDADE, Francisco de Paula, Gen. **Cadetes e alunos militares através dos tempos**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1958 (Impressão sobre a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, 1898-1903).

(____) **Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo**. A Defesa Nacional, nº 31 (Jun 42) p. 35/38, nº 34 (Set 42, p. 15/20), nº 36 (Nov 42, p. 93/100) e nº 41 (Abr 43, p. 5/10).

COMANDO DAS ARMAS (Atual 3ª RM), Ordens do Dia, números 588, 598, 632, 692, 702, 704, 715, 719, 734, 737 (Alusivas à Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo).

(____) Índice de suas disposições contidas nas Ordens do Dia de 1879 a 30 Jun 1887, Porto Alegre: 1987.

COMANDO DO 6º DISTRITO MILITAR (Atual 3ª RM). Ordens do Dias 159, 165 e 322 (Relativas a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo)

CORREIA NETO, Jonas de Moraes. **Barão do Triunfo – bravo entre os bravos**. Rio de Janeiro: SGEx, 1970.

CORUJA FILHO, (Dr. Sebastião Leão). Datas Rio-Grandenses. Porto Alegre: SEC, 1962, p. 38, 68, 88, 125, 129, 308, 323, 324, 328, 333 e 355.

EM FOCO (Jornal de Rio Pardo). Caderno Especial ilustrado sobre a História do edifício destinado a abrigar o Centro de Cultura Regional – Antiga Escola Militar de Rio Pardo.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo**. Rio de Janeiro: Comissão de História do EME/SERGRAF, 1972. 3v.

Conde D'Eu. **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul em 1865**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1919.

FAGUNDES, Morivalde Calvet, Gen. **O Clube Militar na Proclamação da República**. Revista do Clube Militar (do centenário) nº 280, 1987, p. 60/61.

(____) **Caxias do Sul**: EDUC/EST/MARTINS LIVREIRO, 1983. 1 ed.

FIGUEIREDO, Lima, Cel. **Casernas e Escolas**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1945.

FIGUEIREDO, Osório Santana. **O visconde e o barão de São Gabriel, pai e filho**. in História de São Gabriel. São Gabriel: Ed. Do autor, 1993.p. 225/226.

FLORES, Moacyr. **Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Martins Livreiro,1985.

FORTES, Amyr Borges et WAGNER, João B. S. **História Administrativa e Eclesiástica...do RGS**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1963, p. 73.

FORTES, João Borges. **Rio Grande de São Pedro- povoamento e conquista**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1941.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **Revolução Farroupilha**. Rio de Janeiro; BIBLIEX, 1939.

FREITAS, Fernando de Castro. **Triunfo-História, gente e legendas**. Martins Livreiro, 1985.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930-1983**. Rio de Janeiro: Ed. Forense/FGV/CPDOC/FINEP, 1984, 4 v. (Coordenação: Israel Bilock e Alzira A. de Abreu – contém biografias de Getúlio Vargas, Eurico Dutra, Mascarenhas de Moraes, Pantaleão Pessoa, Emílio Lúcio Esteves, Daltro Filho, João Mendonça Lima, Bertoldo Klinger e César Obino, que estudaram na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo).

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha, Cel. **Cronografia da Legislação Oficial original do CMPA**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2001 (Apresentação do Cel Cláudio Moreira Bento).

(____) **General Rinaldo Pereira da Câmara**. Biobibliografia. Porto Alegre: AHIMTB, 2002.

JOUBIM, Pedro Jacinto Mallet. **Pacificação do Rio Grande do Sul pelo Barão de Caxias**. Revista do Exército, v.116, maio de 1986.

KLINGER, Bertoldo. **Narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: Edit. Cruzeiro, 1944. v.1, p.89/109 (Sua narrativa da Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo 1899/1900).

LAYTANO, Dante de. **Guia de História do Rio Pardo**. Rio Pardo: Prefeitura Municipal, 1979.

LEITE, Mauro Renault et NOVELLI JÚNIOR. **Marechal Eurico Dutra, o dever da verdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983 (O marechal lembra seu tempo em Rio Pardo, como aluno).

LEMOS, Juvêncio Saldanha, **Os Mercenários do Imperador**. Porto Alegre: Palmarinca, 1983.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Rio Pardo mantém de pé o Rio Grande**. in: Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo. Porto Alegre: Liv. Globo, 1984.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Rio Pardo – a arquitetura fala da História**. Porto Alegre: Sulina, 1972.

MEDEIROS, Laudelino. **Escola Militar de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992 (Refere o apoio recebido do Cel Cláudio Moreira Bento, à p. 7), p. 15/20 e p. 36/41.

(____) **Getúlio Vargas e a Escola do Rio Pardo**. RIHGRGS, nº 132, 1998, p. 13/20.

MARIANTE, Hélio Moro. **Decênio Heróico-principais eventos**: Porto Alegre: EMMA, 1985.

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. **As primeiras reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul**. RIHGRGS, ano 19, 1º trim.

MORAIS, Mascarenhas de. **Memórias**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1984, v.2, p. 19/20.

MOREIRA, Ângelo Pires. **Caxias recoloca Pelotas no caminho do progresso depois da Revolução Farroupilha**. Diário Popular, 20 de outubro de 1985.

MÜLLER, Eduardo Cunha. **Marechal Salvador César Obino – o idealizador da Escola Superior de Guerra**. Porto Alegre: Metrópole/AHIMTB, 2003, p. 21/24 (Prefácio do Cel Cláudio Moreira Bento).

NEVES, Ilka. **Domingos José de Almeida e sua descendência**. Porto Alegre: Eidal, 1987.

OLIVEIRA, João Pereira de. **Vultos e fatos de nossa História**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985. 3 ed.

ORNELAS, Manoelito. **Tiarajú**. Porto Alegre: Liv. Globo, 1945.

PEDROSA, José Fernando Maia, Cel. **Marechal Deodoro – o primeiro presidente do Clube Militar**. Revista do Clube Militar (do centenário), nº 280, 1987, p. 22/23.

PEREGRINO, Humberto, Gen. **A Assembléia fundadora do Clube Militar**. Revista do Clube Militar (do centenário), nº 280, 1987, p. 16/17.

PESSOA, Pantaleão. **Reminiscências e imposições de uma vida**. Rio de Janeiro, 1972.

PETRY, Leopoldo. **São Leopoldo, berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul**: Graf.Rotermund, 1964 (Focaliza o personagem Menino Diabo, da Revolução Farroupilha).

PONDÉ, Francisco de Paula et TAPAJÓZ, Vicente. **Organização do Ministério da Guerra no Império**. Rio de Janeiro: BIBLIEx/FUNCEP, 1998, p. 454/455.

RAPOSO FILHO, Amerino, **Cel. Sena Madureira – o representante do Exército na Comissão de Imprensa do Clube Militar e sua esposa Constância Augusta**. Revista do Clube Militar (do centenário), nº 280, 1987, p. 40/41, com retratos.

RELATÓRIOS DOS MINISTROS DA GUERRA. Escola Tática e de Tiro de Rio Pardo. 1886 (p. 18/19); 1887 (p. 15/17); 1888 (p. 14/15); 1889 (p. 25/26) e 1891 (p. 19/20).

RESENDE, Marina de Quadros. **Rio Pardo: História – Recordações – Lendas**. Rio Pardo: 1987, 2 ed. p.61.

RESENDE, Moacyr Lopes, Gen. **História da AMAN**. Resende: Ed. Acadêmica, 1969.

REVISTA DO CLUBE MILITAR. Edição Histórica – Homenagem aos fundadores do Clube Militar. Coleção do Centenário, nº 280, Ano 60, 1987) Coordenada pelo Cel Cláudio Moreira Bento, Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar em seu centenário).

RIO BRANCO, Barão do. **Efemérides**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1946.

RODRIGUES, Francisco Pereira. **Santo Amaro, o QG de Chico Pedro**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003 (Depois, de 1842 a 1845 seu QG foi em Canguçu, segundo os Ofícios do Barão de Caxias e o livro do autor Canguçu reencontro com a História).

SALIS, Eurico Jacinto. **História de Bagé**. Porto Alegre: Liv. Globo, 1955.

SAINT HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820/1821**. Rio de Janeiro: ARIEL, 1935.

SCHUCH, Ângela S. et CARLOS, Ione Maria Sanmartim. **Cachoeira do Sul em busca de sua História**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.

SENA, Davis Ribeiro de. **As revoltas tenentistas que abalaram o Brasil**. Rio de Janeiro: Ed do autor, 2004.

SILVA, João Ribeiro da. **A Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Ed do autor, 2005.

SILVEIRA, José Luiz. **Notícias históricas, 1737 / 1898**. Santa Maria: INFOGRAPH, 1998.

TEIXEIRA, Edilberto. **Lavras do Sul na bateia do tempo**. Lavras do Sul: Casa de Cultura José Neri da Silveira, 1992.

VELLINHO, Moysés. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 9 de dezembro de 1960.

Convenções

ACANDHIS- Academia Canguçuense de História
AHIMTB- Academia de História Militar Terrestre do Brasil
BIBLIEx – Biblioteca do Exército Editora
CIPEL – Círculo de Pesquisas Literárias
EME – Estado-Maior do Exército
FHE- POUPEX – Fundação Habitacional do Exército- Poupança do Exército
IEL- Instituto Estadual do Livro
IHTRGS- Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul
RIHGRGS- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
SGEx –Secretaria Geral do Exército

Dados sobre a AHIMTB, IHTRGS e sobre os autores

Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)

Fundada em Resende em 01 Mar 1996, data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende. A AHIMTB destina-se a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares (Polícias, Bombeiros militares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento). A entidade, com sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias. Como patronos de cadeiras, historiadores militares terrestres assinalados, por vezes, também, ilustres chefes militares, como os marechais José Bernardino Bormann, José Pessoa, Leitão de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e generais Tasso Fragoso, Alfredo Souto Malan e Aurélio de Lyra Tavares. Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil, os generais A. de Lyra Tavares (falecido), Jonas de Moraes Correia (falecido), Francisco de Paula Azevedo Pondé (falecido), Severino Sombra (falecido), o Almirante Hélio Leôncio Martins e os coronéis Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho e Hélio Moro Mariante, este da Brigada Militar/RGS. Figuram como patronos os civis Barão do Rio Branco, Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, Gustavo Barroso, Pedro Calmon, José Antonio Gonsalves de Melo, Arthur Ferreira Filho e Dante de Laytano, pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A Academia tem como 1º presidente de Honra o Comandante do Exército, 2º Presidente de Honra o Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército; 3º presidente de Honra o comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e 4º o Cel Antônio Esteves, Presidente das Faculdades Dom Bosco. Entre os fatores da escolha de Resende ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar, os quais ministra a seus cadetes através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil.

A primeira posse como acadêmico foi a do Gen Carlos de Meira Mattos, na cadeira marechal J. B. Mascarenhas de Moraes. Aos dois muito se deve, na preservação da Memória da Força Expedicionária Brasileira. A segunda posse como acadêmico foi a do Gen Plínio Pitaluga e, logo na 1ª oportunidade, a do Gen Ex Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, distinguindo assim chefes que combateram na FEB. A Academia participou de 23 a 25 de setembro de 1997, de Seminário Comemorativo da Guerra de Canudos na Câmara Federal e, em 25 de setembro, na Globo News sobre o mesmo tema, defendendo a participação das Forças Terrestres no Trágico Episódio que, via de regra, vinha sendo deturpada, quando em realidade a responsabilidade moral e política foi da Sociedade Civil da época, que ordenou a destruição de Canudos. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal O GUARARAPES, já no seu nº 46 (2º trimestre de 2005), que é dirigido a

especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica, por ser gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil e, principalmente, pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa através de sua Home page – <http://www.resenet.com.br/users/ahimtb>, a pioneira entre as entidades do gênero no Brasil, onde implantou vários livros e artigos tais como As batalhas dos Guararapes, relacionadas com o Dia do Exército, e Caxias e a Unidade Nacional, relacionada com o Dia do Soldado. E irá procurar, de futuro, explorar mais este meio de comunicação.

A Academia desenvolve seu trabalho em duas dimensões: 1ª, a clássica, como instrumento de aprendizagem em Arte Militar, com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas, etc. A 2ª, com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que, colocados à disposição das lideranças civis, estas evitem futuros confrontos bélicos, com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Civil Brasileira.

A Academia dá especial atenção à Juventude masculina e feminina que estuda no sistema de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e com as atuais, de historiadores militares terrestres e soldados terrestres. Além disso, tentar despertar, no turbilhão da hora presente, no insondável 3º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e, sobretudo, estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação! É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte das lideranças das Forças Terrestres, as quais tem a responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e a perspectiva históricas das mesmas. Além disso, desenvolver as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas, o que se impõe a uma grande nação, potência ou grande potência do 3º Milênio. No desempenho de sua proposta, a AHIMTB vem realizando sessões solenes junto à juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares, que vem, progressivamente, mobilizando e integrando em sua cruzada cultural. Da mesma forma, centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, junto à AMAN.

Outra finalidade da Academia é enfatizar para os jovens com os quais contacta, a importância da História do Brasil e a de sua subdivisão: A História Militar Terrestre do Brasil. A primeira, como a mãe da identidade e perspectiva históricas do Brasil, e a segunda, como mãe da identidade e perspectivas históricas das forças terrestres brasileiras, no contexto das do Brasil, como acontece em todas as grandes nações, potências e grandes potências mundiais, Isto, por ser subsidiária de soluções táticas, logísticas e

estratégicas militares brasileiras que, nos últimos 500 anos foram responsáveis, em grande parte, pelo delineamento, conquista, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Soluções capazes de contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, agregando progressivos índices de nacionalização, como a sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto, Humberto Castello Branco, etc.

Complementarmente, procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil, e seus desdobramentos. Isto, com apoio na análise racional, e não passional, de fontes históricas, íntegras, autênticas e fidedignas que, com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós, fruto das mais variadas paixões, fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. Se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional, com representantes em todo o Brasil, em suas várias categorias de sócios. Já possui em Brasília, junto ao Colégio Militar, funcionando, a sua Delegacia Marechal José Pessoa. Instalou no Colégio Militar de Porto Alegre a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara e, em Fortaleza, a Delegacia Cel José Aurélio Câmara. No Rio de Janeiro, no IME, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos. A delegacia General Luiz Carlos Pereira Tourinho no CM de Curitiba e, na Polícia Militar de São Paulo, a Delegacia Cel PM Pedro Dias Campos. Em Caxias do Sul a Delegacia Gen Morivalde Calvet Fagundes; em Pelotas a Delegacia Fernando Luis Osório; em São Paulo a Delegacia General Bertoldo Klinger; em Campinas a Delegacia Marechal Mário Travassos; em Minas Gerais, Belo Horizonte, a Delegacia General Antonio de Souza Júnior (no CMBH); em Sorocaba a Delegacia Aluísio de Almeida; em Rio Grande a Delegacia Cel Honorário Antônio Carlos Lopes; em Santos Dumont a Delegacia Ten Brigadeiro do Ar Nelson Freire Lavenère Wanderley e em Volta Redonda a Delegacia General Edmundo Macedo Soares. Em outros locais estabelece sócios correspondentes. Comemorou condignamente o Bicentenário de seu patrono, o Duque de Caxias, em 2003, conforme registrou em seu O Guararapes 39, onde se destaca a edição do livro **Caxias e a Unidade Nacional**.

Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) Em 10 Set 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Riograndense (1836-45) no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica Federal de Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)**.

Instituição destinada a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). A referida fundação está toda documentada em volume especial encadernado, guardado pela Presidência à rua Florença,

266, Jardim das Rosas, Itatiaia-Rio de Janeiro, CEP 27.580-000, e-mail cmbento@resenet.com.br.

Volume sob o título **IHTRGS-Histórico, Organização e Fundação-1986**, com índice, tendo 311 páginas, sendo que às págs. 220/223 constam os nomes dos membros de diversas categorias diplomados na sua Fundação, como também dados dos sócios fundadores, com os respectivos votos para a eleição da Diretoria. Votos que foram apurados por comissão integrada pelos presidentes do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Os Estatutos foram registrados no Tabelionato de Canguçu pelo seu titular, José Moreira Bento e escritã Carla Bento Bosenbecker. Guarda o Presidente, no endereço citado, toda a documentação produzida nos diversos encontros. Com o 2º Presidente do IHTRGS, Osório Santa Figueiredo, em seu endereço: Caixa Postal 91, São Gabriel, RS, CEP 97.300-000, que atuou como secretário e coordenador, todas as atas dos diversos encontros.

Como sócios efetivos fundadores figuraram: o Cel BMRS Alberto R. Rodrigues, o Major Ex Ângelo Pires Moreira (coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr L. Rochefort, Cel Ex Cláudio Moreira Bento (presidente), Corálio Cabeda, Fernando O'Donell, Gastão Abbot (falecido), Cel BMRS Hélio Moro Mariante (vice-presidente), Ivo Caggiani (falecido), Gen Jonas Correia Neto, Cel BMRS José Luiz Silveira (falecido), Júlio Petersen (falecido) Manoel A. Rodrigues (falecido), Mário Gardelin, Mário Matos, Marlene Barbosa Coelho (falecida) Gen Morivalde Calvet Fagundes (falecido), Mozart Pereira Soares, Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanos Dorneles (falecido) e Telmo Lauro Muller.

Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS, registradas em seus Anais, mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas, isolados no movimento cultural gaúcho, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e deslocamentos do IHTRGS até os locais cenários de fastos históricos, para comemorá-los.

Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal**, coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular**, através de Clayr Lobo Rochefort, que dedicou edição especial ao combate do Seival, elaborada pelo presidente do IHTRGS. Em 08Abr1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no **Clube União Caçapavano**, sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado sócio efetivo Humberto Fossa (já falecido), de Encruzilhada do Sul.

Em 13 Set 1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto**, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre, no CPOR/PA, com conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre**, sob a coordenação do sócio Jonas Correa Neto, na época comandante da 6ª DE.

Em 30Abr1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa - o combate do Rio Pardo - quando

foi lançada pelo presidente plaqueta alusiva. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**.

Em 10 Set 1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura**, tendo como tema o combate de Cerro Alegre de 20 Set 1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo, preparatória à fundação, três dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio-Grandense em Piratini, em 06 Nov 1986 e que mereceu do **Diário Popular** memorização condigna do fato histórico, através de artigo do presidente.

Em 10 Jul 1989 ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel**, tendo como tema central a comemoração a resistência à invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido). Houve visita do presidente às ruínas de São Miguel.

Em 15 Set 1990 e 28 Set 1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na **Associação Alcides Maya**, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS, e com apoio cultural e logístico do Dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya.

Em 14 Set 1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no **Plenarinho da Casa de Cultura** José Néri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira.

Em 25 Set 1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento, de caráter internacional, marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial**, sob a coordenação do historiador santanense Ivo Leites Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes**, da lavra do presidente. Foram diplomados como efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jaques Trindade e Blau Souza.

Em 7 Abr 1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS, que reunia diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul-Riograndense**, lá existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias, Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria na qual já haviam sido empossados, quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, os sócios P. J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.

Dia 10 Set 1996, o IHTRGS fez mais um encontro no Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, em parceria com a **Sociedade Sul Rio Grandense**, e seu **CTG Desgarrados do Pago** e

mais o **Galpão da Saudade** da **Academia Militar das Agulhas Negras**, para memorar o seu 10º aniversário e suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio-Grandense**, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido.

Em 27Mai99 foi feito um memorável encontro no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi reverenciada a memória dos seguintes sócios falecidos, evocados pelos novos sócios: Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte; Aparício Silva Rillo, de Porto Alegre (samborjense de coração); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jacques Trindade, de Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul; Arnaldo Cassol, de Caçapava do Sul; Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul; Sejanos Dornelles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de Dom Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram eleitos os seguintes sócios efetivos: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ivo Benfatto, Major Flávio Mabilde (falecido), Cap BMRS Aroldo Medina, José Conrado de Souza, Cel Leonardo R. de Araújo e Ten Cel Cláudio Belém de Oliveira.

Em 24Jul99, na cidade de Alegrete, em encontro presidido pelo 2º presidente, Osório Santana Figueiredo, foram eleitos sócios efetivos: Hugo Ramires e Maria Fraga Dornelles. Sócios colaboradores: Sérgio Alves Levy, César Pires Machado, João Francisco de Andrade e Marione Jacques. Sócio correspondente: Daniel Fanti.

Em 15Abr2000, na reunião de Rosário do Sul, presidida por Osório Santana Figueiredo foram entregues diplomas de colaboradoras às professoras Mara Regina Miranda de Souza, Secretária Municipal de Educação e a Maria Almir Souto Nascimento.

Nestes 17 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do **IHTRGS** faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações, para presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas, o que nos parece lamentável. E no caso do R. G. do Sul, como ficará a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe!

Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Platéia** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e de o **Tradição**, que era editado pelo sócio efetivo Edson Otto que o tornou órgão de divulgação oficial do **IHTRGS**, do **MTG** e da **CBTG**.

Em **História** ou **Estória**, publicado em **Tradição**, em maio de 96 (ano da consciência tradicionalista) o Presidente do IHTRGS abordou a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas

exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura, de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá **HISTÓRIA** e não **ESTÓRIA** do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **TRADIÇÕES GAÚCHAS**? Eis a pergunta que o IHTRGS deixará no ar no seu 19º ano de atividades? Preza a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor, para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas, mais consensos sobre soluções a implementar! E que não se repita o que ocorria em 1904, segundo J. Simões Lopes Neto em sua histórica conferência na Biblioteca Pública de Pelotas sobre Educação Cívica e sobre o ensino de História do Brasil:

“Esse estudo não é somente descuidado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua conseqüência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias. Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil é dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil”.

Mas o que se tem assistido nos programas como A Ferro e Fogo, levados ao ar pela RBS, são versões desanimadoras, como manipulações da História do Rio Grande do Sul que ao invés de usarem a História como “a mestra das mestras, a mestra da vida” a fazem de “Maestra da calúnia e da mentira”, segundo definiu o falecido historiador Luis Flodoardo Silva Pinto, membro do IHTRGS. E mais, não dão oportunidade ao contraditório, somente a monólogos. É fundamental uma mudança neste sentido para



caracterizar de fato a Liberdade de Imprensa, como uma rua de duas mãos que contemple o Direito de resposta e o Contraditório. Do contrário teremos a Liberdade de Empresa, um abuso conjunto do Poder Político, ou a opressão social e do Poder Econômico ou ainda a exploração social, que não podem prosperar num regime democrático, que não violente direitos das minorias, e que devem ser incluídas progressivamente e fraternalmente na Sociedade Brasileira.

**Currículo cultural sintético do Cel Cláudio
Moreira Bento**

Natural de Canguçu-RS, onde nasceu em 19 de outubro de 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Esta, descendente dos primeiros povoadores de Canguçu, das famílias Mattos, Borba e Gomes.

Iniciou sua carreira como soldado, na 3ª Cia Com em Pelotas-RS. Asp de Eng em 15 Fev 1955, da Turma Aspirante Mega. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate, em Itajubá-MG (1981-82). Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército (1985-90), tendo, como oficial de Estado-Maior, servido no Comando Militar do Nordeste, no Estado-Maior do Exército, no Departamento de Engenharia e Comunicações, no Comando Militar do Sudeste, na Academia Militar das Agulhas Negras, na 1ª Região Militar, entre outros locais.

Historiador Militar consagrado, com mais de 70 títulos publicados e cerca de mais de 1.000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e Estados Unidos, sobre História Militar, em especial a do Exército Brasileiro. Seu artigo "Participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra", publicado em inglês na **Military Review**, revista do Exército dos EUA, está acessível na Internet. Integra as principais instituições nacionais de História: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/1978 (emérito); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (membro benemérito); Academia Brasileira de História (patrono: Gen Tasso Fragoso) e as academias de História de Portugal, da Real de Espanha e da Argentina. Integra também o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro e o Marechal Ramon Castilha Brasil-Peru. Fundou, em 1986, e preside, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e fundou as academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. Das duas últimas é presidente Emérito e da 1ª é 1º Presidente. Idealizou a de Itajubá – MG, da qual é Presidente de Honra. Presidiu a fundação da Academia Barramansense de História, da qual é acadêmico na cadeira Mal Floriano Peixoto. Pertence aos institutos históricos do RS, SC, PR, SP, MG, MT, RJ, PB, RN, CE e das cidades de São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Pelotas e Sorocaba, SP. É correspondente das academias de Letras do Rio Grande do Sul, da Paraíba e da Academia Petropolitana de Poesia Raul Leoni.

Fundou em 1º de março de 1996, em Resende - A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB). Academia que tem como patrono o Duque de Caxias e, entre seus patronos de cadeiras, dois ex-comandantes da AMAN, os marechais José Pessoa e Mascarenhas de Moraes.

Foi instrutor de História Militar na AMAN, 1978-80 onde, com apoio do Estado -Maior do Exército (EME), editou o manual **Como Estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** que, desde 1978, vem sendo adotado na AMAN e ECEME, particularmente no tocante à metodologia de pesquisa histórica. Coordenou, então, a edição dos livros textos **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil**, com apoio em recursos do EME. Desde então, livros textos na Academia Militar das Agulhas Negras (há mais de 20 anos).

Coordenou o projeto, a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, inaugurado em 19 Abr 1971, ocasião em que foram lançadas suas obras **A Grande Festa dos Lanceiros** (relacionando o

Parque Histórico Mal Osório, inaugurado, e o Parque Guararapes) e **As batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar**, sobre a qual se manifestaram, elogiosamente, por escrito, Pedro Calmon, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Nilo Pereira, Leduar Assis Rocha, etc. Manifestaram-se também os historiadores militares generais Aurélio Lyra Tavares, Antônio Souza Júnior, Carlos de Meira Mattos, coronel Ruas Santos, entre outros. Trabalho no qual foram baseadas a Maqueta e os mapas explicativos das batalhas, constantes de Sala sob o Mirante dos Guararapes, inaugurada em 20 de abril de 1998, pelo Exmo Sr. Ministro do Exército, Zenildo de Lucena, conforme consta dos referidos mapas, o que foi anunciado pelo mestre de cerimônia na inauguração do Mirante. Participou do I Simpósio Guararapes, onde abordou, na SUDENE, o tema As Batalhas dos Guararapes, tendo sido distinguido pelo Comando Militar do Nordeste para ali hastear a bandeira nacional em homenagem a seu pioneirismo na idéia do 1º Parque Histórico Nacional, hoje concretizado. Na ocasião fez-se o lançamento de seu livro sobre as batalhas, o qual ajudou a que a data da 1ª batalha dos Guararapes, ocorrida em 19 de abril de 1648, fosse considerada por decreto presidencial, o Dia do Exército, o qual ali despertou seu espírito, junto com o de nação brasileira.

Foi coordenador científico, em 1971, do Projeto Rondon dos Guararapes, que contou com a participação de 5 cadetes da AMAN, alunos e alunas universitárias de Ciências Humanas, vindos de diversos locais do Brasil, para pesquisarem a Insurreição Pernambucana, com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, citado. Disto resultou o livro, por eles escrito, **O Projeto Rondon nos Guararapes**, que foi editado pela SUDENE, com apoio de seu Superintendente, o então Gen Bda Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. Os estudantes retornaram na inauguração do Parque, em 19 de abril de 1971, trazendo as bandeiras de seus estados, as quais hastearam no Morro do Telégrafo. As bandeiras do Brasil e de Portugal foram hasteadas, respectivamente, por um cadete da AMAN e um cadete de Engenharia de Portugal. Esta experiência inspirou a criação, pelo Cel Bento, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, voltada para a juventude militar, que frequenta as escolas do Exército e as das Forças Auxiliares.

Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, que editou, em 1972, a **História do Exército Brasileiro**, em 3 volumes, cabendo-lhe, como historiador convidado, abordar as guerras holandesas. História ora reeditada, com apoio da Odebrecht, e relançada no Forte do Brum em 20 de abril de 1998, em cerimônia presidida pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Zenildo de Lucena. Esta obra tem a denominação de O Exército Brasileiro na História do Brasil, com novas ilustrações e coordenada pela DAC/BIBLIEx. Presidiu: a Comissão que editou Revista do Exército comemorativa ao bicentenário do Forte de Coimbra; a que resultou na escolha do Forte de Copacabana como Museu do Exército e sua conseqüente criação no final dos anos 80, além de haver cooperado no texto relativo ao Salão Império do Museu; a Comissão de História Militar de A

Defesa Nacional, na administração, da BIBLIEx, do Cel Aldílio S. Xavier. Revista de que foi conselheiro editorial por longo tempo.

Possui 7 prêmios em concursos literários no Brasil e Estados Unidos, onde se destacam: pela BIBLIEx, 1º lugar: O Exército e a Abolição; Exército na Proclamação da República; e O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul. Foi 1º lugar em Concurso Nacional e 1º lugar, pela Military Review, com a pesquisa O Exército no desenvolvimento - o caso brasileiro; e 2º prêmio com O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa; 2º lugar em concurso nacional com a obra Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul, comemorativo ao Biênio da Colonização e Imigração para o Rio Grande do Sul, em 1975-76. Foram destaques especiais em 1989 e 1990, pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJ) suas obras Quartéis-Generais das Forças Armadas do Brasil e A Guarnição Militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República, editadas pela FHE-POUPEX. Foi premiado com a Monografia A Produção de Estimadas no concurso Argus, promovido pela EsNI em 1976. As duas obras, antepenúltima e penúltima, e mais seus álbuns Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas (FHE-POUPEX) e A História do Brasil através de seus fortes, decoram paredes de comandos e tropas espalhados por todo o Brasil.

Sua bibliografia consta do **Dicionário de historiadores brasileiros**, v.1 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Dicionário Biobibliográfico Gaúcho, Martins Livreiro, e também no site da AHIMTB www.resenet.com.br/users/ahimtb

Currículo Cultural sintético do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Cel Inf EM R/1, nasceu em Dom Pedrito-RS, em 02 Jun 1949, filho de Paulo Giorgis e de D. Ester Caminha Giorgis. Coursou o CPOR-PA em 1969 e a Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, na Cidade dos Cadetes, onde foi declarado Asp Of Inf em 1974, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 1984 e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército em 1993/94 onde liderou, como animador cultural e tradicionalista, diversas promoções evocativas ao tradicionalismo gaúcho. Foi instrutor de Geografia e de História Militar na AMAN, em 1991-92, tendo chefiado a cadeira de História em 1992. Comandou a Companhia de Comando do Comando Militar do Sul, em Porto Alegre (Jun 87-Dez 89) e o 10º Batalhão Logístico, em Alegrete/RS, cidade que, por sua destacada atuação profissional, conferiu-lhe o título de cidadão alegretense. Foi estagiário de Estado-Maior na 5ª Bda C Bld.

Chefiou o Escalão Logístico da 3ª Região Militar, sua última função no Serviço Ativo. Na Reserva, procura dar continuidade e divulgação às suas pesquisas sobre Tradicionalismo e História Militar Terrestre do Brasil. Ocupa a cadeira nº 4 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, cujo patrono é o historiador militar terrestre brasileiro Gen Antônio da Rocha Almeida. Foi

colaborador do Jornal Tradição, órgão (extinto) de divulgação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, do Instituto de História e Tradições do RGS e da Confederação de CTGS.

É o 1º vice-presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e o redator do seu informativo O Gaúcho. É o delegado, no Rio Grande do Sul, da novel Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, da AHIMTB. Esta, é homenagem, ao biógrafo do Marechal Câmara. Coube ao Cel Caminha, em acurada pesquisa, resgatar a vida e obra do General Rinaldo. Em 2001, a AHIMTB, o IHTRGS e o CMPA lançaram plaqueta, de autoria do Cel Caminha, focalizando a legislação que tem regulado o Ensino do Exército no Rio Grande do Sul, desde a criação, em 20 de setembro de 1851, no 6º aniversário da Revolução Farroupilha, da Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul, que foi localizada na Praia de Belas, e que se constituiu no primeiro estabelecimento de ensino superior do Rio Grande do Sul. Trabalho em que o autor levanta fontes diversas, produzidas por diversos autores, para alavancar-se a História do Casarão da Várzea, denominação histórica e atual local de funcionamento do Colégio Militar de Porto Alegre.

O Cel Caminha é professor do CMPA desde maio de 2002. Paralelamente a essas atividades, realiza o Curso de Graduação em História pela PUCRS. É palestrante da 3ª RM, já com três palestras realizadas, todas relacionadas à história da 3ª RM e a seus comandantes. Esta é mais uma parceria do Cel Caminha com o Cel Bento.

Posfácio

Rio Pardo! Tranqueira Invicta!
Rompeu-se o véu que encobria a história das Escolas Militares em Rio Pardo.

Meu interesse na Escola Militar de Rio Pardo provém de remotas reminiscências familiares, haja vista ter o saudoso avô – Marechal Salvador César Obino – nela iniciado a sua Brilhante Trajetória Militar.

Posteriormente, esse interesse intensificou-se com a leitura das Memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes, focalizando a sua passagem pelo vetusto Estabelecimento de Ensino Militar.

Fomentando a mesma linha de curiosidade, somaram-se as Reminiscências dos Marechais Fernando Setembrino de Carvalho e Pantaleão da Silva Pessoa, a quem tive o privilégio de conhecer pessoalmente.

Lá pelos idos de 1985, movido pela mesma razão histórica, participei de roteiro turístico que passava por Rio Pardo, na expectativa de visitar a Escola que abrigara dois Presidentes da República e vários Marechais e Generais do nosso Exército. Lamentavelmente, encontrava-se fechada à visitação.

Posteriormente, ao elaborar o Esboço Biográfico do Marechal Salvador César Obino – O Idealizador da Escola Superior de Guerra – debruicei-me novamente sobre a Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, onde o biografado estudara de 1901 até 1903. Para tanto, afora as Obras antes elencadas, socorri-me de importante trabalho do Saudoso Amigo e Notável Historiador, o Professor Laudelino Medeiros, enfocando a passagem de Getúlio Dornelles Vargas pela Escola.

Agora, atendendo ao amável convite dos Autores, vislumbro, com a satisfação de discípulo, que as fontes que abeberaram a mesma curiosidade, foram também utilizadas nesta Obra, de fôlego, rompendo a bruma do tempo que pairava sobre as importantes Escolas Militares em Rio Pardo.

Na inesquecível viagem de estudos promovida pelos Autores, em que participei como convidado, pude, enfim, saciar a curiosidade de quase meio século. Ao ingressar nos umbrais do Velho Casarão, que abrigara, em passado longínquo, tantas personalidades de destaque na República, senti o peso das suas arcadas, sensação que já experimentará ao ingressar no não menos tradicional Colégio Militar de Porto Alegre. Com que curiosidade percorri, demoradamente as suas dependências, buscando reconstituir mentalmente o cotidiano escolar do início do Século passado. Como seria a Cidade de Rio Pardo naquela época? Como seria o ambiente na Escola? E os estudo, os

troles, a rotina de uma Escola Militar em tempos idos? Desfrutariam os Cadetes de vida social compartilhada com a Comunidade?

Tudo isso é magicamente reconstituído pelos Autores, com se lá estivessem presentes, louvando-se, fidedignamente, nas esparsas fontes que lograram obter a respeito.

Portanto, está feito o resgate que a Historiografia Militar Terrestre estava devendo à legendária Tranqueira Invicta.

Dr. Eduardo Cunha Müller
Acadêmico da AHIMTB